

Jean Daubier

HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO  
CULTURAL CHINESA

SEGUNDO VOLUME



Questões



EDITORIAL PRESENÇA

JEAN DAUBIER

HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO  
CULTURAL CHINESA

2.º VOLUME

Colecção QUESTÕES

•

EDITORIAL PRESENÇA

Título original:

HISTOIRE DE LA RÉVOLUTION CULTURELLE  
PROLÉTARIENNE EN CHINE

© Copyright Librairie François Maspero

Tradução de MARIA HELENA MACHADO LOPES  
e MARIA DA LUZ CARY

Capa de F. C.

---

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa à  
EDITORIAL PRESENÇA, LDA. — Av. João XXI, 56-1.º  
LISBOA

**CAPITULO III**

**DE ABRIL A SETEMBRO DE 1967**

**O GRANDE TUMULTO**

1. DE ABRIL A JUNHO DE 1967

I. «A GRANDE CRÍTICA REVOLUCIONARIA DE MASSA»

*O «Khruchtchev chinês»*

Em Abril de 1967, a linha maoísta iria retomar a ofensiva e alcançar um certo número de vitórias. Mao Tsé-Tung não teme as dificuldades e conserva, face às mais graves, uma confiança e um optimismo pouco vulgares. Os acontecimentos do período precedente foram tumultuosos e carregados de perigos; entre os próprios maoístas, a existência de duas tendências, uma para sublinhar o papel das massas e outra para acentuar o papel dos quadros e do Partido, viera acrescentar um segundo conflito ao que já os separava da facção liunista. Nos organismos dirigentes da Revolução Cultural, nomeadamente no G.E.R.C. onde, a partir da eliminação de Tao Chu, o Presidente do Partido procurava colocar exclusivamente partidários seus, havia riscos de cisão. É evidente que tal situação, a concretizar-se, teria privado o movimento revolucionário de orientação e, nas circunstâncias agi- tadas da época, favoreceria a anarquia. Segundo car-

tazes afixados em Pequim, Mao Tsé-Tung teria até declarado em Julho de 1967 que este período da Revolução Cultural Proletária fora particularmente crítico. Um outro chefe ter-se-ia talvez retirado e renunciado a uma empresa que parecia demasiado perigosa; ele, pelo contrário, viu chegada a hora de recomeçar a batalha.

Foi a partir das directivas de Mao que se amplificou a luta contra a linha de Liu Chao-chi e dos partidários deste. Iniciou-se assim um movimento de crítica de carácter marcadamente ideológico em todos os domínios da vida política, militar e económica em que a influência do Presidente da República se exercera. Este movimento iria desenvolver-se simultaneamente em todos os escalões da sociedade com a participação da população nas múltiplas reuniões de discussão e estudo.

Embora Liu Chao-chi estivesse afastado do poder e sem possibilidades de ter uma actividade política directa, a sua influência não fora aniquilada pois tinha raízes em tudo o que a sociedade chinesa podia conter de tradição e conservantismo. O homem estava açaimado, mas a linha política que encarnara estava viva e resistia sob formas complexas. Estimular a crítica deste plano ideológico contribuiria para reduzir os entraves que ela punha ao desenvolvimento revolucionário. Mao Tsé-Tung esperava que, entrando numa fase de crítica mais aprofundada, as massas pudessem distinguir melhor os objectivos comuns da luta e que isso reforçaria o movimento de aliança entre as mesmas. Nos organismos centrais do Partido em que a luta entre as duas linhas também se manifestava, esta nova ofensiva permitiria igualmente definir melhor os problemas e favorecer a unidade em bases revolucionárias.

Dado que a ala esquerda do G.E.R.C. temia que a luta não prosseguisse até ao fim, esta nova ofensiva era de molde a satisfazê-la. Ia ser dado mais um passo na luta contra Liu Chao-chi. A partir daqui,

a crítica já não seria apenas feita através de jornais murais afixados nas ruas, portanto sem carácter oficial: a imprensa central do Partido tomava-a a seu cargo. Porém, a condenação do Presidente da República tomaria apenas um aspecto semi-oficial: o seu nome não seria ainda impresso no *Diário do Povo* e no *Bandeira Vermelha*. Através de um dos tais jogos de palavras em que os chineses são mestres, Liu seria designado por termos mais ou menos metafóricos: «o mais alto dos responsáveis empenhados na via capitalista» e «o Khruchtchev chinês». Lembro que é de regra na vida política chinesa só nomear um opositor com um lugar elevado pelo seu nome quando a luta contra ele terminou, quando foram definitivamente reunidos os elementos de acusação e pronunciada a sanção política, a qual se faz normalmente acompanhar da exclusão do opositor.<sup>1</sup>

Esta fase nova da crítica de Liu Chao-chi foi designada na China «A grande crítica revolucionária de massa».

De facto, o conjunto da população participaria nela: em todas as universidades, escolas secundárias, fábricas e serviços diversos, as organizações de massa, os grupos ou simples indivíduos redigiram e afixaram *dazibaos*. Explicavam nestes cartazes a forma como, no seu local de trabalho, se exercera ou tentara exercer-se a influência revisionista. A expressão das ideias recebeu assim um novo impulso. Todos poderiam educar-se e aprofundar o conhecimento da natureza do revisionismo. O objectivo dos dirigentes maoístas consistia em elevar a consciência política da população através desta vasta troca de ideias.

---

<sup>1</sup> Liu Chao-chi só seria declaradamente criticado pela imprensa oficial chinesa no Outono de 1968, após a 12.ª Sessão Plenária do Comité Central e ter sido pronunciada a sua exclusão. O mesmo aconteceu em 1955, quando do caso Kao Kang.

O número de *dazibaos* então afixados era inédito. As paredes não chegavam, tiveram de se arranjar novos locais: nos pátios das fábricas construíram-se então *placards* feitos de palha entrançada fixada a ripas de madeira. Até as cantinas foram utilizadas: fixaram-se arames de parede a parede onde os *dazibaos* eram pendurados com molas, o que transformou os restaurantes em vastos labirintos de paredes bombásticas onde pairava um intenso cheiro a tinta.

### *Patriotismo ou derrotismo*

Desta vez, o conjunto do aparelho de propaganda oficial do Partido empenhou-se na batalha de alma e coração. A 31 de Março, a rádio nacional e a imprensa oficial iniciaram a denúncia da orientação política de Liu Chao-chi designado pelas perifrases que já indiquei.

Tsi Pen-yu, um redactor do *Bandeira Vermelha* de que já falámos<sup>2</sup> na altura da crítica à Pandilha Negra, abriu o fogo no órgão teórico do Partido com um longo artigo que veio a ter um sucesso estrondoso: *Patriotismo ou Derrotismo*.<sup>3</sup> Tsi Pen-yu surgiu na cena política chinesa durante a Revolução Cultural e, como anteriormente só exercera actividades secundárias, é pouco conhecido.<sup>4</sup> Faz parte de um grupo de jovens ideólogos que, a partir de Maio de 1966, acederam a funções mais elevadas; era membro do G.E.R.C. e aparentava ter uns quarenta anos. O seu rosto de intelectual, impassível, é protegido por espessos óculos que lhe dão um aspecto vagamente amuado. Mau orador, possui no entanto qualidades de estilo que fazem com que os seus artigos sejam extremamente inci-

---

<sup>2</sup> Cf. *supra*.

<sup>3</sup> Cf. *Pékin Information*, n.º 15, 10 de Abril de 1967.

<sup>4</sup> Julgo que foi professor de filosofia na Universidade de Pequim.

sivos. As posições ultra-esquerdistas que virá a tomar vão valer-lhe ser afastado das suas responsabilidades em 1968. Em *Patriotismo ou Derrotismo* critica detalhadamente Liu Chao-chi<sup>5</sup> que acusa de ter, em 1950, usado da sua influência para favorecer a difusão na China de um filme feito antes de 1949 por um cineasta que entretanto se refugiara em Hong-Kong: *História secreta da corte dos Tsing*. Este filme exalta o papel assumido, na época do que se chama no Ocidente a revolta dos *Boxers*, pelo imperador Kuang Siu, representante de uma tendência reformista que, no seio da aristocracia, se opunha à imperatriz regente Tseu Hi. Tsi Pen-yu afirma que esta obra cinematográfica apresenta Kuang Siu e os partidários deste como patriotas empenhados na regeneração da China sem mostrar as agressões estrangeiras de que então esta era vítima e apresenta negativamente os *Boxers*, a que os chineses chamam os Yiho tuan. Ora, explica o autor, os Yiho tuan dirigiam então um movimento de resistência popular ao imperialismo.

A partir daqui, Tsi Pen-yu esforça-se por demonstrar que o apoio de Liu Chao-chi à difusão deste filme prova a orientação fundamentalmente burguesa de Liu Chao-chi em matéria ideológica. Para apoiar esta tese, evoca também medidas anteriormente tomadas por Liu que favoreciam a conservação do sector privado tanto na agricultura como na indústria. Acusa-o de ter manifestado tendências para o compromisso durante a guerra contra o Japão e, depois, durante a guerra contra o Kuomintang. O artigo acusa também Liu Chao-chi de se ter oposto ao Grande Salto em Frente, de ter tido um papel nefasto no Movimento de Educação Socialista; põe sobretudo em causa o papel de Liu

---

<sup>5</sup> Designa-o por «o mais importante dos responsáveis empenhados na via capitalista». Teng Hsiao-ping será mencionado como «outro alto responsável empenhado na via capitalista».

durante a Revolução Cultural Proletária na época dos grupos de trabalho. Tudo isto já fora tornado público pelos Guardas Vermelhos e pelos revolucionários proletários em cartazes afixados nas ruas, mas é a primeira vez que um órgão oficial do Partido põe em causa o Presidente da República a propósito da linha dita reaccionária burguesa por ele seguida durante a Revolução Cultural. Aliás, o *Bandeira Vermelha* publicou também neste número uma série de artigos sobre o mesmo assunto, entre os quais um relatório de inquérito sobre a actividade dos grupos de trabalho na universidade Tsinghua em Junho e Julho de 1966. Já era do domínio público que fora Wang Kuang-mei, mulher de Liu Chao-chi, que os dirigira aí. Nestes artigos sublinhava-se principalmente o papel nocivo da linha liunista relativamente aos quadros, que visava opô-los às massas para impedir a unidade de acção na luta revolucionária.

Na imprensa do Partido é publicada uma série de artigos sobre o mesmo tema: sublinhavam incansavelmente que o movimento de crítica revolucionária de massa que se iniciava deveria estimular a Grande Aliança, permitir realizar a Tripla União, fazer progredir a luta dos revolucionários proletários para a transferência do poder e quebrar definitivamente a contracorrente.

Entretanto havia manifestações diárias nas ruas de Pequim. Todas as organizações de massas da capital desfilaram ao som de palavras de ordem hostis a Liu Chao-chi, Teng Hsiao-ping e Tao Chu: «Da Dao Liu Teng Tao!» (Abaixo Liu - Teng - Tao!).

Na mesma época as caricaturas e os cartazes voltaram a aparecer em grande número. Um destes cartazes, afixado aos milhares pela cidade, foi muito notado: nele se viam várias fotografias da mulher de Liu Chao-chi tiradas quando da viagem oficial que ela e o marido tinham feito dois anos antes à Indonésia. Numerosas fotografias, atravessadas por dois riscos

cruzados<sup>6</sup>, mostravam Wang Kuang-mei, toda sorrisos, envergando um vestido de estilo chinês tradicional, justo e aberto dos lados, bebendo *champagne* ou dançando com o ex-presidente Sukarno. Projectou-se também o filme documental realizado durante esta viagem onde se viam as actividades mundanas muito pouco proletárias que tinham ocupado Liu Chao-chi e a mulher.

Nesta altura, o filme *História secreta da corte dos Tsing* de que Tsi Pen-yu fizera uma profunda crítica era também projectado por toda a parte. Múltiplas cópias do filme foram rapidamente feitas para que as massas pudessem avaliar as críticas com pleno conhecimento de causa. Aliás, existe na China o hábito de se difundir o mais depressa possível à escala nacional todos os documentos de interesse geral. Se se trata de um filme, é reproduzido em numerosos exemplares, enviado para todo o país e projectado em cada local de trabalho, universidade ou escola; as sessões são gratuitas e previamente anunciadas por altifalantes.

Realizaram-se em Xangai, Nankin, no Chansi, em Chantung e em numerosas províncias chinesas manifestações análogas às que acabámos de descrever; no seio do exército realizaram-se vários *meetings*. O conjunto deste movimento de crítica durou vários meses.

O dia 10 de Abril de 1967 marca uma data importante: neste dia houve uma concentração de cerca de 200 000 pessoas na Universidade Tsinghua, no mesmo local onde durante o Verão de 1966 se travara o difícil combate que opusera os estudantes revolucionários aos grupos de trabalho.

Fizeram-se então uma série de críticas contra as actividades de Wang Kuang-mei e dos seus acólitos. O público tomou conhecimento de relatórios pormenorizados sobre o desenrolar dos factos e de diversos

---

<sup>6</sup> Em sinal de desprezo e hostilidade.

testemunhos de vítimas do grupo de trabalho. Os acusados estavam presentes na tribuna: Wang Kuang-mei era acompanhada pelo ex-ministro da indústria, Pao Yi-puo.

A reportagem filmada e fotográfica deste *meeting* foi muito difundida. Os textos dos discursos e dos relatórios pronunciados nesta ocasião foram publicados na imprensa paralela das organizações de massa e em numerosos comunicados distribuídos nas ruas.

### *O Xiuyang*

Um dos elementos principais da crítica revolucionária de massa decorreu da análise profunda de um livro escrito por Liu Chao-chi: *Lun Gong Chan Dang Yuan de Xiuyang* (textualmente: «a teoria do aperfeiçoamento individual do comunista»), traduzido em francês sob o título *Pour être un bon communiste*. Na época o próprio Mao Tsé-Tung deu directivas para que o livro fosse lido e criticado por todos. Esclareceu que esta crítica deveria fazer-se de uma maneira viva e ligada aos problemas políticos que se colocavam em cada unidade de trabalho. Nesta época, o livro foi amplamente vendido nas ruas a fim de que os revolucionários pudessem adquiri-lo.

A crítica a este livro era importante pois constituía um factor essencial da educação política das massas que o Presidente do Partido desejava favorecer através da Revolução Cultural Proletária.

Não cabe no âmbito deste trabalho lembrar todas as críticas feitas ao manual de Liu Chao-chi. Vou pois limitar-me a alguns pontos fundamentais. Muitos estrangeiros admiraram-se por ver esta obra ser criticada. Muitos observadores julgavam este livro rigorosamente marxista e, por esse mundo fora, muitos grupos pro-chineses recomendavam a sua leitura. Quando a obra foi apresentada na China como revisionista e oposta à doutrina de Mao, a surpresa foi geral. De facto,

esta oposição da obra de Liu ao marxismo não é evidente para os espíritos europeus e só é discernível através de um exame atento do texto.

Detenhamo-nos no capítulo intitulado: «Atitude sobre as ideias erradas e a luta no seio do Partido». Logo no princípio, Liu Chao-chi reafirma teses comunistas clássicas: «É preciso», escreve, «rejeitar qualquer tipo de liberalismo». «Não se deve temer a luta necessária no interior do Partido». «Esta deve ser intransigente e atacar pela base todos os erros de princípio», esclarece ainda. Porém, logo a seguir, Liu Chao-chi explica longamente as anteriores afirmações; e a explicação acaba por subtilmente se desviar bastante do tema primitivo. Liu Chao-chi tenta mostrar que existe uma tendência, por ele qualificada de «esquerdista» e «dogmática», para levantar constantemente questões e polémicas no seio do Partido. O essencial dos desenvolvimentos que constituem este capítulo tende a estigmatizar aquilo a que o autor chama uma atitude «provocatória», a «mania da luta», «o hábito de rejeitar qualquer compromisso e de levantar tempestades num copo de água». «Segundo essas pessoas que parecem dementes», diz Liu Chao-chi, «toda a espécie de paz no seio do Partido seria condenável». O texto prossegue no mesmo tom ao longo de numerosas páginas. Tudo isto ganha o seu verdadeiro significado para o leitor conhecedor da realidade chinesa, que é obrigado a ver no livro uma condenação velada de Mao Tsé-Tung e um eco do caso Peng Teh-huai. O «demente» afectado pela mania da luta é, evidentemente, o Presidente do Partido; o ex-ministro da Defesa por ele destituído será uma pobre vítima da sua atitude provocatória.

Neste ponto impõe-se um esclarecimento: o livro de Liu Chao-chi, escrito em 1939, foi reeditado em 1962. Ora estas passagens datam de 1962 e surgem como «actualizações» introduzidas pelo autor nesta época; não esqueçamos que foi nessa data que Peng Teh-huai pediu a reabilitação. É também característico

o facto de estes ataques contra os «esquerdistas» e os «dogmáticos» datarem de 1962. Na história do movimento comunista este ano tem uma certa importância: é o ano em que as divergências entre o Partido Comunista Chinês e o Partido Comunista da União Soviética se tornaram públicas. É o ano em que, sob a direcção de Khruchtchev, os responsáveis soviéticos adoptaram, depois do XXII Congresso, uma linha política que os Chineses qualificaram de revisionista e à qual se opuseram energicamente. O Partido Comunista Chinês afirmou então que o movimento comunista enfrentava um grave perigo de degenerescência revisionista. Os Khruchtchevianos atacavam por seu turno o que designavam por «o grupo de Mao Tsé-Tung», qualificado na sua imprensa de «esquerdista» e «dogmático». Nestas circunstâncias, e tendo em conta os hábitos políticos no seio do movimento comunista, o facto de um dirigente como Liu Chao-chi ter introduzido no livro que escrevera um ataque contra o dogmatismo e o esquerdismo sem fazer a mais pequena referência ao oportunismo de direita e ao revisionismo só pode ser interpretado como a expressão, por parte do autor, de perspectivas mais próximas das dos soviéticos que das de Mao.

Algumas outras passagens do livro foram denunciadas como ataques disfarçados contra este último. Liu sugere que no Partido não deve haver «heróis» nem «grandes figuras». Alude também a pessoas «que procuram por todos os meios realçar o seu mérito próprio»: «Gostam», diz Liu, «de suscitar diferendos no seio do Partido, de dizer mal de uns e de outros pelas costas e entregam-se a intrigas para semearem a discórdia». Estas alusões ocupam várias páginas, o que permitiu aos maoístas afirmarem durante a Revolução Cultural que *Para ser um bom comunista* era uma obra destinada a preparar a opinião pública e os quadros do Partido para uma espécie de «desmaoização» semelhante à «destalinização» operada na U.R.S.S. O autor anunciava e preparava, disse-se na altura, algum do-

cumento comparável ao famoso relatório «secreto» que Khruchtchev apresentou ao XX Congresso em 1956.

Uma das acusações mais frequentemente dirigidas ao livro de Liu foi também a de ser um somatório de reminiscências confucionistas e de influências idealistas e feudais. Este problema também só dificilmente pode ser descortinado pelos Ocidentais, pouco familiarizados com a doutrina de Confúcio. O público chinês é naturalmente mais sensível a este aspecto da crítica do livro. O confucionismo marcou muito os costumes da China; toda uma herança de formalismo e moralismo pesa ainda hoje no espírito dos chineses. Nesta tradição, que a Revolução Cultural Proletária se propôs combater, Confúcio ocupa um papel preponderante; foi ele que divulgou na China o culto dos ritos, muitos dos quais passaram para os costumes e em parte modelaram o carácter nacional. Como já vimos, o revisionismo é a corrupção da Revolução pela tradição...

De acordo com estas críticas à personalidade de Liu Chao-chi, o seu pensamento e a sua obra, ainda manteriam influências da tradição; a influência confucionista materializar-se-ia particularmente na sua teoria sobre o «aperfeiçoamento individual» do comunista, a essência do livro. O conjunto das recomendações que faz ao militante comunista, baseadas no culto dos valores morais, individuais, numa auto-educação, lembram a atmosfera confucionista. Esta auto-educação individual diz-se em chinês «xiuyang», termo que figura no título do livro e que significa saber-viver, nobreza de espírito. Tudo isto é obscuro para um ocidental médio; mas já não o é para quem estiver familiarizado com as filosofias asiáticas antigas. Aliás, alguns sinólogos europeus puseram imediatamente o dedo na ferida: Etiemble escreveu no livro que consagrou a Confúcio que Liu Chao-chi, ao contrário de Mao Tsé-Tung, não estava interessado em estirpar a influência do mestre filósofo da China antiga e qualifica a obra

*Para ser um bom comunista de síntese do Marxismo e do confucionismo (sic)...*

A crítica do livro de Liu Chao-chi não teve nada de acadêmico; despida de qualquer formalismo, foi profunda e viva. Baseou-se na dos jovens estudantes e operários cujos milhões de cartazes revelaram por vezes muita penetração e lucidez. Também aqui, e mais uma vez, é de lamentar que estes interessantíssimos aspectos da Revolução Cultural não tenham tido qualquer publicidade fora do país e que, exceção feita a dois grandes artigos do *Bandeira Vermelha*,<sup>7</sup> a imprensa chinesa em línguas estrangeiras tenha apenas publicado sobre Liu Chao-chi textos muito simples de um valor teórico discutível.

---

<sup>7</sup> «A essência do aperfeiçoamento individual é o abandono da ditadura do proletariado» e «Patriotismo ou Derrotismo». Cf. *Pékin Information*, n.º 15 e n.º 20, 1967.

## II. AS CONTRADIÇÕES PERSISTEM

### *O 1.º de Maio de 1967*

Esta nova ofensiva contra Liu Chao-chi era conduzida de molde a satisfazer duas correntes contraditórias. Por um lado, acentuava a ruptura com o Presidente da República, estimulando também o movimento revolucionário que se arriscava a cair em compromissos de vária ordem e na ineficácia; por outro lado, acentuava a necessidade de se abordar o problema dos quadros de uma maneira racional e de manter o centralismo, o que vinha atenuar as preocupações de Chu En-lai. Uma parte da campanha de Abril de 1967 contra Liu Chao-chi consistira de facto em denunciar a atitude provocatória dos grupos de trabalho que este tinha dirigido em Junho de 1966, e que em certas universidades<sup>8</sup> tinham destituído a maioria dos quadros do Partido. A recordação destes acontecimentos passados servia de aviso indirecto contra as tendências espontaneístas surgidas nas semanas anteriores.

---

<sup>8</sup> Cf. «Atacar grande número de pessoas para proteger meia dúzia faz parte integrante da linha reaccionária burguesa», *Pékin Information*, n.º 15, 10 de Abril de 1967.

Estas tácticas são tipicamente chinesas; não facilitam, evidentemente, a exposição do desenvolvimento histórico da Revolução Cultural. Digamos pois, para simplificar e resumir, que a campanha de Abril contra Liu Chao-chi sublinhava vigorosamente o facto de serem considerados incorrectos os ataques abusivos contra grande número de quadros do Partido e as tentativas de fazer cair em descrédito ou de reprimir os elementos revolucionários de vanguarda. A linha revolucionária de Mao Tsé-Tung surgia entre estas duas tendências; não aceitava a repressão dos revolucionários e das massas, nem que a mobilização dos revolucionários e das massas conduzisse à negação do papel dos quadros. Era necessário mobilizar as massas permitindo ao mesmo tempo que a maioria dos quadros se unisse a elas, conduzisse e guiasse a sua luta. A fórmula da Tripla União correspondia a estas exigências.

Alguns sucessos foram assim conseguidos; o mais espectacular foi a criação, a 20 de Abril, do Comité Revolucionário de Pequim, que deu lugar a uma concentração gigantesca no Estádio dos Operários e dos Camponeses a que assistiram os principais dirigentes do Partido. Chu En-lai, Kiang Tsing e o ministro da Segurança Sie Fu-tche, Presidente do novo Comité, pronunciaram nesse dia discursos que exaltavam esta vitória da linha revolucionária. Relembrou-se então os princípios que conduziam a Revolução Cultural Proletária e lançaram-se apelos à unidade em todo o país.

Porém, os progressos da unidade continuaram lentos. Ao longo dos meses que se seguiriam, poucos Comités Revolucionários se implantariam ao nível provincial e municipal e uma grande parte dos Comités criados à pressa nas fábricas e nas escolas, durante o mês de Fevereiro, continuariam a ser objecto de contestação e de discórdia, tendo uma representatividade insuficiente.

No princípio do Verão, a imprensa anunciará a criação de um destes Comités Revolucionários na pro-

víncia de Tsinghai e, algum tempo depois, a instauração da Tripla União na Academia das Ciências. Anteriormente, em Maio, a instauração de um Comité Revolucionário no Instituto de Aeronáutica fora oficialmente saudada. Mas o balanço, fraco apesar de tudo, ficava-se por aqui.

De facto, progressivamente, a contradição surgida no seio da direcção maoísta entre Chu En-lai e os seus censores de esquerda não iria resolver-se mas sim cristalizar-se numa luta mais vigorosa, reflectindo-se no seio das organizações de massa e bloqueando por muito tempo as possibilidades de Grande Aliança, ao mesmo tempo que vinha comprometer as medidas de consolidação tomadas em Março e Abril e o esboço de unidade que elas traziam.

Segundo cartazes murais publicados em 1967, a divisão foi de novo sensível a partir do princípio de Maio. Há algumas razões para fazer remontar ao 1.º de Maio este recomeço do conflito que teve um período de calma durante os meses de Março e Abril. No dia do trabalho, com grande espanto dos observadores estrangeiros, viram-se na tribuna oficial pessoas que tinham sido violentamente criticadas tais como o velho marechal Chu Teh e a economista Chen Yun. Também se pôde constatar que, apesar das vigorosas campanhas de cartazes desencadeadas contra eles havia dois meses, Chen Yi, ministro dos Negócios Estrangeiros, e Tan Chen-lin, ministro da Agricultura, este último implicado na contracorrente de Fevereiro, conservavam os seus lugares habituais na hierarquia. Isto era evidentemente o fruto de medidas de apaziguamento tomadas por iniciativa de Chu En-lai para varrer o ressentimento e as preocupações de numerosos quadros, atacados em Janeiro e Fevereiro pelo ardor excessivo de algumas organizações de massa.

O acontecimento foi notado na China e no estrangeiro e não deixou de suscitar a irritação de uma parte dos responsáveis do G.E.R.C. que viram desenhar-

-se assim uma perigosa tendência para a conciliação. Resolveram portanto contrariá-la.

### *Os ultra-esquerdistas da Revolução Cultural*

É tempo de nos referirmos aos ultra-esquerdistas e às posições que detinham. Pensa-se que quatro responsáveis do G.E.R.C. eram os principais representantes desta corrente: o primeiro é Wang Li, um jovem quadro do ex-Comité Municipal de Pequim que fora um dos primeiros a opor-se à influência de Peng Cheng e da famosa «pandilha negra». Tal como os seus três companheiros é muito pouco conhecido; é impossível relatar, mesmo sumariamente, a sua biografia. Não é certo que seja militar, pois quase todos os membros do G.E.R.C. envergam farda nas manifestações importantes mesmo quando são civis (como aliás os membros do Governo); todavia, o facto de só ter sido visto com a farda verde-azeitona poderia induzir-nos a pensar que sim. Aparenta ter entre 35 e 40 anos; alto e forte, tem uma cara redonda e bonacheirona. Na época a que me refiro era responsável pelo aparelho de propaganda, lugar onde decididamente os sucessivos titulares não passam despercebidos.

Ao seu lado, Kuang Feng é fisicamente o seu contrário. Baixo, magro, usa óculos de lentes muito grossas. É um homem enérgico, nervoso, que nos *meetings* se vê constantemente a fumar. Conquistou uma grande popularidade junto dos Guardas Vermelhos da capital por ter dado o apoio do G.E.R.C. ao 3.º Quartel general na época da luta contra o Liandong. É-se também levado a pensar que pertence aos quadros do exército pois usa sempre a farda do E.P.L.

Mais popular ainda é Tsi Pen-yu, cuja silhueta e acção durante os meses precedentes já evocámos. Para além da glória de ter apoiado o 3.º Quartel general da Guarda Vermelha, Tsi Pen-yu conta ainda com o prestígio que lhe conferiu a luta travada desde o princípio de 1966 contra Peng Cheng, e vários artigos

célebres dos quais o mais famoso é o recente «Patriotismo ou Derrotismo».

Estes três homens são os principais redactores do *Bandeira Vermelha*. Durante os meses vindouros vão surgir como representantes de uma tendência «dura» no seio do G.E.R.C. Os dois primeiros sofrerão uma derrota e o conseqüente eclipse a partir de Setembro. Tsi Pen-yu, sem dúvida por se ter dessolidarizado deles, conservará o seu lugar por mais tempo, mas acabará também por ser excluído 8 meses depois.

Convém citar também o nome do quarto mosqueiteiro desta tendência, que nos acontecimentos vindouros terá um papel importante, embora mais discreto: Lin Kie, de quem infelizmente nada sei, a não ser que era também membro do G.E.R.C. Não me lembro de o ter visto em manifestações públicas.

Na Primavera de 1967 estes homens, sobretudo os três primeiros, estão no apogeu da sua celebridade e influência. Esta ultrapassa os meios estudantis e estende-se a muitos grupos revolucionários da capital e até da província pois deslocaram-se em numerosas missões a muitos pontos da China. Nas semanas vindouras, a política destes homens terá grande eco em alguns destes grupos. São os mais jovens dirigentes do Partido nesta altura, exceptuando um cuja orientação é diferente, Yao Wen-yuan. Muitos verão neles homens de futuro e até muito provavelmente os que um dia mais tarde, quando a idade tiver feito desaparecer os actuais, serão os dirigentes da China. É natural que este elemento não tenha escapado aos interessados e o afrontamento ulterior de que serão os actores terá aspectos de um conflito entre gerações.

#### *A questão de Tan Chen-lin e de Chen Yi*

Para estes homens, que representam a ala esquerda do G.E.R.C., o Ministro dos Negócios Estrangeiros Chen Yi e o Ministro da Agricultura Tan Chen-lin não tiveram na Revolução Cultural Proletária o papel

que devem assumir os dirigentes revolucionários; são portanto de afastar. Cometeram erros de linha graves na época dos grupos de trabalho. Um dos filhos de Chen Yi fazia parte do Liandong; quanto a Tan Chen-lin, era responsável pela contracorrente de Fevereiro. A posição dos dois Ministros é fraca. Foram muito criticados, e não foram raros os cartazes que chegavam a acusá-los de contra-revolucionários. Mas têm por detrás alguém de muito sólido: Chu En-lai. O Primeiro ministro é um revolucionário experimentado, realista e um homem cujo senso político é prodigioso. Ora Chu En-lai nunca compartilhará dos erros de Liu Chao-chi. Tem um passado inatacável e goza de um prestígio enorme tanto na China como no estrangeiro. Apesar dos erros graves que estes cometeram, sobretudo o segundo, pensa que é demasiado cedo para se pronunciar sobre Chen Yi e Tan Chen-lin. Entende que não devem ser destituídos, que devem fazer a sua auto-crítica e terem possibilidades de se reabilitarem. Conservadores? Talvez! Revisionistas? Não há a certeza; afastá-los é portanto prematuro.

Nesta época, Chu En-lai pensa sem dúvida que são ministros hábeis e dificilmente substituíveis. Além disso e sobretudo nas circunstâncias do momento, o Primeiro Ministro está convencido de que é preciso apoiar os quadros em todos os escalões e impedi-los de irem engrossar as fileiras da oposição. Eliminar novos dirigentes nos organismos centrais seria dar a entender que a facção liunista era vasta. Tudo o que se passa no escalão dirigente tem imediatamente repercussões directas ou indirectas sobre o que se passa nos outros níveis, nas lutas em curso na sociedade. Uma nova depuração nos cumes do Partido poderia ser interpretada como a prova de que o mal liunista era profundo e como o sinal de um novo assalto aos quadros do Partido, o que não era oportuno nem desejável. Discretamente, Chu En-lai protege pois os dois ministros como aliás vários outros e insiste sempre em assistir às reuniões de acusação que os visam.

Somos assim levados a pensar que o Primeiro Ministro chinês é um homem que sabe tomar responsabilidades: revelou grande coragem ao defender ministros pouco populares contra homens na força da vida que pareciam ter o vento a favor. Surgirá entre um e outros uma discordância que se transformará em antagonismo.

Aquilo que dividisse os organismos dirigentes dividiria os grupos rebeldes. A ala esquerda do G.E.R.C. mostrou-se cada vez mais exasperada pela preocupação de apoiar os quadros; via nisso um obstáculo à Revolução e resolveu portanto denunciá-lo. Diversas organizações de massa que estavam sob a sua influência orientaram-se num sentido idêntico; e mais uma vez o ataque contra os quadros se amplificou em diversas universidades e fábricas. A corrente espontaneísta que em Março fora estancada brotou de novo em força. Também outras organizações manifestaram tendências contraditórias. Reavivaram-se os conflitos e as divisões. As alianças que tinham progredido laboriosamente no fim do primeiro trimestre começaram a ser seriamente abaladas.

### *Novas violências*

Reapareceu em diversos sectores a divisão entre duas grandes facções. Esta, em certos casos, nunca deixara de existir ou fora simplesmente atenuada em Março e Abril. A questão das transferências de poder continuava a ser um factor de discordância muito generalizado. Apesar dos progressos registados durante o período precedente, da intensa campanha de imprensa e das intervenções das equipas de propaganda do E.P.L., havia muitos sítios em que não se fizera a transferência de poder nem se consolidara a Grande Aliança e a Tripla União. Alguns dos Comités Revolucionários criados em Fevereiro não tinham ainda recebido o apoio oficial e continuavam a ser contestados por uma parte dos trabalhadores ou dos estudantes. Em Março

e Abril o problema dos quadros tinha sido melhor encarado e isto facilitara um começo de aproximação, insuficiente, todavia, para varrer as discordâncias. Em Maio, a esquerda do G.E.R.C., ao rejeitar a política moderada e flexível relativamente aos quadros, aprofundava os conflitos, intensificava as discordâncias e destruía os resultados ainda frágeis obtidos nos dois meses precedentes.

Mais uma vez veríamos renascer a luta entre as duas tendências que anteriormente se tinham afrontado sem se vencerem. As organizações que tinham transferido o poder em proveito próprio compunham-se por vezes de elementos dinâmicos, pertencentes ou não ao Partido Comunista e que tinham precipitado o movimento com ardor. Outras organizações contestavam o bom fundamento desta acção e sublinhavam que tais organizações não tinham conseguido realizar a aliança com os quadros; entre estas últimas, por outro lado, dominavam numericamente os quadros do Partido e da Liga... Uma fracção destas organizações era conservadora e utilizava este argumento para defender quadros revisionistas e para, a instigação destes, combater as organizações rebeldes como acontecera em Xangai em Dezembro de 1966 e na época da contracorrente de Fevereiro. Mas também eram numerosas as organizações que se opunham de boa fé às transferências do poder, as quais tinham afastado um número extremamente elevado de quadros do Partido e tinham caído no espontaneísmo e na hierarquia. Na maioria dos casos, estas duas correntes deviam ser conciliadas sem favorecer os elementos conservadores que poderiam aproveitar-se das circunstâncias para retomarem o poder. A dificuldade residia aqui, e já conhecemos a subtileza que Chu En-lai teve de utilizar para pôr em prática a sua delicada linha política. Os conservadores continuavam activos, principalmente na província, e poderiam tirar partido de um certo tipo de moderação; no Setchuan alguns deles permaneciam no poder e levavam certas organizações de

massa a atacarem os revolucionários em tais condições que, por vezes, havia derramamento de sangue. Noutros locais existiam, a diversos níveis da administração e em diferentes sectores da organização comunista, quadros revisionistas que tentavam preservar a sua posição e defenderem-se utilizando tendências conservadoras existentes nas massas e noutros quadros. A oposição, consideravelmente enfraquecida em muitos sítios, estava já privada do poder; mas as manobras de resistência continuavam a nível local.

Visto que os conservadores continuavam a lutar, era necessário combatê-los em vez de aceitar compromissos; era pelo menos isto que pensavam Wang Li, Lin Kie, Kuang Feng e Tsi Pen-yu. Pretendiam utilizar com esse fim a única força que até então se mostrara capaz de fazer recuar o adversário: as organizações revolucionárias de massa cujo dinamismo e espontaneidade deviam ser encorajados e não travados com avisos e campanhas de rectificação que poderiam desacreditá-las.

Chu En-lai, por sua vez, tendia a acentuar o papel dos quadros: era preciso libertá-los da influência conservadora. Para ele, repetir os erros cometidos em Fevereiro relativamente aos quadros, lançar mais uma vez a esquerda ao assalto sem quaisquer precauções, equivalia a aceitar o risco de que os quadros se fechassem na sua concha e até de os ver alinhar na corrente conservadora, apoiando a linha de Liu Chao-chi. Era portanto necessário que as organizações de esquerda e os quadros revolucionários se unissem, lutando em conjunto para isolar o adversário liunista, retirando-lhe todo o apoio das massas e desagregando assim as suas fileiras.

Na corrente de Maio, Wang Li, Kuang Feng, Tsi Pen-yu e Lin Kie desencadearam uma nova ofensiva dirigida em princípio contra a «linha reaccionária burguesa» mas que de facto visava Chu En-lai que, segundo pensavam, era o único promotor desta linha. Esta ofensiva iniciou-se por uma campanha sem precedentes

contra Chen Yi e Tan Chen-lin conduzida por algumas organizações de massa de Pequim. Através destes dois homens punha-se em causa o apoio que o Primeiro Ministro lhes dava: mais uma manifestação do tal estilo político indirecto típico dos chineses. Os cartazes, às dezenas, apareceram pelas ruas: relatavam por menorizadamente os erros dos dois ministros e apresentavam-nos como revisionistas. Os *slogans* exigindo que Chen Yi fosse «bombardeado»,<sup>9</sup> e depois «derrubado», multiplicaram-se pelas paredes da cidade. Um dia, no centro de Pequim, apareceu no ar um grande balão ligado a uma bandeirola com caracteres que significavam: «Abaixo Tan Chen-lin». Por vezes, primeiro timidamente, depois cada vez com maior clareza, as acusações a Chen e Tan acabavam em ataques a Chu En-lai. A 15 de Maio, o Ministério dos Negócios Estrangeiros foi ocupado, o que veio tornar ainda mais pesado o clima de tensão política existente. É evidente que esta ofensiva procurava renovar nas escolas e fábricas a tendência espontaneísta para alargar o número de quadros criticados, o que engendrou uma enorme resistência, desta vez muito mais dura do que em Fevereiro. O problema da transferência do poder que, como dissemos, continuava pendente em certos sectores, agravou-se bastante. Pioraram as relações entre os que tinham transferido o poder espontaneamente e os que os contestavam; os segundos acusavam os primeiros de não terem sabido ou de se terem recusado a acolher os quadros. Trocavam-se epítetos e invectivas graves; cada grupo acusava o outro de aplicar a linha de Liu Chao-chi e os recontros multiplicavam-se.

Em Pequim apareceu um número cada vez maior de cartazes ilustrados com fotografias de pessoas feridas, enquanto os vários grupos se acusavam reciprocamente de não respeitarem a Declaração em 16 pontos

---

<sup>9</sup> Criticado.

e de não lutarem de uma maneira racional mas sim pela força.

Isto motivou a publicação no *Diário de Pequim* de 21 de Maio de um editorial intitulado: *Acabar com o Wudu*.<sup>10</sup> O *Wudu* é a luta física violenta que se opõe ao *Wendu*, luta através do raciocínio e da persuasão. Em Pequim, os grupos equipados de capacetes e armados de barras de ferro e matracas batiam-se nos locais de trabalho e por vezes nas ruas. Não se pode dizer que estas violências tenham sido diárias e gerais, mas a atmosfera reinante nesta época era incontestavelmente tensa.

O mês de Junho de 1967 marcava o 10.º aniversário da publicação do artigo de Mao Tsé-Tung intitulado *Da justa solução das contradições no seio do povo*. As autoridades resolveram aproveitar esta ocasião para estimular uma nova campanha de propaganda destinada a combater as violências e a favorecer debates pacíficos entre as organizações opostas.

Neste artigo, Mao Tsé-Tung explica de facto que a violência só deve ser exercida contra inimigos. As contradições existentes no seio das massas têm em geral um carácter diferente e devem resolver-se pela discussão e pela persuasão. Durante a Revolução Cultural Proletária, explicava então a imprensa chinesa, só há contradição antagónica entre um pequeno número de revisionistas e o povo chinês. É portanto inútil que uma parte das massas use de violência relativamente à outra parte; no seio do povo só se deve recorrer a métodos democráticos. Quando uma parte das massas for enganada por revisionistas e aderir a uma organização conservadora, não convém recorrer a brutalidades. É então necessário efectuar um trabalho político de explicação e de persuasão, reconduzindo

---

<sup>10</sup> A 14 de Maio, o Comité Revolucionário de Pequim publicara um *Parecer Urgente* sobre o mesmo tema.

ao caminho da Revolução. As organizações revolucionárias não devem lutar entre si.

Esta campanha de imprensa trouxe uma calma provisória ao surto de brutalidade. O período de calma seria contudo mínimo; a partir de meados de Junho, os tumultos recomeçariam.

### III. O PROBLEMA DO EXÉRCITO

#### *Partido, exército e massas*

O conflito que opunha Chu En-lai à ala esquerda do G.E.R.C., que como já expliquei esteve na origem destes afrontamentos, não pode ser facilmente compreendido pelas pessoas pouco familiarizadas com o marxismo; o mesmo já não acontece com os chineses, pois entre eles estes problemas são intensamente vividos e debatidos. Complexos na aparência, têm por detrás um só problema tão velho como o próprio movimento comunista: o do papel particular que um Partido Comunista deve assumir numa Revolução. A Revolução será obra das massas ou de um Partido Comunista? Teoricamente, a Revolução é um movimento de massas dirigido por um núcleo de militantes agrupados num Partido centralizado. Mas é lícito perguntar qual dos dois elementos, massas ou Partido, é preponderante. A resposta não é fácil e varia com as circunstâncias. Qualquer marxista dirá que tanto as massas como o Partido são necessários à realização do projecto revolucionário, e recusar-se-á a afirmar a primazia de qualquer dos dois elementos. No entanto, nem por isso deixa de haver circunstâncias em que o Partido ultrapassa as massas, e outras em que se produz o

inverso. Em certas situações históricas e sociais o movimento de massas torna-se, pelo menos provisoriamente, mais importante que o Partido. Alguns militantes tendem então a confiar cegamente nas massas.

No entanto, uma fé absoluta nestas últimas pode perturbar o papel de direcção do Partido, no caso de este vir a efectuar o seu atraso em relação a elas. Foi em circunstâncias semelhantes que Lenine criticou a excessiva confiança nas massas, a que chamava o «esquerdismo», doença infantil do comunismo.

A Revolução é um processo de aceleração da história que passa sempre por múltiplas fases. Os que a dada altura estão na vanguarda do movimento revolucionário podem perfeitamente, por falta de compreensão do desenrolar posterior do movimento, enveredar por uma via errada e deixarem-se ultrapassar. A Revolução francesa, como a Revolução russa e a Revolução chinesa, constituem exemplos tão conhecidos e evidentes que é inútil evocá-los.

Wang Li, Lin Kie, Kuang Feng e Tsi Pen-yu caíram no mesmo erro durante a Revolução Cultural. Na vanguarda do movimento quando este teve início, vieram a achar-se em conflito com a nova situação. Era de facto tentador, para jovens militantes que tinham crescido nas tempestades da Revolução Cultural, ver nas massas chinesas um factor decisivo do progresso revolucionário. Por outro lado, para eles, o Partido surgia como um aparelho ameaçado de esclerose no seio do qual muitos elementos revisionistas tinham conseguido encaixar-se para manobrar contra o povo. Esta interpretação era abusiva pois, no seu conjunto, o Partido permanecera fial à linha maoísta. A proporção relativamente importante de opositores ao Comité Central não reflectia de maneira alguma a situação dos escalões médios e inferiores da hierarquia, entre a maioria dos quais o presidente e a política deste gozavam de grande prestígio e confiança. Além disso, do ponto de vista administrativo, não se podia, sem incorrer em riscos graves para a economia e para

a segurança do país, dismantelar a organização comunista. O facto de numerosos comités locais do Partido terem deixado de funcionar a partir de 1967 não podia eternizar-se. Tanto mais que, de um ponto de vista estritamente estratégico, teria sido desastroso para os maoístas afastarem os quadros do Partido e combatê-los indiscriminadamente, facto que teria provavelmente lançado estes últimos nos braços da oposição. Era pois necessário examinar as actividades dos quadros, a atitude deles durante a Revolução Cultural, o seu passado e, rejeitando a fracção demasiado comprometida com a política de Liu Chao-chi, conservar o maior número ou seja, aqueles que apesar dos erros cometidos tivessem permanecido fiéis à política revolucionária. Mas estas operações levavam tempo; e entretanto os comités locais do Partido não assumiam o seu papel político. Fora a intervenção do exército que, como vimos, permitira manter o centralismo político e orgânico.

Os esquerdistas do G.E.R.C., Wang Li, Lin Kie, Kuang Feng e Tsi Pen-yu, mais sensíveis à eficácia da mobilização e da democracia de massas que à necessidade do centralismo, seriam conduzidos pela própria dinâmica da sua posição a pôr em causa o papel do exército. Assumiram assim uma responsabilidade que se revelaria fatal para a carreira política de cada um deles.

### *Problemas políticos no exército*

Desde que, a 21 de Janeiro, Mao Tsé-Tung pedira a intervenção do exército na Revolução Cultural para apoiar a esquerda, esta vira-se a braços com uma dura tarefa. Como já vimos, era frequente que as organizações de massa existentes tivessem divergências. Nesta situação relativamente confusa tornava-se por vezes difícil descortinar os problemas e distinguir quais eram as organizações de tendência conservadora e as organizações de esquerda, revolucionárias. Todas se

consideravam defensoras de Mao Tsé-Tung e da sua linha política.

A oposição, ainda activa na província, evitava exprimir-se em público. Não precisava fazê-lo para se defender pois já estava localizada; enfraquecida e vencida em certos sectores, a sua influência nos escalões dirigentes do Partido estava praticamente neutralizada, sobretudo a partir da eliminação de Tao Chu; procurava conservar o poder em todas as zonas onde os «rebeldes» não tinham sido suficientemente fortes para a vencer. A táctica da oposição consistia em não se mostrar muito, em participar no movimento para o captar e o travar ou orientar segundo os seus fins.

As organizações abertamente opostas à linha revolucionária eram pois difíceis de apontar. Além disso, convinha não as hostilizar em demasia na medida em que parte dos seus aderentes eram pessoas do povo enganadas que não deviam ser reprimidas mas sim esclarecidas e persuadidas politicamente.

Imagina-se a dificuldade do trabalho do exército. Embora de uma maneira geral tenha agido com muita prudência e discrição no apoio às organizações, foi por vezes criticado durante a Revolução Cultural.

No despacho de Fevereiro de 1967<sup>11</sup> em 8 pontos, foram emanadas directrizes da Comissão militar visando proteger o exército destes ataques. Era formalmente interdito invadir os seus redutos e atacar soldados à mão armada. *Estes, por seu turno, também não deveriam fazer uso de armas.*

A esquerda do G.E.R.C. pusera reservas à intervenção do exército pois temia certamente que este entravasse o livre desenvolvimento das actividades políticas das massas. Foi somente para restabelecer a calma que, a 6 de Abril de 1967, a Comissão militar

---

<sup>11</sup> Foi publicado em cartazes e afixado nas rúas de Pequim.

presidida por Lin Piao publicou uma nova directiva em 6 pontos. Para evitar que a actividade do exército pesasse sobre as massas e lhes restringisse os movimentos, reafirmava-se que *este não devia usar a coacção, mas sim efectuar um trabalho de persuasão*.

O despacho proibia o exército de dissolver quaisquer organizações de massa, mesmo se parecessem reaccionárias,<sup>12</sup> e de efectuar prisões, salvo quando existissem amplas provas de culpabilidade dos indivíduos implicados. Recomendava também que se tomassem precauções de molde a que os elementos de direita não pudessem influenciar o trabalho político do exército e não o levassem a apoiar organizações com uma linha incorrecta.

Apesar desta moderação dos militares, que se justificava pela relativa desordem então existente na China, os esquerdistas do G.E.R.C. continuaram a pôr em causa a acção daqueles. Convencidos de que a Revolução Cultural regredia, que os dirigentes revisionistas não tinham ainda sido destituídos, consideraram Chu En-lai e alguns chefes militares como travões do movimento de massas, pessoas incapazes de compreender a nova etapa em que a Revolução Chinesa entrava e pouco interessadas em a levar até ao fim.

Não era porém fácil atacar o exército e os seus chefes. Dirigido por Lin Piao, este era um bastião da política de Mao Tsé-Tung; era além disso o elemento chave do poder de Estado e a única força organizada que, na instabilidade do momento, permanecera inabalável. Devido ao seu prestígio e firmeza, só o exército

---

<sup>12</sup> Na sequência deste despacho, alguns membros do Lian-dong e do Exército dos trabalhadores vermelhos que haviam sido presos no princípio de Março foram postos em liberdade, com excepção de um pequeno número acusado de homicídio. Este despacho foi igualmente divulgado em cartazes afixados nas ruas de Pequim.

podia instaurar a calma e acabar com as questiúnculas de fracções. Mas para isso era preciso que não se cindisse; se se tivesse dividido em duas tendências como em certas zonas acontecera com a classe operária e os estudantes, e desordem alastraria. Para evitar que tal acontecesse foram tomadas certas directivas especiais que impediram os militares de constituírem organizações de massa; além disso, e contrariamente ao que acontecia em todos os outros sectores da sociedade chinesa, a eliminação de eventuais chefes militares liunistas não estava confiada à massa dos soldados mas sim à Comissão militar.

Aliás, exceptuando Luo Juei-king, ex-Chefe do Estado Maior comprometido com Peng Cheng, nenhum outro chefe militar importante fora eliminado pois era conveniente mostrar que o exército estava solidamente unido sob a égide de Mao e Lin. Só um responsável do exército fora posto em causa durante o episódio da contracorrente de Fevereiro mas, embora criticado, conservara o seu lugar e fora visto no 1.º de Maio em Tien An Men, juntamente com Chen Yi e Tan Chen-lin. Era evidente que o exército era conduzido com muita prudência e que a unidade deste deveria permanecer intangível.

Um grave acontecimento ocorrido em Julho em Wuhan, que permitiu verificar que uma fracção do E.P.L. fora induzida a apoiar organizações conservadoras, iria fornecer aos «duros» do G.E.R.C. ocasião para o atacar.

2. JULHO E AGOSTO DE 1967.  
O INCIDENTE DE WUHAN  
E A OFENSIVA DOS ULTRA - ESQUERDISTAS

## I. OS ACONTECIMENTOS DE WUHAN

### *As atribuições de Wang Li e de Sie Fu-tche*

Wuhan é uma cidade tripla, na bacia média do rio Yang-tsé. É constituída pelas aglomerações de Han Keu, de Han Yang e de Wu Chang. Ponto instalado no começo da parte navegável do rio, Wuhan é um grande centro siderúrgico e uma das mais importantes cidades da China, tanto pela sua importância económica como pelos seus três milhões de habitantes e a sua situação estratégica.

Foi esta cidade que, a 16 de Julho de 1966, Mao Tsé-Tung escolheu para ponto de partida da célebre proeza de natação no Yang-tsé. Foi também aí que durante muito tempo se exerceu a influência de um homem já aqui citado: Wang Jen-tchong. Deputado, Presidente do Município da cidade, membro do Comité Central e Primeiro Secretário do Partido pela província circundante de Hupei, era amigo e colaborador de Tao Chu, que secundou em Pequim nos meses de Agosto e Setembro de 1966, através dos seus agentes de ligação.<sup>1</sup> Wang Jen-tchong foi destituído e, em Junho de

---

<sup>1</sup> Cf. *supra*.

1967, tinha residência fixa em Pequim há já alguns meses. Contudo, a cidade de Wuhan era nesta época um dos sectores onde a oposição conservava ramificações sólidas e onde os partidários de Tao Chu se mantinham em lugares-chave esperando ocasião para contra-atacar. Ao invés de alguns partidos comunistas ocidentais, que evitam que os seus quadros trabalhem muito tempo numa mesma região para não criarem um feudo político pessoal que possa vir a servir-lhes de justificação em eventuais atitudes independentes, o Partido Comunista Chinês parece não recear que os mesmos chefes militares e civis permaneçam durante longos períodos no mesmo local. Isto teve incontestavelmente por consequência a criação, em certas províncias, de verdadeiras feudalidades burocráticas localmente influentes, que durante a Revolução Cultural Proletária constituíram as praças fortes da oposição.

Em Wuhan, tinham-se constituído gigantescas organizações de massa; uma delas, sobretudo, adquirira proporções excepcionais, a avaliar pelo nome: «O Milhão de Heróis». De tendências conservadoras, era apoiada e defendia responsáveis locais amigos de Wang Jen-tchong e de Tao Chu. Opunha-se a outras organizações igualmente poderosas, como o Quartel General Operário, aliado a fortes grupos essencialmente constituídos por estudantes universitários e liceais.

A 19 de Junho, vários incidentes opuseram estas organizações; chegou mesmo a haver mortos num violento combate travado na grande ponte sobre o Yang-tsé. Ora, o comando militar à frente do qual se encontrava Tchen Tsai-tao, apoiava a organização «O Milhão de Heróis», em que pretendia ver a esquerda.

Esta situação piorava de dia para dia, e preocupava a tal ponto Pequim que, a 11 de Julho, três altos dirigentes foram enviados a Wuhan: o próprio Chu En-lai, Sie Fu-tche, ministro da Segurança e presidente do Comité Revolucionário de Pequim, e Wang Li, responsável da propaganda e membro do G.E.R.C.

Depois de várias reuniões, destinadas sobretudo a recolher informações, Chu En-lai viu-se obrigado a regressar a Pequim, deixando os seus dois companheiros encarregados de terminar a missão.

O que conto a seguir baseia-se no relato posteriormente feito por um enviado do Comité Central ao pessoal da empresa de Pequim em que eu trabalhava.

A 18 de Julho, teve lugar uma reunião na sede do comando militar de Wuhan, na presença de Wang Li, de Sie Fu-tche e dos principais responsáveis militares da cidade. Os dois emissários de Pequim informaram os seus interlocutores de que o G.E.R.C. considerava errado o apoio dado pelo comando do exército à organização conservadora o «Milhão de Heróis».

Wang Li e Sie Fu-tche tiveram então a surpresa de ver os seus interlocutores recusar muito firmemente as suas indicações. A conversa continuou sem que nenhum dos dois grupos em que os interlocutores se tinham dividido abandonasse as suas posições. Tchen Tsai-tao manifestou o seu descontentamento, enquanto o comissário político da unidade 8201 das forças de segurança (polícia) saía batendo com a porta.

No dia seguinte, 19 de Julho, viria a desenrolar-se algo de trágico.

Postos ao corrente do que se passara na véspera, os chefes do «Milhão de Heróis» mobilizaram os seus adeptos. Estes abandonaram o trabalho e, munidos de capacetes, facas, lanças e matracas, saíram em camiões fornecidos pelo exército, indo ocupar os pontos estratégicos da cidade: vias de acesso, porto, estação ferroviária, aeroporto. Foram ajudados pela unidade 8201, que os acompanhou e veio reforçá-los com carros blindados.

Desde o nascer do sol que, sob o calor sufocante desta zona de clima continental, a cidade inteira vinha sendo percorrida por grupos febris que inscreviam em toda a parte enormes caracteres proclamando: «Abaixo Wang Li e Sie Fu-tche!» «Wang e Sie fora de Wuhan!» Os numerosos altifalantes da cidade, também na posse

do Milhão de Heróis, atroavam os ares com acusações e ameaças aos dois emissários de Pequim.

Desde as 7 da manhã que a residência onde estes últimos se encontravam instalados fora cercada por um grande número de «Heróis» que lhe impediram o acesso. Uma hora depois, alguns civis de capacete e matracas entravam na residência para raptar os dois dirigentes.

Sie Fu-tche e Wang Li fizeram-lhes frente. Sie adiantou-se e esclareceu que era ministro da Segurança e Vice-Primeiro Ministro: «Ousarão raptar-me ou matar-me?», perguntou-lhes. Um pouco impressionados, os intrusos hesitaram. Ignoravam provavelmente os títulos do homem que se preparavam para raptar. Wang Li, todavia, impunha-se-lhes menos. Era mais novo e ocupava um lugar bem menos importante na hierarquia do Partido. Que poderia apresentar aquele novato? Os assaltantes avançaram para ele, mas como os guarda-costas de Wang Li puxaram dos revólveres, hesitaram uma vez mais.

Os dois grupos enfrentavam-se numa atmosfera extremamente tensa, enquanto o calor humedecia os rostos crispados dos antagonistas. Nisto, ouviu-se um barulho; um militar, de peito descoberto, aproximava-se correndo: era Tchen Tsai-tao. Todos se afastaram para o deixar passar. Vinha proteger os dois homens? Não. Queria antes de tudo obrigá-los a retirar a condenação que tinham feito do Milhão de Heróis e a ilibá-lo, a ele, Tchen Tsai-tao, de qualquer acusação. «A vossa atitude provoca a cólera das massas», foi substancialmente o que disse. «É a isto que conduzem as vossas manigâncias». Sie e Wang continuaram impassíveis e Tchen retirou-se.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> No livro de Jean ESMEIN (ed. du Seuil) consagrado à Revolução Cultural, há uma versão um pouco diferente destes acontecimentos, em que não se menciona esta intervenção de Tchen Tsai-tao. O facto de não ter havido relato oficial dos incidentes, mas unicamente versões oficiosas transmitidas oralmente ou por cartazes murais, explica estas variantes.

Apareceram então homens fardados que afastaram os civis e apontaram as metralhadoras aos guarda-costas. Sie e Wang pediram aos seus protectores que guardassem as armas. Wang foi imediatamente levado. Sie Fu-tche ficou preso na residência.

Wang Li foi empurrado para dentro de um veículo militar e copiosamente espancado à passagem, ficando com um braço partido e em risco de cegar de um olho. Foi conduzido por homens da unidade 8201 à sede do comando militar, junto da qual se concentrara uma multidão de membros do Milhão de Heróis. Arrastaram-no então para a janela do edifício: tinha as roupas em farrapos e sangrava do rosto. Junto ao prédio, a multidão gritava agitando livrós vermelhos: «Abaixo Wang Li! Wang Li fora do G.E.R.C.!» «Wang Li não representa o Quartel General Proletário do Presidente Mao!».

Alguém puxou-lhe brutalmente os cabelos para o fazer baixar a cabeça. Vacilante, resistiu. Outra pessoa propôs então que o deixassem descansar até ao dia seguinte, para que pudesse responder às perguntas. A multidão furibunda uivava: «Não, que responda já!». Wang Li, com a roupa esfarrapada colada ao corpo pelo suor e pelo sangue, acabará por ser passeado sob um sol ardente por vários quilómetros de ruas da cidade, com um letreiro ao pescoço onde se podiam ler os caracteres: «Wang Li o revisionista». À sua passagem, as pessoas empurravam-se para o injuriar.

Na altura em que estas cenas trágicas se desenrolavam, outros grupos do Milhão de Heróis tinham decidido lançar uma ofensiva contra as organizações adversárias para acabar com elas. Enquanto os altifalantes do Milhão de Heróis, disseminados por quase toda a cidade, berravam assustadoramente que os Heróis seguiam a linha de Mao Tsé-Tung e os seus adversários eram reaccionários, comandos extremamente bem armados cercaram o bairro universitário e o complexo siderúrgico: era de facto nestes locais que os adversários do Milhão de Heróis, membros do

Quartel General Operário e das organizações estudantis, se concentravam em força. Utilizando armas automáticas e protegidos pelos blindados, os comandos do Milhão de Heróis lançaram-se ao assalto destes dois locais; pela frente, erguiam-se simples barricadas e eram-lhes lançados cocktails Molotov. Nesta parte de Wuhan reinava uma atmosfera de guerra civil; cheirava a pólvora e a sangue. Depois de violentos combates, o complexo industrial e a Universidade foram tomados de assalto.

Em Pequim, assim que se soube dos acontecimentos tomaram-se imediatamente medidas drásticas. Nesse mesmo dia, Chu En-lai retomou o avião para Wuhan mas, quando o piloto se preparava para aterrar, uma mensagem da torre de controle do aeroporto advertiu-o de que se preparava uma cilada. Tchen Tsai-tao destacara uma parte da guarnição e concentrara tropas e veículos blindados no aeroporto, em princípio para receber o Primeiro Ministro com honras oficiais, mas de facto com a finalidade de o prender. Este resignou-se então a arrepiar caminho.

A 20 de Julho, unidades da marinha e da aviação desembarcaram em Wuhan. Ocuparam a Universidade e o complexo metalúrgico, locais muito sacrificados pelos acontecimentos precedentes. Empreenderam também negociações para que o Milhão de Heróis e a companhia 8201 se retirassem dos pontos estratégicos e libertassem os dois prisioneiros.

Segundo o relato destes acontecimentos que me foi dado ouvir em Pequim, soldados de uma tal unidade 8195, que permanecera fiel, tinham conseguido que lhes fosse confiada a guarda de Wang Li. Para isso, tiveram de recorrer a manhas e fingir que o queriam levar para o obrigarem a fazer a sua autocrítica. Tentaram que fugisse de helicóptero, mas a tentativa malogrou-se. Finalmente, Wang Li conseguiu fugir clandestinamente, acompanhado pelo comissário político da unidade 8195, após uma caminhada forçada de

quase 20 quilómetros através dos campos.<sup>3</sup> Levado para um quartel situado no vale, Wang Li foi em seguida conduzido de carro até um aeroporto próximo. Para lá chegar, atravessou várias brigadas de controle do Milhão de Heróis destacadas nas estradas, mas não foi reconhecido. Quanto a Sie Fu-tche, ignoro as circunstâncias da sua libertação.

### *A reacção de Pequim*

Tchen Tsai-tao e os chefes do Milhão de Heróis, declarando-se os verdadeiros representantes da linha revolucionária de Mao e acusando Wang e Sie de reaccionários, tinham conseguido arrastar os seus adeptos e uma parte dos soldados para esta aventura. Tal como acontecera em Novembro e Dezembro de 1966 em Xangai, estas confusões resultavam do facto de todos os grupos se proclamarem defensores do pensamento de Mao Tsé-Tung sem que os órgãos centrais do Partido se pronunciassem a favor de qualquer das facções, deixando desenrolar-se livremente as lutas de tendências locais.

Logo que a neutralidade do centro político cessava, uma das facções entrava imediatamente em declínio, pois já não podia fazer-se passar por revolucionária. Assim sucedera com o Destacamento da Defesa Vermelha durante os acontecimentos de Xangai, então condenado pelas autoridades de Pequim. Ora os acontecimentos de Wuhan comportavam um elemento novo, de gravidade sem precedentes: uma facção condenada pelo G.E.R.C., que se tinha feito representar por duas individualidades importantes, não acatara a decisão. A reprovação dirigida contra o Milhão de Heróis e Tchen Tsai-tao, de que Sie Fu-tche e Wang Li haviam

---

<sup>3</sup> Na versão de ESMEIN, Wang Li e o comissário político ter-se-iam eclipsado no momento em que os «Heróis» iam atacar o campo onde se encontravam.

sido os intérpretes, fora contestada. Isto explica o facto de o incidente de Wuhan ter implicado uma intervenção a um nível ainda mais elevado, não admitindo já qualquer recusa: a do próprio Mao Tsé-Tung. A iniciativa do Presidente do Partido ilustra simultaneamente a situação tensa então existente e o seu ascendente sobre os chineses.

A mensagem foi enviada ao Quartel General Operário e aos grupos de Guardas Vermelhos de Wuhan seus aliados. O Presidente do Partido pôs todo o peso da sua autoridade moral no apoio que lhes concedeu e reprovou abertamente as actividades do Milhão de Heróis. A mensagem foi transmitida pelas unidades da marinha, distribuída em Wuhan sob forma de tarjetas e radiodifundida: graças à fantástica eficácia dos métodos de propaganda comunista, toda a população ficou informada num curto espaço de tempo.

A importância de um apelo de Mao Tsé-Tung só pode ser compreendida por quem faça uma ideia da imensa influência que exerce no seu país. Nas nossas latitudes, é dificilmente imaginável um fenómeno semelhante, e sei bem que muitos espíritos esclarecidos se recusam pura e simplesmente a admitir que o regime chinês e o seu chefe possam ser populares. São-no, todavia, incomparavelmente.

Daqui decorre uma consequência importante. A imensa maioria da população, tanto devido ao extraordinário prestígio do Presidente como à constante exaltação do seu pensamento e da sua doutrina feita pela propaganda, toma infinitamente em consideração as suas arbitragens. A maioria dos chineses corresponde em geral com toda a boa vontade e entusiasmo às directivas do presidente Mao. E não é devido a qualquer espécie de pressão, como por vezes se crê, erradamente, no Ocidente; é sim fruto de uma adesão extremamente confiante à sua política. Na Revolução Cultural Proletária, as intervenções de Mao Tsé-Tung tiveram um eco considerável. Em muitas destas ocasiões, contribuíram com uma eficácia inegável para

apaziguar os conflitos de facções e favorecer a unidade. O caso de Wuhan fornece-nos um exemplo típico.

Pouco depois, outra mensagem foi difundida na cidade. Tal como em Xangai, no mês de Janeiro, era assinada pelo Governo, pelo Comité Central, pela Comissão Militar e pelo Grupo Encarregado da Revolução Cultural. Passamos a transcrever<sup>4</sup> alguns extractos desse comunicado, onde se explicitava o apoio aos Revolucionários e se condenava o Milhão de Heróis como organização conservadora:

«... No cumprimento da sua tarefa de apoio à esquerda, alguns responsáveis da região militar de Wuhan cometeram graves erros de orientação e de linha. Dissolveram o Quartel General Operário,<sup>5</sup> organização revolucionária que etiquetaram de contra-revolucionária, e prenderam pessoas pertencentes a outras organizações revolucionárias. Isto é inadmissível! Os militantes caluniados devem ser reabilitados e os presos imediatamente libertos.

«Alguns responsáveis militares de Wuhan serviram-se de um sector das massas enganadas pelo Milhão de Heróis e, à força de calúnias e de manhas, deformaram os factos e tentaram mantê-las numa via errada.

«Estes responsáveis combateram descaradamente a linha revolucionária proletária do Presidente Mao e as justas directivas da Comissão Militar. Incitaram pessoas mal informadas a combater os organismos centrais e o G.E.R.C. Para isso, recorreram a meios bárbaros, de tipo fascista, atacando, raptando e espancando emissários da direcção do Partido.

---

<sup>4</sup> Esta tradução não é oficial: as publicações chinesas em línguas estrangeiras nunca reproduziram este documento.

<sup>5</sup> Esta dissolução ocorreu em Fevereiro de 1967. Seguidamente, segundo as instruções de 6 de Abril da Comissão militar, os chefes militares de Wuhan voltaram a autorizar, não sem reticências, a existência do Quartel General Operário. Alguns panfletos e brochuras difundidas na época por revolucionários não mencionam estes factos, e outros referem datas diferentes.

«Este grave incidente político provocou a indignação das massas, dos soldados e dos quadros militares revolucionários. Todo o nosso povo o condenou. O exército de terra, ar e mar está, em todo o país, contra os indivíduos que o provocaram. Estes encontram-se submersos no oceano de críticas que lhes são dirigidas por civis e militares.

«No que se refere ao pequeno número de sinistros indivíduos, e seus sequazes, que prepararam este incidente, deve proceder-se a um inquérito e castigá-los segundo a lei.

«Na cidade de Wuhan, o Quartel General Operário, o 2.º Quartel General, o Kang 913, o Hsinhua Gong, o Hsin Hu Da, o Hsin Hua Nong e os San Lian defenderam heroicamente o pensamento de Mao Tsé-Tung e a sua linha revolucionária proletária. Estas organizações seguiram uma via justa e agiram correctamente. A luta dos Revolucionários Proletários de Wuhan não está isolada. A vitória é vossa, operários, camponeses, soldados, intelectuais revolucionários; é do nosso grande Partido, do Presidente Mao, nosso grande guia, e da sua linha revolucionária.

«Os organismos centrais do Partido apelam para que as massas logradas tomem consciência dos seus erros e os corrijam, para que voltem à linha justa do Presidente Mao, se unam aos revolucionários contra o inimigo comum e denunciem as intrigas dos maus responsáveis da Região militar de Wuhan e o punhado de chefes do Milhão de Heróis.

«Apelam para que todos os que cometeram erros tomem disso consciência. A partir do momento em que estes se revelarem capazes de corrigir os seus erros e de ser dignos da confiança dos revolucionários, os seus actos anteriores deverão ser esquecidos...»

Foram imediatamente tomadas medidas de apaziguamento e de restabelecimento da ordem: o Milhão de Heróis foi desarmado; os seus membros entregaram as armas que tinham em seu poder às autoridades militares. As ocupações de edifícios e pontos estraté-

gicos cessaram e a vida retomou o seu curso normal.

Tchen Tsai-tao foi preso e levado para Pequim e designaram-se novos responsáveis militares. A calma deve ter-se restabelecido muito rapidamente, pois um dos meus amigos, em viagem ao interior da China, passou por Wuhan uma semana depois do incidente e, se as perturbações continuassem, era provável que um estrangeiro não tivesse sido autorizado a deambular livremente. O viajante a que me refiro teve ocasião de observar edifícios danificados, vestígios de tiroteio e de barricadas, carros de assalto em posição de combate mas, segundo lhe pareceu, a febre caíra completamente.

O alerta fora no entanto quente: se após o incidente de Wuhan, o *France Soir* falara indevidamente de «*Guerra civil na China*», o *Le Monde* não estava mais certo ao ver apenas no caso um facto banal desmesuradamente aumentado. Na verdade, este momento foi o mais crítico da Revolução Cultural, e muito seriamente considerado em Pequim.

Assim que houve conhecimento do grande incidente, foram organizadas por toda a China grandes manifestações contra Tchen Tsai-tao e os «reaccionários de Wuhan». Na capital, formaram-se enormes cortejos dando vivas ao G.E.R.C., a Wang e a Sie e injuriando Tchen Tsai-tao. De um dia para o outro, as ruas de Pequim ficaram repletas de caricaturas e de milhares de slogans condenando Tchen Tsai-tao.

As manifestações favoráveis a Wang Li e Sie Fu-tche culminaram com a organização de uma gigantesca concentração em Pequim, na tarde seguinte ao regresso destes, a 25 de Julho. Na escala das diferentes categorias de manifestações susceptíveis de se realizarem na China, reunir um milhão de homens na praça Tien An Men é o máximo. Foi o que aconteceu nesse dia. Num caso destes, todas as empresas, universidades e escolas enviam à concentração uma parte do pessoal, formado em cortejo; o horário das partidas é previamente estabelecido, para que não cheguem todos ao

mesmo tempo e possam repartir-se convenientemente pela imensa praça. O exército envia também uma parte dos seus homens desarmados. Em três ou quatro horas, é assim reunido um milhão de homens.

Às 17 horas do dia 25 de Julho, os mais altos dirigentes do Partido subiam à Tribuna e dirigiam-se à multidão. Mao não estava presente; mas Lin Piao, chefe do exército e seu substituto, figurava entre Wang Li e Sie Fu-tche. A sua presença nesta manifestação dava uma ideia da importância do acontecimento. Significava que erros do comando militar de Wuhan não eram da responsabilidade do exército e que este estava com os dois emissários do G.E.R.C.

## II. A OFENSIVA DOS ULTRA - ESQUERDISTAS

### *O E. P. L. visado. Os incidentes de Cantão.*

Embora graves, os incidentes de Wuhan depressa foram circunscritos à sua verdadeira amplitude. Iriam no entanto acarretar uma consequência importante. Os ultra-esquerdistas do G.E.R.C. utilizá-lo-iam como pretexto para uma ofensiva contra o E.P.L. Se em Wuhan, uma parte do exército se deixara arrastar a ponto de se opor à linha revolucionária, é porque este não era afinal assim tão puro. Uma nova palavra de ordem passou então a circular pela China: «Atacar o punhado de responsáveis do exército empenhados na via capitalista». Difundida primeiro de maneira oficiosa, esta palavra de ordem seria retomada pelos órgãos oficiais do Partido nos editoriais do dia 1 de Agosto, por ocasião do aniversário do E.P.L. O *Bandeira Vermelha* n.º 12, num editorial<sup>6</sup> intitulado *O proletariado deve ter as armas na mão*, dizia: «No momento actual, desencadeia-se através do país uma vasta campanha de crítica ao punhado de altos funcionários do Partido e do *Exército* empenhados na via capitalista. É esta a orientação geral da luta». Palavras de ordem análogas apareceriam noutros jornais centrais, nomea-

---

<sup>6</sup> Cf. *Pékin Information*, n.º 27, 7 de Agosto de 1967.

damente no *Diário do Exército*, cujo director, Cha Yi-ja, seria seguidamente revogado.

Na entrevista dada a Edgar Snow em 1965, Mao Tsé-Tung indicava que a formulação das palavras de ordem na China era algo muito delicado, uma vez que poderiam ter consequências por vezes inesperadas na imensa massa dos chineses. De facto, o apelo à luta contra o «punhado de revisionistas» do exército, por pouco que não instaurou no país uma profunda desordem. Se o exército fosse depurado pelos mesmos métodos que as instituições civis, arriscava-se a cindir-se em fracções. Além disso, a sugestão de que havia revisionistas no seio do exército poderia deitar por terra o prestígio e a autoridade moral deste último. Principalmente, o seu trabalho de apoio à esquerda poderia vir a tornar-se impossível. Com efeito, baseava-se na aceitação da arbitragem dos militares por parte dos trabalhadores e dos estudantes. De ora avante, as fracções condenadas pelo exército recusar-se-iam a admitir os seus erros sob o pretexto, fácil de evocar, de que os militares que as atacavam eram revisionistas do tipo dos de Wuhan. O delicado trabalho das equipas de propaganda do E.P.L. para favorecer as alianças e resolver o problema dos quadros iria ser brutalmente posto em causa. O exército corria o risco de se tornar incapaz de desempenhar o seu papel unificador e exercer o centralismo. Depois de terem lançado as massas contra os quadros e contra o aparelho do Partido, os esquerdistas lançavam agora as massas contra o exército. Foi em Cantão, no mês de Agosto de 1967, que este conflito cristalizou.

Cantão é a capital da província de Kuangtung, no Sudeste da China. Situada em frente de Taiwan (Formosa) e de Hong Kong, a cidade tem uma importância estratégica e política de primeiro plano.

Ora Kuangtung era uma das tais províncias onde a oposição continuava implantada com uma certa força. Tao Chu fora durante muito tempo o principal responsável desta zona e tinha aí muitos amigos. Utili-

zando as suas habituais táticas para influenciar a Revolução Cultural de forma oculta e tentar controlar o seu movimento, esta oposição conseguira defender-se com uma certa habilidade. Citando Mao Tsé-Tung e a sua linha revolucionária, fora ao ponto de lograr uma parte da população mantendo-a dividida em facções adversas. Consequira assim boicotar o desenvolvimento da Revolução Cultural. A classe operária repartia-se por grupos opostos, como aliás os estudantes e o resto da população. A origem desta divisão remontava ao princípio de 1967. Fizera-se então uma tentativa de transferência de poder, tentativa essa que agrupara apenas uma fracção das organizações de massa e não conseguira por isso obter o apoio popular e a base de massas de que necessitava para vingar. As autoridades centrais de Pequim não tinham dado o seu aval quando, a 22 de Janeiro, fora criado um Comité de Aliança Revolucionária. A pouco e pouco, a cidade dividira-se em duas: de um lado, agrupavam-se as organizações favoráveis ao Comité; do outro, as organizações hostis.

Bem atizadas pelos adversários de Mao Tsé-Tung, as discordâncias iam de mal a pior e a Grande Aliança, em vez de progredir, mantinha-se estacionária.

Pela sua extrema complexidade, não é possível relatar pormenorizadamente a evolução destes conflitos, que se estenderam do princípio de 1967 a Setembro do mesmo ano. Resumidamente, a situação criada tinha as seguintes características: o Comité para a Aliança Revolucionária, instaurado a 22 de Janeiro por uma transferência de poder, foi utilizado por partidários de Tao Chu. A situação existira desde o início, ou ter-se-ia criado progressivamente? As diferentes organizações cantonenses não são unânimes sobre este ponto.

Seja como for, na divisão em duas facções que, nas semanas seguintes, separou as organizações de massa da cidade, o Comité para a Aliança Revolucionária foi manobrado pelos conservadores e serviu para combater os revolucionários.

Quando a transferência do poder numa província se operava mal e levantava problemas persistentes, essa província era colocada sob o controlo do comando militar. Foi o que aconteceu no Kuangtung, pelo que o E.P.L. teve de intervir nas lutas desenroladas em Cantão. Recusou-se a apoiar o Comité, proclamou a sua dissolução e apoiou os grupos que se lhe opunham.

A 17 de Abril, Chu En-lai deslocou-se a Cantão e, ao que parece, aprovou estas medidas. Os partidários do ex-Comité para a Aliança Revolucionária só aceitaram as recomendações do exército com reticências. Convém esclarecer que tudo isto se passou no meio de uma certa confusão. Chu En-lai mostrou-se prudente; procurou facilitar a unidade e diminuir os antagonismos. As suas posições foram portanto bastante matizadas; mas as duas facções estavam demasiado exaltadas para terem em conta esses matizes. Cada uma delas aproveitou as palavras do Primeiro Ministro, ou aquelas que mais lhe convinham, para afirmar que este lhes dera razão.

Durante o Verão, o incidente de Wuhan forneceu-lhes uma primeira ocasião para voltarem a pôr em causa as anteriores recomendações, associando a dissolução do ex-Comité, pelo Exército a uma manobra contra-revolucionária análoga à efectuada em Wuhan aquando da dissolução do Quartel General Operário. Algum tempo depois, quando surgiu a palavra de ordem dos ultra-esquerdistas do G.E.R.C. apelando para a luta contra os revisionistas no Exército, foi a grande barafunda. No clima confuso da época, marcado pelo emaranhado das lutas de tendências, intrigas e influências ocultas, esta palavra de ordem foi utilizada pelos amigos de Tao Chu para os seus fins oposicionistas. Levaram então algumas organizações de massas a acusar o principal chefe militar da cidade, Huang Yong-cheng, de ser o «Tan Chen-lin de Cantão» e apresentaram falsamente a decisão de dissolução do Comité, tomada em Março, como uma emanção da contra-

corrente de Fevereiro e um ataque contra autênticos rebeldes.

Durante o Verão de 1967, a cidade esteve coberta de cartazes pedindo a destituição de Huang Yong-cheng. O próprio Chu En-lai foi igualmente atacado pelo facto de lhe ter dado apoio. Assim postos em causa, os chefes do E.P.L. em Cantão encontravam sérias dificuldades na arbitragem da luta entre facções. Foi por isso que os recontros entre partidários e adversários do Comité de 21 de Janeiro atingiram um grau de violência inusitado e passaram, durante o mês de Agosto, a um verdadeiro estádio de luta armada.

Havia combates na cidade quase diariamente. Rodeada por camiões carregados de homens armados,<sup>7</sup> Cantão foi também teatro de acontecimentos sangrentos.

Munidos de armas automáticas, os grupos de civis abriram fogo por várias vezes, principalmente a 20 de Agosto, dia em que tombaram numerosas vítimas. A partir das 5 da tarde, esta cidade, considerada em tempo normal como uma das mais vivas e alegres da China, ficava deserta, enquanto os comandos das diferentes organizações se entregavam a verdadeiros combates de rua. A presença de patrulhas militares não conseguia estabelecer a calma, pois as organizações favoráveis ao Comité de Aliança Revolucionária não hesitavam em abrir fogo contra elas. A evasão, em circunstâncias mal definidas, de um certo número de presos de delito comum que, para sobreviverem, se entregavam à pilhagem numa cidade já bastante próxima da anarquia, e as execuções sumárias de que foram vítimas por parte da população que, farta dos seus dislates, se mobilizara para os capturar, contri-

---

<sup>7</sup> Alguns campos militares tinham sido assaltados por comandos que, com a tarefa facilitada pelo facto de os soldados estarem proibidos de utilizar armas para lhes ripostar, aí furtaram armas de fogo.

buiu para atizar ainda mais este clima de perturbações e de ódios.

A imprudente palavra de ordem dos ultra-esquerdistas conduziu a uma ofensiva contra o E.P.L. que, em Cantão, estivera prestes a afogar a Revolução Cultural no caos.

*Chu En-lai, alvo principal dos ultra-esquerdistas*

Os ataques contra o exército tinham-se avolumado em Cantão, mas conheceram também um certo desenvolvimento noutras zonas. Muitos grupos anteriormente condenados pelo exército puseram em questão a sua arbitragem e contra-atacaram. A lógica destes grupos era simples: se os soldados não nos apoiam, é porque são influenciados pelo revisionismo e não por seguirmos uma linha errada. Em diversos sectores, equipas de propaganda do E.P.L. foram então acusadas de estarem sob a alçada de novos Tchen Tsai-tao e de serem émulos dos «reaccionários de Wuhan».

Isto ilustra mais uma vez a complexidade da vida política na China: a direita apresenta-se sistematicamente como sendo a verdadeira esquerda, acusando esta de ser a direita. A direita chinesa é decerto a mais vergonhosa do mundo.

A ofensiva contra o exército era apenas um dos aspectos da estratégia dos ultra-esquerdistas, sendo o outro a luta contra Chu En-lai. Na China, nenhuma campanha política pode dispensar palavras de ordem para mobilizar as massas. Vale a pena examinar a que foi lançada para minar a posição de Chu En-lai. Em Maio e Junho, a imprensa oficial do Partido tinha algumas vezes dado a entender, discretamente, que a facção de Liu Chao-chi começava a ser vencida. Os ultra-esquerdistas pretenderam então que ela só estava a ser vencida no domínio da organização. Ninguém duvidava que se tinha realmente conseguido derrubar um certo número de opositores e afastá-los das suas funções; mas esta linha continuava a ter uma

certa força no plano político e ideológico e era preciso combatê-la. Por outras palavras, havia quem não tivesse pertencido de maneira indiscutível a uma facção ou a um grupo de tipo liuista, mas que pensava ou agia segundo uma orientação semelhante. Isto sustentava que Tan Chen-lin e Chen Yi, principalmente, não deveriam beneficiar de qualquer circunstância atenuante e deviam ser postos no mesmo plano de Liu e Teng. Assistiu-se então a uma revivência da campanha de cartazes que os visava, tendo atingido o apogeu nos meses de Julho e Agosto. O ministro dos Negócios Estrangeiros, fácil de caricaturar devido ao hábito de usar óculos escuros, figurava em desenhos satíricos que cobriam as paredes do centro de Pequim.

Considerando que a luta contra a linha liunista não estava terminada, mas devia acentuar-se, os ultra-esquerdistas esforçaram-se por arrastar um certo número de organizações de Pequim numa ofensiva dirigida primeiramente contra Chen Yi e Tan Chen-lin e depois, cada vez mais claramente, contra Chu En-lai, considerado por eles como o homem que se opunha à destituição dos dois ministros, sendo portanto objectivamente liunista.

Cada vez com mais frequência, os Pequinenses descobriam pela manhã cartazes colados durante a noite atacando o Primeiro Ministro. Mas desenrolou-se paralelamente uma manobra muito mais grave. Visava pressionar o governo de que Chu En-lai era o chefe, e desacreditá-lo revelando-o como um organismo incapaz de assumir as suas funções, devido à oposição popular.

Assim se explica toda uma série de incidentes ocorridos em Pequim. Hoje, percebe-se perfeitamente que não foram fortuitos. No princípio de Agosto, o Ministério dos Negócios Estrangeiros foi de novo ocupado por uma parte do seu pessoal e por pessoas vindas do exterior, tendo sido bastante danificado.

Lembremos que, contrariamente ao que acontecia nos outros escalões da administração, em que os tra-

balhadores tinham o direito de destituir os seus superiores hierárquicos, os empregados de um ministério não podem destituir o respectivo titular, pois esta responsabilidade cabia ao Gabinete Político.<sup>8</sup> Não se podia pois encarar a possibilidade de «derrubar» Chen Yi e de transferir as suas funções para um Comité Revolucionário. A ocupação do Ministério dos Negócios Estrangeiros era uma forma de contornar esta interdição; conduziu à proclamação da transferência do poder, que se processou não à escala de todo o ministério mas da secção do Partido que o dirigia. Esta transferência foi ulteriormente declarada ilegal.<sup>9</sup> É inútil dizer quanto tudo isto perturbou o trabalho do Governo.

Assistiu-se ainda a uma série de violências contra as representações diplomáticas de diversos países com que a China mantém relações bastante tensas. Estes incidentes visavam dificultar a actuação do governo: ou este condenava os incidentes correndo o risco de parecer conciliador relativamente ao inimigo, ou os apoiava e se submetia à ditadura da rua.

A 17 de Agosto, o consulado soviético foi assaltado, saqueado e um carro diplomático incendiado. A 9 de Agosto, ocorrera já um incidente entre grupos de jovens chineses e um diplomata mongol que andava pacatamente às compras nas ruas da capital. Mas houve um mais grave: o ataque, na noite de 22 de Agosto, à legação britânica em Pequim, depois de uma manifestação suscitada pela política inglesa em Hong Kong. Uma parte dos edifícios destinados aos diplomatas britânicos foi incendiada, e o delegado da Grã-Bretanha, Mr. Donald Hopson, molestado. Embora soldados e polícias chineses tenham protegido a delegação (todas

---

<sup>8</sup> Cf. *supra*.

<sup>9</sup> Disse-se que Wang Li em pessoa se dirigira ao Ministério para encorajar esta transferência de poder.

as testemunhas afirmam unanimemente que eles se opuseram aos assaltantes e foram feridos por estes), acabaram por sucumbir, tendo-se desenrolado cenas bastante violentas. Quando os reforços do E.P.L. chegaram ao local, o edifício da chancelaria acabava de ser consumido pelas chamas.

Esta pressão dos ultra-esquerdistas sobre o governo chinês e as desordens que daí resultaram, devem também estar muito provavelmente na origem de algumas iniciativas pouco diplomáticas tomadas nessa época: uma delas, foi o envio a uma associação Cambojana para a amizade com a China, de um telegrama apelando mais ou menos para a revolução no reino Khmer. É também provável que no conflito que então opunha os chineses comunistas de Hong Kong às autoridades britânicas, tivessem sido encorajadas as tendências radicais a favor da integração da colónia inglesa na China Popular, quando a posição do governo relativamente ao problema é muito mais complexa.

O incêndio da chancelaria britânica em Pequim com os ânimos que exaltou por esse mundo fora, foi a gota de água que fez transbordar o copo. Chu En-lai, visado pelos ultra-esquerdistas, iria reagir com energia e autoridade.

### *A China em Agosto de 1967*

Já era tempo. O Verão de 1967 foi um dos mais escaldantes que a China conheceu. Marcou o ponto culminante das tensões da Revolução Cultural, o momento mais difícil e mais crítico da luta.

De uma maneira geral, no entanto, a situação estava longe de ser desfavorável a Mao Tsé-Tung e aos seus partidários. As transferências de poder tinham instalado os revolucionários num certo número de províncias e de cidades. Noutras zonas, tinham-se constituído Comitês preparatórios para a Grande Aliança: era o caso da Mongólia, Kiangsi, Honan, Hunan, Tche-kiang e Kiangsu. Iam-se destacando linhas de força

mostrando que os maoístas tinham consolidado gradualmente as suas posições. Nos meses precedentes, os opositores membros do Comité Central tinham conseguido enfrentar os rebeldes durante algum tempo, fazendo uso das suas responsabilidades na província. Porém, muitos destes responsáveis haviam sido destituídos e privados de possibilidade de acção directa. Era o caso de Li Ching-tsuan, no Setchuan, e de Liu Lan-tao, no Chensi. De facto, os opositores só continuavam solidamente implantados no Kuangtung; e vimos já o tipo de perturbações a que os partidários de Tao Chu deram origem nesta região.

A recrudescência dos incidentes durante o Verão de 1967 não se explicava portanto pelo vigor da oposição, mas pelo movimento desencadeado por Lin Kie, Tsi Pen-yu, Kuang Feng e os seus acólitos, entre os quais Wang Li, que depois de Wupan passava por herói e se julgava infalível.<sup>10</sup> Estes tinham introduzido uma nova contradição na situação política, alargando a frente da crítica para aí incluírem Chu En-lai. A insistência com que reclamavam o alargamento da luta contra a facção de Liu Chao-chi e a sua influência ideológica, tinha uma finalidade: dar a entender que o Primeiro Ministro deveria transformar-se num novo alvo da Revolução Cultural. Os ultra-esquerdistas tinham empreendido uma vasta campanha de agitação em Pequim para familiarizarem as pessoas com estas ideias: a denúncia quotidiana de Chen Yi, cuja continuação em funções fora até então imposta por Chu En-lai, constituía um dos seus elementos permanentes.

---

<sup>10</sup> Até então, Wang Li fora considerado como um bom militante. O seu desacordo com Chu En-lai surgiu como uma contradição não-antagónica. Não há dúvidas de que depois de Wuhan os acontecimentos lhe subiram à cabeça e se considerou igual aos maiores dirigentes chineses. Mas o que a China condenara, em Julho, fora a agressão contra a direcção do Partido, por ele representado em Wuhan; a sua experiência passava para segundo plano, relativamente à dos rebeldes.

Atacar Chen Yi e apelidá-lo de contra-revolucionário, correspondia a causar embaraços ao Primeiro Ministro, que o defendia e a tornar crível a ideia de que ainda havia revisionistas no poder. Mas os ultra-esquerdistas foram ainda mais longe. Durante o Verão, por sua instigação evidente, diversos grupos da capital passaram a reclamar aparatosamente que se «acabasse» com Liu Chao-chi. Tratava-se de passar a uma nova etapa na luta contra este último, por exemplo, à de os organismos centrais anunciarem oficialmente a sua condenação política e a sua exclusão. Pela cidade, múltiplos cartazes e slogans exprimiam este desejo. Essa efervescência pretendia ainda criar o sentimento de que a Revolução Cultural Proletária se mantinha estacionária porque alguém a travava. Quando chegasse o momento oportuno, seria explicado às massas que isso acontecia devido à oposição de uma certa personalidade, de que alguns não se privariam de dizer o nome: Chu En-lai. A reivindicação de certos grupos para acabar com Liu, levara alguns dos seus membros a iniciar uma greve de fome diante de Zhong Nan Hai, o ex-palácio imperial onde se encontra actualmente instalada a sede do Comité Central.<sup>11</sup> Tinham montado tendas de campanha mesmo em frente da entrada e afixado cartazes exigindo que Liu saísse e fizesse a sua autocrítica perante as massas antes do dia 31 de Julho. Para lhes dar uma satisfação parcial, foi convocada a 5 de Agosto uma nova reunião dos órgãos dirigentes, durante a qual Liu Chao-chi fez efectivamente a sua autocrítica. Altifalantes instalados no exterior do edifício permitiram que a multidão ouvisse tudo o que era dito na reunião. Os partidários dos ultra-esquerdistas renunciaram então à greve da fome. Mas os chefes da linha dura, no G.E.R.C., não tencionavam deixar-se desarmar e, logo no dia 6 de Agosto,

---

<sup>11</sup> Disse-se que Tsi Pen-yu os encorajara.

declararam a autocrítica inaceitável e que a linha liunista redobrava de actividade voltando à ofensiva. Esta maneira de ver as coisas conduziu ao agravamento dos conflitos, um pouco por todo o lado, e às perturbações que acabámos de descrever.

Em muitos locais, as discordâncias perturbavam o trabalho e o recomeço das aulas nos estabelecimentos de ensino. Quando as polémicas se limitavam a trocas de cartazes, ainda era o menos. Mas havia momentos em que os grupos não se contentavam com trocas verbais; os recontros eram frequentes e, nas províncias, corria muitas vezes sangue. De tempos a tempos, Pequim via afluir grupos de pessoas fugidas à violência que reinava nas suas cidades de origem. Aproveitando a ausência de repressão por parte da polícia ou do exército e a liberdade de acção dada às massas, a delinquência, em épocas normais quase inexistente, desenvolveu-se; foram detectados roubos, assim como o tráfico de certas mercadorias, pois as perturbações entravavam o abastecimento regular de alguns aglomerados. Não estavam os ferroviários divididos por conflitos agudos? Até Pequim, considerada a mais calma das cidades chinesas, assistiu durante o mês de Agosto a desordens sem precedentes. Grupos armados chegaram a defrontar-se em pleno centro da cidade; no mercado Xitan chegou a haver tiroteio, seguido de destruições diversas.

A frequência das escaramuças aumentava num número cada vez maior de escolas e de locais de trabalho. As organizações de massas tinham cada vez maior tendência para se dividirem em duas facções. As discussões sobre os Comitês Revolucionários, criados em Fevereiro, pareciam não ter fim. Invariavelmente, uma das facções considerava que esta criação era justa, e a outra que a transferência do poder feita sem aliança e sem tripla união não correspondia à linha de Mao. Embora com variações, a situação era a mesma em numerosos locais e tendia a multiplicar-se. Grupos até então unidos pela transferência de

poder e pela criação de um comité, começavam a cindir-se. Desde Junho, uma parte dos operários e dos empregados recusava-se a obedecer às directivas destes comités. Não faziam greve: trabalhavam como lhes apetecia, com todas as consequências que isto implica.

É claro que a discussão sobre os quadros também não acabara; e mais do que nunca, verificava-se o tipo de situação que já descrevi: a facção A defendia X, tido por revolucionário, enquanto que a facção B o acusava de revisionista. Com Y era o inverso: B considerava-o revolucionário, e A revisionista. Desde Maio que esta situação se agravara. Quando uma facção organizava um *meeting*, lá estavam os comandos da facção oposta a sabotar a reunião e a tentar tomar de assalto a tribuna. A organização de grupos de choque tendia também a desenvolver-se. Estes grupos especializavam-se na destruição dos altifalantes e *placards* dos adversários ou no rapto dos chefes ou dos quadros que estes defendiam.

Nunca as paredes de Pequim tinham comportado tantos cartazes e fotografias mostrando pessoas feridas ou locais destruídos. Viam-se também retratos emoldurados de preto, espécie de participações colocadas nas ruas por grupos que pretendiam assim prestar homenagem a alguns dos seus membros que haviam succumbido às violências. Eram acompanhados de acusações e de ameaças aos culpados. Viam-se ainda fotografias de pessoas, essas vivas, que alguns grupos acusavam pelo homicídio de membros seus e que eram acompanhadas de apelos «às massas» para que os prendessem.

Criara-se portanto uma situação alarmante. A luta contra o exército era particularmente grave em Cantão, e baseava-se numa palavra de ordem que se arriscava a cindi-lo. Estendendo-se ao E.P.L., o fenómeno das facções poderia comprometer definitivamente o processo das alianças e da constituição de Comités Revolucionários. Se as divisões persistissem, podiam conduzir à anarquia. Uma reacção vigorosa iria tentar suster este processo.

### 3. SÃO VENCIDOS OS ÚLTIMOS OBSTÁCULOS

## I. A NOVA INTERVENÇÃO DE MAO TSE - TUNG

### *Mao Tsé-Tung ausenta-se de novo*

Nunca é demais sublinhar que para se compreender a vida política na China é preciso ter em conta os aspectos específicos desta política. Já insisti no facto de o prestígio do Presidente do Partido ter um papel excepcionalmente importante e sem qualquer relação com o que pode existir noutros países. Já em Junho e Julho de 1966 Mao Tsé-Tung se ausentara de Pequim no momento em que se desenrolava uma luta de tendências particularmente importante. Já foram dadas as razões que nos levaram a considerar voluntário este afastamento da cena política: Mao afastou-se para dar tempo a que o conflito se alargasse voltando depois a fim de resolver o problema utilizando toda a sua autoridade moral e política.

Um ano depois reproduziu-se o mesmo fenómeno. Em Agosto de 1967 Mao Tsé-Tung não estava em Pequim; nessa época, o conflito entre Chu En-lai e Wang Li e os seus partidários atingia a intensidade máxima. Penso que também neste caso o Presidente do Partido Comunista Chinês agiu deliberadamente, só procurando exercer a sua arbitragem quando a

contradição estivesse suficientemente madura para que fossem claras as razões de ambos os lados.

### *Mao participa no debate*

No princípio de Setembro Mao Tsé-Tung regressou a Pequim e pronunciou-se a favor de Chu En-lai: *esta foi uma das grandes viragens da Revolução Cultural*. Entre a corrente espontaneísta dos ultra-esquerdistas e a reafirmação da necessidade do centralismo, Mao escolheu o segundo termo da alternativa.

O juízo que se pudesse emitir sobre Chen Yi constituiria um elemento de peso no conflito do Verão. Mao Tsé-Tung tornou pública a sua opinião sobre o assunto: «Nestes últimos 40 dias Wang Li cometeu mais erros do que Chen Yi em 40 anos».<sup>1</sup> Afirmou ainda que o *dossier* de acusação constituído contra o Ministro dos Negócios Estrangeiros estava cheio de exageros e não era portanto de levar a sério. Este conservou o lugar que ocupava, tentando fazer esquecer os seus erros através de um trabalho melhor orientado e tendo em conta as críticas recebidas. O Presidente do Partido criticava os ultra-esquerdistas, e principalmente os grupos que estes influenciavam no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Chu En-lai tinha portanto o apoio de Mao; certos dirigentes do G.E.R.C., nomeadamente Tchen Po-ta e Kiang Tsing, deslocaram-se às sedes de alguns dos grupos mais turbulentos da capital para justificar a acção do Primeiro Ministro. A campanha dirigida contra ele terminou imediatamente, assim como a que visava Chen Yi e Tan Chen-Lin.

Mao Tsé-Tung fez igualmente saber que os dirigentes do Exército gozavam da sua confiança. Subli-

---

<sup>1</sup> Mao tem sentido de humor, como se vê. Na China, Mao Tsé-Tung é célebre pelas suas «piadas». Muitas delas são conhecidas.

nhando que os erros do E.P.L. durante a Revolução Cultural tinham sido ínfimos e que este os corrigira, pediu que cessassem todos os ataques ao exército. Apelou para uma campanha nacional de «apoio ao exército». Deu directivas especiais para o caso de Cantão e apoiou Huang Yong-chen. Ao receber enviados das facções rivais de Cantão, Chu En-lai afirmou-lhes claramente que o Comité Central confiava em Yong-chen e que não admitia que o comparassem a Tan Chen-lin. Levou-os a assinar um acordo em 12 pontos segundo o qual deveriam interromper a luta e favorecer a unidade. Criou-se um grupo preparatório para a Grande Aliança nesta província cujo presidente foi Huang Yong-chen. Além disso, e para acabar definitivamente com as desordens no Kuangtung, a Comissão militar intimou a 5 de Setembro os grupos rebeldes a devolverem ao exército todas as armas que possuíam.

## II. O RESTABELECIMENTO DA ORDEM

### *A depuração do G.E.R.C.*

Impunha-se um regresso à ordem. Este seria orientado por duas medidas: recurso a uma repressão moderada que terminou com a liberdade excessiva do período precedente, e estímulo à aliança dos grupos revolucionários de massas, que os excessos anteriores tinham comprometido.

Lin Kie, Wang Li e Kuang Feng foram expulsos do G.E.R.C. Tsi Pen-yu conservou o lugar que ocupava mas passou a ter um papel muito apagado. Correu o boato de que fizera uma autocrítica sobre os acontecimentos do Verão.

Através de cartazes afixados nas ruas e da imprensa oficial foi empreendida uma vasta campanha de denúncia dos erros dos ultra-esquerdistas: estes têm um papel nefasto porque o seu aparente esquerdismo esconde uma actuação de direita. Afirmava-se que pretendiam dividir o Quartel General Proletário (alusão à tentativa de fazer passar Chu En-lai por inimigo de Mao) e o E.P.L. A palavra de ordem publicada a 1 de Agosto pela imprensa oficial apelando para a luta contra o punhado de *Zu Zi Pai* no exército é basicamente errada.

A imprensa mural era muito mais explícita. Afirmava que Wang Li e os seus acólitos tinham constituído um grupo clandestino chamado Corpo do Exército do 16 de Maio, em abreviatura 5-16<sup>2</sup> e que estava aberto um inquérito para averiguar o facto. Progressivamente, apareceriam nas ruas de Pequim fotografias de pessoas pertencentes a este grupo e responsáveis pelos ataques contra Chu En-lai. Eram acusados de estar na origem dos distúrbios do período precedente e de terem suscitado escaramuças, isto é, de terem provocado o *Woudou*. Foram presos alguns responsáveis pelo incêndio da chancelaria britânica ocorrido a 23 de Agosto. Nas paredes da cidade apareceu escrito o *slogan*: «cortemos a Mão Negra». No calão político dos chineses, a «mão negra», é a intervenção oculta de uma força política clandestina. O grupo 5.16 foi alvo de acusações diversas que me é impossível reproduzir aqui. Essencialmente, estas acusações resumiam-se no seguinte: a linha reaccionária burguesa de Liu (lembro que, embora Liu estivesse desde há muito reduzido à inacção, a paternidade de todos os flagelos continuava a ser-lhe atribuída pois, como também já dissemos, as ideias não podem circular na China sem uma base humana), vira-se obrigada a modificar as suas tácticas em função das derrotas que sofrera: como os conservadores tinham sido desmascarados, esta linha tivera de recorrer ao ultra-esquerdismo para atingir os mesmos objectivos: combater a Revolução Cultural e tentar dividir o Quartel General Proletário de Mao.

No que respeita a Wang Li e a Kuang Feng,<sup>3</sup> talvez convenha determo-nos um pouco na acusação que lhes foi feita *oficiosamente* de terem aplicado sob

---

<sup>2</sup> 16 de Maio de 1966; data da famosa circular dos princípios da Revolução Cultural. Cf. *supra* e anexo 3.

<sup>3</sup> Ignoro tudo de Lin Kie e nada me permite ajuizar da sua pessoa. Nesta época, Tsi Pen-yu não foi condenado politicamente.

outra forma a linha de Liu Chao-chi. Durante os primeiros tempos da Revolução Cultural Proletária tinham-se pelo contrário destacado como partidários firmes de Mao Tsé-Tung. Todavia, é inegável que a tendência que encabeçavam fizera com que a política chinesa corresse grandes riscos. A imprudência das suas palavras de ordem, a falta de senso político patente nas atitudes que tomaram eram inaceitáveis para os dirigentes chineses. É certo que os elementos conservadores adversários de Mao Tsé-Tung podiam utilizar, e utilizaram, a dita corrente para desencadear novas ofensivas e tentar afogar a Revolução Cultural numa espécie de caos; isto foi particularmente notório em Cantão. É portanto indubitável que os erros de Wang Li e de Kuang Feng favoreceram objectivamente as manobras da oposição. É também de crer que agentes de serviços secretos estrangeiros ou da Formosa se tenham aproveitado das desordens para redobram de actividade. Na ausência de informações precisas e até na ignorância de alguns factos, podemos porém duvidar de que tenham estado consciente e directamente comprometidos com a reacção. A acusação de contra-revolucionários que por vezes os Guardas Vermelhos<sup>4</sup> lhes fizeram através de cartazes e jornais parece portanto excessiva e deve ser considerada típica das grandes paixões políticas que não conseguem dispensar a propaganda.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Mas não pela imprensa oficial.

<sup>5</sup> Recentemente, o jornalista progressista W. BURCHETT, ao voltar de Pequim, evocou este assunto no n.º 14 de *Africasia* (6-6-71), tendo falado de conspiração. O seu artigo não traz porém nenhum elemento novo. É certo que o grupo 5.16 avançou palavras de ordem hostis ao «antigo governo» (o anterior à Revolução Cultural e cujo chefe era Chu En-lai). O antigo embaixador da China na Indonésia, Yao Teng-chan, era considerado como um bom substituto do titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, Chen Yi. Qual terá sido o papel desempenhado por este personagem no grupo 5.16, assim como o do

## *As directivas de Mao Tsé-Tung*

Na segunda quinzena de Setembro viam-se grupos de pessoas nas ruas de Pequim lendo atentamente grandes cartazes manuscritos. Estes cartazes afirmavam que nas semanas precedentes Mao estivera ausente de Pequim e efectuara uma viagem pela província, ao Norte, Centro-Sul e Este da China.

Junto dos cartazes, as pessoas empurravam-se para os lerem avidamente e para os transcreverem. Terminada a leitura formavam-se novos ajuntamentos onde se discutia animadamente. A maioria das organizações de massas viria depois a imprimir ou policopiar o conteúdo destes cartazes. Sob a forma de brochuras, pan-

---

americano Rittenberg e certos indivíduos nitidamente direitistas? Porque razão foram pilhados os arquivos do Ministério na etapa mais dura da crise? Por que razão o grupo 5.16 substituiu a palavra de ordem nacional «Abaixo Liu Teng Tao (Chu)» por «Abaixo Liu Teng Chen (Yi)», forma indirecta de libertar Tao Chu? Estas perguntas mantêm-se ainda sem resposta. A acusação de conspiração nunca foi feita na China com ligeireza. Até hoje nada de semelhante a tal foi afirmado oficialmente, e seria absurdo substituímo-nos às autoridades chinesas pronunciando-nos sobre este estranho caso. Mas é evidente que já não é necessário demonstrar a possibilidade de, em certas circunstâncias, uma corrente esquerdista poder fazer o jogo das direitas. Mais recentemente ainda, numerosas informações concordantes provenientes de Pequim deram-nos a conhecer que o grupo 5.16 teria sido de facto teleguiado por um centro clandestino agrupando dirigentes de nível mais elevado, em particular Tchen Po-ta. Durante a Revolução Cultural correu o boato de que existiam divergências entre este último e Chu En-lai. Confirma-se hoje que Tchen Po-ta caiu em desgraça; mas faltam-nos informações bastantes sobre este assunto, quer no que respeita à natureza exacta das suas divergências com o Primeiro Ministro quer às actividades conspirativas de que o ex-Chefe do Grupo Encarregado da Revolução Cultural é acusado. É ainda mais estranho o mistério que rodeia o desaparecimento de Lin Piao das manifestações oficiais (certos jornais ocidentais chegaram a afirmar que este fora destituído). Ver o posfácio no final do livro.

fletos, cartazes ou gravações em fita magnética, este texto bastante longo viria a circular por toda a China. Foi reproduzido inúmeras vezes. Nos meses seguintes foi amplamente citado nas discussões. Pouco tempo depois da divulgação deste texto, por ocasião de uma deslocação que fiz por via aérea ao interior do país, tive a surpresa de ouvir a hospedeira ler integralmente ao microfone o extenso texto das directivas. Eis pois uma indicação da importância dada às directivas e da intensidade com que se exerce a propaganda chinesa. Todavia, este texto só muito mais tarde foi publicado pela imprensa do Partido; e foi-o muito discretamente pois só o reproduziram certas publicações locais, tais como o *Diário de Pequim* ou o *Wen Hui Bao* de Xangai, e não o *Diário do Povo* ou o *Bandeira Vermelha*, órgãos centrais do Partido Comunista Chinês. Esta espécie de informação paralela que se efectua fora dos canais da propaganda regular visa dar um carácter semi-oficial a certas directivas. Estas são assim mais facilmente modificáveis no caso de as vicissitudes da situação política o exigirem. Neste caso tal não aconteceu; o facto serve porém de exemplo da especificidade da vida política na China.

Não disponho de uma tradução integral do texto de Mao Tsé-Tung e não o posso, portanto, citar em anexo neste livro. Sou pois obrigado a resumir os seus pontos fundamentais.

O Presidente do Partido começava por afirmar que a situação era excelente: isto pode parecer surpreendente nessa época, mas Mao pretendia sobretudo desmentir a afirmação dos esquerdistas do G.E.R.C. segundo a qual os liunistas teriam passado à ofensiva. Segundo Mao, a principal aquisição da Revolução Cultural era o facto de as massas terem sido plenamente mobilizadas numa luta política de grande envergadura e de o nível ideológico destas se ter elevado prodigiosamente. Sublinhava com satisfação o facto de por toda a parte, tanto nos locais de trabalho como nos bairros e nas famílias, os problemas da Revolução

Cultural Proletária se terem transformado no tema principal das conversas. Esta afirmação de Mao não pode ser desmentida; o povo chinês é hoje incontavelmente o mais politizado do mundo.

Mao consagrava longas passagens aos problemas da aliança das organizações de massa e dava conselhos para a criação de Comitês Revolucionários da Tripla União a todos os níveis do aparelho administrativo. A chave da Tripla União, dizia, era «libertar» um grande número de quadros do Partido. Dado que alguns comentadores estrangeiros jogaram com o sentido da palavra «libertar», convém especificar que no calão político chinês este termo não significa fazê-los sair da prisão, mas sim libertá-los da crítica; deveriam pois ser readmitidos numerosos quadros depois de fazerem a sua autocrítica, a qual lhes permitiria reformarem as suas antigas funções dirigentes.<sup>6</sup> Esta recomendação fora constante desde Agosto de 1966 e da publicação da Declaração em 16 pontos; mas a sua aplicação fora travada pelos meandros do movimento e pelos desvios espontaneístas.

Mao pôde constatar, no decorrer da sua viagem, que numerosos quadros tinham sido criticados a muitos níveis. Segundo parece, foi com uma certa surpresa que ele se apercebeu de que em certos locais as massas mostravam muita animosidade face a uma parte dos quadros. Mesmo tendo em conta a influência das palavras de ordem espontaneístas e das iniciativas ultra-esquerdistas, o fenómeno adquiria uma grande amplitude. Mao Tsé-Tung afirmava sem peias que estes «quadros se tinham separado das massas». Porque razão tinham sido criticados e até tratados rudemente pelos estudantes e trabalhadores que os obrigavam a usar a boina da vergonha e escreviam contra eles cartazes insultuosos, práticas que Mao Tsé-Tung

---

<sup>6</sup> Ou, conforme os casos, funções menores.

achava condenáveis e proibia? O Presidente não hesitava em dizer que o facto de certos quadros terem salários mais elevados, viverem em casas mais confortáveis e terem carros à sua disposição, assim como o autoritarismo de que alguns tinham dado provas e o pouco empenho em consultar os seus colaboradores e administrados antes de tomar decisões, explicava este divórcio e os sentimentos pouco calorosos das massas para com eles. Mao dava a entender que tudo isto deveria mudar.

Por outro lado, a aliança das organizações de massa deveria fazer-se após a consulta entre elas; a pretensão manifestada por algumas de só aceitarem uma aliança onde elas fossem o «núcleo», devia ser rejeitada. «Uma organização», dizia Mao com sentido de humor, «não pode declarar-se a si própria o núcleo de uma aliança; as que se consideram como tal são as mais idiotas».

Evocando o problema das organizações de massa com tendências reaccionárias, o Presidente afirmava que eram pouco numerosas. Proceder a prisões não era, segundo ele, bom método. O governo devia prender poucas pessoas e mesmo essas, a pedido das massas e com a sua ajuda.

Mao Tsé-Tung sublinhava que a aliança era particularmente desejável na classe operária; apelava em termos muito precisos para a cessação das lutas de facção no seio desta classe. As suas palavras sobre este assunto foram incansavelmente citadas e repetidas quase diariamente pela imprensa do Partido: «Não existe um conflito fundamental de interesses no seio da classe operária; sob a ditadura do proletariado, em particular, não há nenhuma razão para que os operários se dividam em organizações antagónicas.»

As directivas de Mao Tsé-Tung estendiam-se por várias páginas. A sua ampla difusão estaria na base das novas etapas da Revolução Cultural, marcadas por progressos no sentido da unidade e da criação de novos Comités Revolucionários.

## *Regresso à normalidade*

O aparelho de propaganda do Partido empreendeu uma vasta campanha apelando para o reforço das alianças, a par da crítica ao espontaneísmo revelado pelos ultra-esquerdistas. Para melhor combater a actuação destes últimos nas semanas precedentes, acentuava-se os reveses da linha reaccionária burguesa em vez de se afirmar que esta tinha retomado a ofensiva. A imprensa oficial declarava pela primeira vez que se alcançara uma vitória *decisiva* sobre a oposição. Repetia-se que o Quartel General da Burguesia estava destruído; isto significava que os membros principais da facção de Liu Chao-chi estavam privados do poder, que a oposição fora decapitada e não tinha possibilidades de desencadear qualquer ofensiva de envergadura. Ouviam-se igualmente apelos para o apoio ao Exército; foi publicada uma grande quantidade de artigos elogiando-o. Dizia-se que o E.P.L. constituía então o pilar da ditadura do proletariado. Só graças a ele se poderia desenvolver a Revolução Cultural: a unidade do Exército e do povo era um elemento essencial da vitória da Revolução, pelo que seria incorrecto atacar os militares. Como acontecera em Abril, aumentou novamente a crítica a Liu Chao-chi; procurava-se mais uma vez favorecer a unidade designando às massas um alvo comum. Reiniciou-se a crítica revolucionária de massas: examinaram-se de novo os textos do Presidente da República, passou-se em revista a sua política nos domínios científico, pedagógico, industrial e militar; foram novamente redigidos e publicados milhares de cartazes. Todas as empresas construíram suportes de madeira no exterior dos edifícios e nas ruas das cidades; os cartazes e as caricaturas neles colocados eram renovados constantemente. Pretendia-se assim que todas as pessoas que passassem em frente de uma fábrica pudessem ficar informadas sobre os principais problemas políticos que lá se deba-

tiam sem terem necessidade de entrar. Isto permitiu aliviar um pouco as paredes e as montras das lojas, há meses escondidas por um revestimento pouco estético de cartazes sobrepostos.

Chu En-lai era novamente o Primeiro Ministro incontestado de outrora. Foi difundido em milhões de exemplares um cartaz a cores em que este figurava juntamente com os outros cinco dirigentes: Mao, Lin Piao, Tchen Po-ta, Kiang Tsing e Kang Cheng. Reafirmava-se assim que ele pertencia àquele directório maoísta, habitualmente designado por Quartel General Proletário.

Nas festas do 1.º de Outubro de 1967, que marcavam o 18.º aniversário da fundação da República Popular, as massas tiveram a surpresa de verem reaparecer Chen Yi em público. A campanha contra ele durara vários meses, desde Fevereiro de 1967. Dotado de um grande sentido de humor que o levou a ser muito conhecido em toda a China, este personagem recebera inicialmente as críticas que lhe eram dirigidas sem se desfazer do seu sorriso. Contam-se muitas anedotas sobre esse facto; teve por exemplo a audácia de ridicularizar os Guardas Vermelhos numa época em que muitos Ministros tremiam perante eles.

Interpelado por Guardas Vermelhos quando se dirigia ao aeroporto para receber uma delegação estrangeira, Chen Yi desceu do carro e escutou com uma expressão atenta o sermão cheio de citações de Mao Tsé-Tung que os jovens lhe dirigiram. Terminada a homilia, Chen Yi agradeceu aos seus jovens censores e subiu para o carro. Antes de arrancar, debruçou-se na janela e abriu o seu *Livro Vermelho*: «Permitam-me agora que cite o Presidente Mao Tsé-Tung na página 320 (o Livro Vermelho só tem 270 páginas na edição chinesa). O Presidente Mao disse: «Chen Yi é um bom camarada. Faz parte da Pandilha Vermelha». O carro do Ministro arrancou enquanto os Guardas Vermelhos, furiosos, o cobriam de injúrias...

Conta-se também que no decurso de uma sessão de autocritica pública ocorrida perante as organizações de massa de Pequim, alguns jovens Guardas Vermelhos se tinham sucedido na tribuna para criticar veementemente Chen Yi. Um deles foi particularmente caloroso; interrompendo as acusações do jovem, o Ministro levantou-se, veio inclinar-se perante ele e num tom meio arrependido, meio trocista, olhou para a assistência e disse com voz doce: «Chen Yi não torna a fazer!», desencadeando assim a hilariedade geral.

No entanto, com o andar do tempo, o moral de Chen Yi enfraqueceu e começaram-se a notar sinais de uma certa depressão. Os boatos que corriam sobre o seu mau estado de saúde não tinham certamente nada de diplomático; a 31 de Setembro, por ocasião de um banquete para celebrar a festa nacional e com a presença de convidados estrangeiros, viu-se surgir na mesa do Governo um Chen Yi pálido e magro. Defendido por Mao Tsé-Tung, mantinha o seu lugar tanto no Ministério como no Gabinete Político; todavia a sua popularidade e autoridade já não se mantinham ao nível em que se encontravam antes da Revolução Cultural.

No Outono já progredira bastante o restabelecimento da calma. Mao Tsé-Tung ia agora dedicar-se à consolidação da sua vitória. A Revolução Cultural saíra finalmente de um estágio de grande agitação.

A redacção desta III Parte do nosso livro obriga a alguns prolongamentos, na medida em que as origens e as manifestações do ultra-esquerdismo são melhor conhecidas hoje do que na altura em que a obra foi escrita. A luta contra esta corrente foi constante desde 1967 até 1972. Em 1971 conheceu até alguns resultados dramáticos e espectaculares. Foi marcada pela destituição de Tchen Po-ta e a crítica de Lin Piao, seguida da sua acusação póstuma por conspiração.

No entanto, se hoje estamos melhor informados sobre a natureza e a importância do desvio ultra-esquerdista, devemos reconhecer que a informação

disponível é ainda muito deficiente principalmente no que diz respeito ao alcance internacional e à gravidade do fenómeno.

Façamos portanto um resumo. A crítica de Wang Li, Kuang Feng e Tsi Pen-yu está hoje oficializada. São acusados de terem formado o Grupo 5.16, organização qualificada de secreta e contra-revolucionária. Sabe-se que este grupo, muito influente no domínio da propaganda, procurou tomar nas suas mãos os Negócios Estrangeiros e parecia tê-lo conseguido em 1967.

O ex-embaixador da Indonésia, Yao Teng-shan, um outro membro do 5.16, suplantara praticamente o ministro Chen Yi. As vivas campanhas contra este último visavam com efeito Chu En-lai e a orientação que este dera à política exterior. O Primeiro Ministro era acusado de não apoiar os Movimentos de Libertação nacional e de favorecer os regimes nacionalistas na Ásia do Sudoeste e na África.

Desde o seu regresso a Pequim em Maio de 1967 e até à sua prisão em Outubro seguinte, Yao lançou-se em intensa actividade contra Chen Yi e Chu En-lai. Considerava-os responsáveis pelos falhanços da política na Indonésia, de onde vinha.

Na mente de Mao e dos promotores da Revolução Cultural esta devia ter por pontos de aplicação a pedagogia, a literatura, o jornalismo, a sanidade pública e a administração interior. Nestes domínios, o revisionismo apresentava-se ameaçador em diversos graus. Afirmou-se que tal não acontecia nos Negócios Estrangeiros, mesmo tendo em conta os erros que pudessem ter sido cometidos e que conviria rectificar.

Não pode haver dúvidas de que a orientação que Chu En-lai deu e continua a dar à política exterior teve e tem o apoio de Mao. Aliás, neste sector complexo onde a estratégia e a tática impõem manobras subtis e difíceis, nenhuma decisão importante é tomada sem a concordância do Presidente do Partido. Mao e Chu tiveram naturalmente alguns falhanços; mas é difícil

acreditar que Yao Teng-shan julgasse defender a linha de Mao atacando Chu En-lai no terreno da diplomacia.

Durante os seis meses em que foi influente no Ministério dos Negócios Estrangeiros, Yao teve ainda certas iniciativas estranhas e perigosas. Levou o Governo Chinês à ruptura com a Birmânia e quase conseguiu o mesmo com o Nepal. Estes dois países próximos da Índia mantinham boas relações estatais com a China, assim como o Paquistão. Todos eles têm regimes reaccionários, mas face à ameaça indiana apoiada pela U.R.S.S. uma tal aliança surge como estrategicamente capital para o governo chinês.

Sabe-se já que Yao Teng-shan tentou utilizar as minorias chinesas residentes na Birmânia e no Nepal para aí suscitar uma agitação revolucionária que, provocada do exterior, era necessariamente superficial. Actuou do mesmo modo no Cambodja, então governado pelo Príncipe Sihanuk. Isto demonstra uma concepção simplista da política estrangeira e uma completa ignorância da situação internacional.

Tendo na mesma época surgido incidentes entre os chineses e as autoridades britânicas, Yao mandou um ultimato aos ingleses, organizando depois o saque e o incêndio da legação britânica em Pequim. Este incidente não se mantinha numa proporção razoável com o conflito então em curso; veio alimentar uma campanha anti-chinesa mundial e enfraqueceu a posição da China num período em que o entendimento americano-soviético se tornava perigoso.

No domínio interno os membros do 5.16 queriam transformar Chu En-lai em alvo da Revolução Cultural ao mesmo título que Liu Chao-chi. Punham em causa «o antigo governo», o que fora formado antes da Revolução Cultural por Chu En-lai. Propagavam a convicção de que este era revisionista. Os seus ataques concentravam-se sobre o problema dos quadros; a seus olhos a corrupção atingira um grande número destes. O Partido devia ser massivamente depurado.

Em sua opinião, o Primeiro Ministro traía a Revolução ao defender os quadros.

Uma das palavras de ordem difundidas no Verão pelos ultra-esquerdistas era perfeitamente típica: «50 dias ou 17 anos?», perguntavam. Dever-se-iam considerar apenas os erros mais ou menos graves cometidos pelos quadros durante os 50 dias sob a influência provisória de Liu Chao-chi, ou era mais importante analisar as atitudes revisionistas que se verificaram no Partido durante 17 anos? Não bastava referir os erros cometidos pelos quadros em Julho de 1966; era também necessário revelar «todos os erros cometidos desde 1949». Os ultra-esquerdistas sugeriam, contrariamente aos 16 pontos, que o país era controlado desde a Libertação pela linha negra.

No que se refere aos ataques do 5.16 contra o Exército, parece que Wang Li e Kuang Feng foram alguns dos seus organizadores, tendo graves responsabilidades no acontecimento do Nordeste por utilizarem o grupo de Kuai Ta-fu na Universidade Tsinghua.

Sabe-se hoje que o ex-Chefe do Estado Maior, Yang Tcheng-wu, de que falarei na 4.<sup>a</sup> Parte, era partidário de uma depuração no Exército; foi eliminado seis meses mais tarde assim como os seus adjuntos Fu Yong-pin e Yu Li-chin. São actualmente acusados de terem sido membros do 5.16.

Convirá ainda referir que depois de Wuhan ocorreram graves incidentes contra o Exército em Cantão, e também em Nanquim. O comandante local, Hsu Chin-yu, foi tomado como alvo pelos activistas, alguns deles enviados mais uma vez de Pequim por Kuai Ta-fu.

Os ultra-esquerdistas do 5.16 têm uma certa responsabilidade nos encontros violentos do Verão de 1967. Algumas das suas palavras de ordem incansavelmente repetidas sugeriam que os revisionistas restauravam o poder que tinham perdido em Janeiro de 1967. A acreditar neles, os conservadores voltavam em força e era necessário defender a Revolução com as armas na mão. A festa do Exército, no dia 1 de Agosto,

deu lugar a uma campanha nacional sobre o tema: O poder está na ponta da espingarda. No contexto do momento, repetir desse modo esta palavra de ordem equivalia a deitar óleo sobre fogo. Os combates entre civis atingiram uma intensidade sem precedentes. Os ataques contra os soldados deram origem a milhares de vítimas. Foi isto que três anos mais tarde, no Outono de 1970, Mao revelou a Edgar Snow. Acrescentemos ainda que todas as actividades do 5.16 se desenvolveram sob a cobertura de uma ensurdecidora campanha de propaganda exaltando Mao e a sua doutrina sem qualquer freio (recordemos que os ultra-esquerdistas estavam muito bem implantados no aparelho de propaganda). Yang Tcheng-yu escreveu assim um artigo intitulado «Implantemos com o maior vigor a autoridade absoluta do grande pensamento do grande comandante chefe, o Presidente Mao». Fazia dele uma apologia pura e simples do culto da personalidade. Esta exaltação de Mao é característica do ultra-esquerdismo. O Presidente Mao, que não foi enganado por este tipo de manobras, qualificou os ultra-esquerdistas de hipócritas.

Resumem-se a isto as nossas certezas sobre a actuação do 5.16. Continua porém a existir um grande número de dúvidas. A gravidade dos erros cometidos por Yao, Wang, Kuang e Tsi é pouco discutível; pode até parecer esmagadora. No entanto, tanto nessa época como noutras, viu-se outros chineses cometerem graves erros sem serem tratados de contra-revolucionários. Foram severamente criticados e sancionados sem que por isso tenham sido vítimas de uma etiqueta infame. A contradição existente entre eles e a linha justa não foi considerada antagónica. Mantiveram-se como camaradas e puderam novamente trabalhar para a Revolução. Foi esse o caso, por exemplo, de Teng Hsiao-ping, ex-Secretário Geral, muitas vezes criticado como promotor da linha revisionista ao mesmo título que Liu Chao-chi. O comandante militar de Wuhan, Tchen Tsai-tao, foi também reabili-

tado. Como se verifica se uma contradição é ou não antagónica? Quais são os critérios a empregar para o ajuizar?

Para ser qualificado de contra-revolucionário na China, parece ser necessário que existam provas sólidas, factos graves, pressupostos numerosos e concordantes; e é bom que assim seja. Os factos evocados contra o ultra-esquerdismo são graves. O «dossier» parece ser pesado. Mas bastará esse «dossier» para efectuar um julgamento definitivo? Os erros cometidos teriam sido inspirados pelo desejo de destruir a Revolução ou pela imprudência, ignorância ou imaturidade política ou psicológica? Os homens do 5.16 seriam contra-revolucionários ou indivíduos sinceros que resolveram avançar demasiado depressa e escorregaram na lama e no sangue? Como responder a estas questões?

Em primeiro lugar, é impossível substituírmo-nos aos dirigentes chineses na análise desta questão. Estes revelaram poucas informações sobre os acontecimentos. Por outro lado, o seu julgamento é claro; o 5.16 é contra-revolucionário. Significa isto que as autoridades chinesas têm algumas razões suplementares para condenar o grupo, que o «dossier» é ainda mais pesado? Então, surgem novas perguntas...

Tratar-se-á de infiltração no 5.16 de agentes estrangeiros, da sua hipotética coligação com uma potência estrangeira? Do desaparecimento de documentos secretos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, como já foi dito? Apesar do suplemento de informações recebido depois de 1969 estas questões mantêm-se sem resposta. Durante quanto tempo?

Uma das mais estranhas revelações feitas a propósito do 5.16 foi a de que personalidades mais elevadas do que as já citadas teriam estado envolvidas nas suas actividades. Este grupo teria sido apenas um instrumento manobrado por Tchen Po-ta. Desde há dois anos que se realizam na China numerosas reuniões para denunciar as actividades conspirativas deste. Recordemos que Tchen Po-ta era chefe do

G.E.R.C.; este simples facto basta para confundir o observador estrangeiro, tanto mais que nada transpirou sobre estas reuniões. W. Hinton, que escreveu uma longa obra onde refere as consequências do ultra-esquerdismo em Tsinghua não se refere sequer a Tchen Po-ta.

Tudo o que se pode dizer é que em 1967, Wang Li, então no apogeu da sua glória, trabalhava sob a autoridade deste último. Tchen era director do Bandeira Vermelha. Os ultra-esquerdistas poderiam ter utilizado o aparelho de propaganda, como o fizeram, sem o conhecimento de Tchen? A pergunta mantém-se ainda sem resposta.

Durante a minha estadia na China, tive ocasião de ouvir vagas alusões a um desacordo entre Tchen Po-ta e Chu En-lai, mas nenhum detalhe me foi fornecido.

O caso de Lin Piao é ainda mais opaco. Nos finais de 1971, certos observadores fizeram notar que Lin já não aparecia em público. Isto não teve então quaisquer consequências; mas as perguntas começaram a surgir quando perto do dia 1 de Outubro do mesmo ano se anunciou que o desfile tradicional não se efectuaria e que os dirigentes não apareceriam em Tien An Men.

Surgiram então diversos rumores segundo os quais Lin Piao era acusado na China de ter tentado assassinar o Presidente Mao. Um pouco mais tarde, disse-se que ele teria tentado fugir para a U.R.S.S. a bordo de um avião militar que se teria despenhado na Mongólia. Estas informações provinham de fonte americana. Pareceram tão rocambolescas que poucas pessoas lhes deram fé.

No entanto, a imprensa chinesa iniciou pouco depois uma campanha contra o ultra-esquerdismo, os «falsos marxistas» e os escroques «do tipo Liu Chao-chi». A pouco e pouco, foi-se tornando notório que esta campanha visava o estilo estereotipado na propaganda, os excessos do «culto» de Mao, o subjecti-

vismo, a intransigência doutrinal, tudo isto sendo baptizado de «apriorismo».

Um artigo complicado de homenagem ao artigo de Mao intitulado «Uma fásca pode incendiar toda a planície» mostrava que esta campanha era dirigida contra Lin Piao. Com efeito, este artigo era na realidade uma carta escrita em 1930 pelo Presidente a Lin Piao para criticar algumas das suas concepções militares.

Surgiram posteriormente outros artigos criticando nitidamente as concepções do ex-Vice-Presidente sobre o papel da milícia e sobre a repartição do produto do trabalho em regime socialista. Paralelamente, a imprensa insistia no facto de o Exército dever obedecer ao poder civil, isto é, ao Partido.

Outros artigos se seguiram. Todos eles apresentam um grande valor teórico e cortam com a mediocridade da propaganda durante a Revolução Cultural. Mas uma crítica teórica de Lin Piao prova simplesmente que este se afastou do marxismo-leninismo; e os erros teóricos diferem dos actos contra-revolucionários.

Ora Lin é acusado de ter conspirado para usurpar a direcção do Partido e assassinar Mao. Este último confirmou-o abertamente ao Ministro francês Maurice Schumann e ao Primeiro Ministro do Ceilão, Sr.<sup>a</sup> Bandanaraïke. Aquando de uma conferência de imprensa na América Latina, o Ministro chinês Pai Hsiang-kuo confirmou oficialmente as acusações feitas ao Vice-presidente Lin Piao. Em nenhuma destas ocasiões foi fornecido qualquer detalhe ao público.

Taipé publicou diversos documentos pretensamente adquiridos pelos seus serviços especiais no continente e que reproduziriam o plano de assassínio tramado por Lin contra Mao. Sempre consideramos estes documentos como não tendo qualquer valor e não vemos necessidade de rever a nossa posição. De qualquer modo, o caso de Lin Piao não é claro.

Esta tese de conspiração não é actualmente verificável. Ninguém fora da China pode compreender

facilmente como pode um homem, exaltado como companheiro de armas do Presidente Mao e nomeado seu sucessor por um Congresso, conspirar activamente contra aquele. É inegável que Lin Piao cometeu diversos erros durante bastante tempo, e que estes não foram pequenos: principalmente o de ter esquematizado o marxismo e o de ter dado a certas manifestações políticas o carácter de ritos religiosos... Tudo isto teve como consequência o enfraquecimento das bases teóricas da actividade do Partido Comunista Chinês e, por outro lado, o encorajamento do espontaneísmo. Mas, apesar de tudo, efectuar conspirações já é um outro assunto; e as autoridades chinesas ainda não forneceram informações detalhadas sobre os acontecimentos.

Já se afirmou que o verdadeiro inspirador do grupo 5.16 teria sido Lin Piao. Ainda quanto a este ponto é impossível afirmar seja o que for de definitivo.

No *Le Monde* de 26 de Abril de 1972, foi publicado um artigo onde o sinólogo holandês Jaap Van Ginneken, recentemente regressado da China, afirmou que a partir de 1967 Lin teria encorajado uma conspiração para tomar o poder. Teria sido precisamente o grupo 5.16 a funcionar como instrumento dessa conspiração. Mas o artigo não apresenta qualquer demonstração. Se bem que atribua algumas palavras de ordem ultra-esquerdistas a Lin Piao, é ainda difícil assemelhar o lançamento de palavras de ordem erradas à actividade conspirativa.

O caso Lin Piao mantém-se portanto ainda misterioso. E manter-se-á como tal enquanto os dirigentes de Pequim não abrirem publicamente o «dossier» e fornecerem as provas da sua traição. Entretanto, o observador só poderá informar-se e interrogar-se...

Um último esclarecimento sem relação directa com o precedente: Sie Fu-tche, o «herói de Wuhan», morreu em Pequim a 26 de Março de 1972, vitimado por um cancro.

Capítulo IV

**DE 1 DE OUTUBRO DE 1967 A 24 DE ABRIL DE 1969  
DE UMA VITÓRIA DECISIVA A VITÓRIA FINAL**

## 1. DE OUTUBRO DE 1967 A FEVEREIRO DE 1968

Os 13 meses da Revolução Cultural que se seguiram ao 1.º de Outubro de 1967 foram muito diferentes dos precedentes. A luta para eliminar um certo número de dirigentes que se opunham a Mao Tsé-Tung estava praticamente terminada. As perturbações iriam agora acalmar. Já não haveria aquela alternância de fases que até então caracterizara o movimento. É por isso que este período da Revolução Cultural ocupa nesta obra um lugar quantitativamente menos importante.

## I. A LUTA CONTRA O FRACCIONISMO

### *Luta — crítica — transformação*

Com a eliminação da corrente ultra-esquerdista, a Revolução Cultural atravessara a sua última fase de grandes perturbações. Exceptuando um período relativamente curto da Primavera de 1968 em que se verificaram novas escaramuças, a Revolução Cultural Proletária teria agora um desenvolvimento calmo, enquanto Mao Tsé-Tung e os partidários deste consolidavam metodicamente as suas vitórias. Isto conduziria, em Outubro de 1968, à realização da 12.ª Sessão Plenária do Comité Central que veria a consagração de tais vitórias.

Em Outubro de 1967, após o Verão escaldante cujo desenrolar particularmente agitado já descrevemos, impunha-se um restabelecimento da ordem. A imprensa central proclamava que o «quartel general burguês» de Liu Chao-chi fora destruído e que a Revolução Cultural alcançara uma vitória decisiva. Mas, devido ao método de luta adoptado por Mao Tsé-Tung e à preocupação deste de que toda a população participasse nas controvérsias e nos conflitos, a sociedade chinesa fora consideravelmente abalada.

As múltiplas cisões que afectavam as organizações de massas, as lutas intestinas, o agudizar das violências, o afastamento persistente de um número demasiado elevado de quadros do Partido por falta de um acordo entre as organizações para ajuizarem do comportamento deles, a ameaça de fraccionismo no exército, hipotecavam as vitórias obtidas contra a oposição. Portanto, para consolidar uma vitória ainda frágil, era preciso dar remédio a estes inconvenientes. Havia já muito tempo, desde Março de 1967 pelo menos, que se sentia por parte dos dirigentes do Partido uma preocupação latente em reduzir a esfera da mobilização das massas, e o inevitável número de desordens que a acompanhava para aumentar a do centralismo. A persistência da oposição e a existência de uma corrente ultra-esquerdista tinham impedido a progressão nesta via. Ora, em Outubro de 1967, estes dois obstáculos estavam varridos. Nada se opunha já a que se prosseguisse o trabalho iniciado em Março de 1967 e que consistia em favorecer as alianças das organizações de massa e em reintegrar progressivamente os quadros pouco comprometidos com a política de Liu Chao-chi ou susceptíveis de se dessolidarizarem dela. As condições de criação de Comitês Revolucionários sólidos depressa estariam reunidas. Feito isto, poder-se-ia encarar a reedificação das organizações do Partido, depurando-as dos opositoristas e dos indivíduos cuja corrupção ou aburguesamento se tinham tornado nítidos no decorrer da Revolução Cultural. A realização do Congresso do Partido viria depois consagrar estas alterações.

O reforço da unidade e a consolidação orgânica que ela favorecia eram também necessários para que a Revolução Cultural passasse a um novo estágio, o da transformação (*Kai*), depois dos da luta e da crítica (*To-Pi*), que se tinham processado durante os dois anos anteriores. No espírito de Mao, a Revolução deveria empreender estas três tarefas. Era preciso que as massas derrubassem alguns responsáveis, mas

também que criticassem todos os aspectos negativos do trabalho político e ideológico destes para depois os transformarem completamente num sentido revolucionário. Assim poder-se-ia modificar o ensino, a arte e o funcionamento dos órgãos de estado. Isto só poderia fazer-se segundo um plano de conjunto cuja aplicação implicava o impulso estrutural dos Comitês Revolucionários nas fábricas, nas escolas e nas instituições literárias e artísticas. O conjunto destas exigências definia a orientação dos meses seguintes.

### *A renovação da crítica revolucionária de massas*

A intensidade das lutas de facções e as cisões do período precedente tinham claramente tendido a afastar o combate do seu fulcro principal e a desviarem-no para lutas internas. A crítica de todos os aspectos da política de Liu Chao-chi empreendida em Abril fora quase abandonada durante o Verão para dar lugar aos conflitos anteriormente descritos. Em Outubro de 1967, a crítica foi de novo reanimada e as massas populares convidadas a consagrarem-se-lhe com energia. Como em Abril, pretendia-se favorecer a unidade com base em objectivos comuns, impedindo as massas de se afastarem para problemas secundários. Vamos ver mais uma vez multiplicarem-se nas empresas e universidades os cartazes que se esforçam por analisar a influência que teria tido sobre a gestão e o trabalho político de cada uma destas unidades a «linha reaccionária burguesa do Khrouchtchev chinês».

Na segunda semana de Setembro, o *Bandeira Vermelha* n.º 14 publicava um importante editorial intitulado «Realizar a grande aliança revolucionária através da crítica revolucionária de massas».<sup>1</sup> Este editorial sublinhava a necessidade de os revolucionários pro-

---

<sup>1</sup> Cf. *Pékin Information*, n.º 39, 25 de Setembro de 1967.

letários concentrarem os seus ataques contra o inimigo comum, e portanto de reunirem as suas forças. O mesmo editorial inaugura uma longa série de artigos que retomariam estes temas incansavelmente, como é característico da propaganda chinesa. A frase de Mao Tsé-Tung convidando à unidade, que fazia parte da exposição das directivas que dera no princípio do mês depois da sua estadia na província («Não existem no seio da classe operária conflitos fundamentais»), teve uma publicidade particularmente ampla. Foi reproduzida em cartazes vermelhos e caracteres dourados encaçados pela efígie do Presidente e afixados por toda a China. Esta fórmula deixava transparecer, até na maneira como fora redigida, a preocupação de unificar primeiramente a classe operária a fim de lhe permitir assumir o papel de vanguarda que, segundo os princípios marxistas, deve ser o seu. Esta preocupação foi materializada em seguida.

#### *Apelos à Grande Aliança e denúncias do grupo 5.16*

Neste período multiplicaram-se pois os encorajamentos à Grande Aliança. A imprensa e a rádio sublinhavam constantemente a sua necessidade, assim como as desvantagens do fraccionismo, corrente social reaccionária, expressão das perspectivas estreitas da pequena burguesia, do seu espírito de grupo e do seu sectarismo. Afirmava-se que o fraccionismo fora encorajado e levado a um grau de exacerbação máximo por pessoas que se pretendiam de esquerda mas que na realidade eram de direita. Foi através desta expressão complicada que a imprensa oficial designou os ultra-esquerdistas do grupo 5.16.

Foi pois para estimular a aliança e banir as sequelas dos acontecimentos do Verão que foi empreendida uma importante campanha de denúncia deste grupo. Esta iria ser feita mais uma vez através da rede de informação paralela dos cartazes murais, dos

jornais de Guardas Vermelhas e dos grupos operários, sem nunca aperecer na imprensa oficial.

Viam-se então nas ruas de Pequim cartazes que denunciavam Wang Li, Lin Kie e Kuang Feng. Periodicamente apareciam também cartazes de outro tipo com as fotografias das pessoas que se sabia pertencerem ao grupo 5.16; neles se formulavam diversas acusações tendentes a mostrar que, durante o Verão, as pessoas apontadas tinham provocado desordens e eram responsáveis por violências praticadas contra grupos opostos. Estes jornais eram geralmente a cores e encabeçados por este *slogan*: «Cortemos a mão negra». Os chineses designam assim, como já disse, os provocadores que se aproveitam da não-intervenção da polícia e do exército para se entregarem a manobras ocultas de cisão e de sabotagem.

Nas ruas de Pequim vendiam-se jornais com artigos sobre o grupo 5.16, relatando a história deste e dos seus chefes à luz das revelações a pouco e pouco fornecidas pelos inquéritos em curso. Estes jornais não foram porém muito numerosos; e as informações por eles dadas foram bastante sumárias. Isto explica-se pelo facto de, desde o princípio do mês, a luta contra o fraccionismo e o ultra-esquerdismo ser acompanhada por apelos à vigilância revolucionária. As autoridades davam a entender que a atmosfera confusa e a anarquia que se tinham desenvolvido aqui e além tinham sido aproveitadas por agentes de informação estrangeiros para actividades de espionagem. Corria também um boato segundo o qual se seguira à ocupação o desaparecimento de documentos confidenciais muito importantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Agosto. Na Universidade de Pequim, Kiang Tsing pusera os estudantes de sobreaviso contra uma possível imprudência e pedira-lhes para afixarem menos cartazes na cidade e terem o cuidado de não transcreverem neles quaisquer informações susceptíveis de serem exploradas pelos inimigos do regime e pelos agentes estrangeiros. Foi sem dúvida por essa razão que os

cartazes contra o grupo 5.16 nunca atingiram a virulência dos que serviram de base, nos trimestres precedentes, a campanhas de denúncia análogas que visavam outros grupos e individualidades.

### *Caça à escória e aos espiões*

As perturbações do Verão tinham drenado as profundezas da sociedade chinesa. Todas as classes e as camadas sociais tinham sido arrastadas na efervescência do movimento, incluindo os criminosos.

É necessário dizer que esta escumalha chinesa já não é hoje o vasto mundo organizado e tentacular que foi antes de 1949. O estrito controlo da vida social que o Partido Comunista exerce em tempo normal e o facto de este ter voltado a conferir ao trabalho manual o valor e dignidade que lhe pertencem, contribuíram para diminuir o número dos refractários e reduzir o gangsterismo a um grau mínimo. Mas não seria muito realista julgar que desapareceu totalmente. Ainda existem hoje nas cidades diferentes tipos de associados: «*déclassés*» ou pequenos traficantes que só esperam uma ocasião para se entregarem a actividades ilícitas. Durante a Revolução Cultural Proletária, o afrouxamento das pressões estatais necessário para permitir o desenvolvimento da luta de massas e, principalmente durante o Verão de 1967, a não-intervenção das forças da ordem revolucionárias numa altura em que as perturbações e as desordens se amplificavam, forneceram essa ocasião. Nesta época verificaram-se raptos, pilhagens e até assassinatos.

Parece também, a avaliar pelo que então foi dito pelos responsáveis pela política chinesa, que alguns destes elementos entraram para organizações políticas e contribuíram para lhes conferir um estilo de acção mais próximo do dos malfeitores que do estilo dos movimentos revolucionários; isto poderia explicar-se pelo facto de em algumas fábricas, aliás pouco numerosas, uma parte do pessoal ser constituído de ex-

-marginais que para lá são destacados para efeitos de reeducação, isto é, a fim de lhes ser dada uma hipótese de se reintegrarem na sociedade e de voltarem a ter uma vida normal. Talvez estas pessoas tenham aderido aos grupos das suas empresas e, na atmosfera do momento, subitamente acometidas do seu estilo «natural», tenham conseguido influenciar os grupos de que faziam parte e os tenham levado à prática de exageros.

As autoridades preocuparam-se também, ao que parece, com a actividade dos diversos agentes secretos presentes na China continental e com a de alguns anti-comunistas da linha dura. A não-intervenção das forças da ordem também pode, como é evidente, constituir um encorajamento para estes indivíduos. Afirmou-se portanto que as cisões, as lutas intestinas, as violências que só conseguiram tornar inextricáveis alguns problemas e confundir os objectivos da Revolução, poderiam ser exploradas ou até suscitadas por eles.

Em todos os países e regimes se abusou demasiado do processo que consiste em tornar o estrangeiro, os seus agentes e os seus espiões responsáveis por todas as perturbações que ocorrem no interior. Sem lhe exagerar a influência, temos porém de admitir que a espionagem existe assim como as suas manobras desviacionistas, e que é muito provável que a China Popular seja um alvo muito visado por ela...

Seja como for, foram estas as razões evocadas pelos dirigentes da Revolução Cultural para convidarem as organizações de massa a uma campanha de «depuração das fileiras de classe» com a finalidade de as libertar da presença eventual de espiões da Formosa, de agentes provocadores ou até de malfeitores.

As diferentes organizações de massas elegeram comités de inquérito para verificarem se alguns dos seus membros possuíam *dossiers* ideológicos (já tive ocasião de dizer que os contra-revolucionários e as pessoas que cometeram erros políticos graves têm um

*dossier* deste tipo conservado nos arquivos do Comité do Partido do seu local de trabalho). Foi assim examinado o passado de todos os suspeitos.

Foram tomados dois tipos de medidas. O primeiro era de carácter preventivo: proibição de que qualquer suspeito fizesse parte de uma organização de massas. Entravam nesta categoria os antigos membros do Kuomintang (salvo excepções), os antigos capitalistas e proprietários de terras, os ex-gangsters, as pessoas que em qualquer altura tinham sido etiquetadas de direitistas, assim como qualquer indivíduo suspeito de ter tido relações estreitas com a facção de Peng Cheng ou de Liu Chao-chi. Segundo creio, o número dos indivíduos assim excluídos das organizações de massa e privados do direito de participarem na Revolução Cultural deve ter representado entre 5 e 10% do conjunto. Mas esta série de medidas não era acompanhada de sanções e diferenciava-se portanto da segunda, que consistia na localização de todos os elementos que apresentavam um *dossier* negro para os submeter a controles e a inquéritos vários a fim de concluir se poderiam ou não ter suscitado perturbações e cisões com vista a prejudicar o desenvolvimento normal da Revolução Cultural Proletária. Estes *dossiers* de inquéritos eram estabelecidos por civis das organizações de massas e a pouco e pouco transmitidos às forças de segurança, que só procediam a prisões no caso de haver sólidas provas de culpabilidade.

Do mesmo modo que a denúncia dos crimes do esquerdismo e a eliminação dos seus chefes, também a depuração dos provocadores de desordens graves e de cisões, depuração em princípio radical mas não sangrenta, visava evidentemente a reconduzir a unidade das organizações nos diferentes locais de trabalho e nas diversas escolas facilitando assim os acordos necessários ao estabelecimento de Comités Revolucionários.

## *Novos apelos a favor dos quadros*

A criação dos Comitês Revolucionários baseia-se no princípio da Tripla União, segundo o qual um terço dos lugares deve ser ocupado por quadros do Partido. Para designar estes últimos era necessário que os diferentes grupos chegassem a um acordo. Deviam portanto abandonar as suas anteriores posições relativamente aos quadros que tinham cometido erros mas não podiam ser qualificados de revisionistas; estes poderiam assim voltar ao exercício das suas funções. Como já dissemos, este problema era complexo; sabemos que por diversas razões, entre as quais o medo de deixarem revisionistas impunes, alguns grupos tinham atacado demasiados quadros e desconfiavam deles.

Foi então publicada uma série de artigos que se esforçavam por dissipar esta desconfiança. Lembravam constantemente que desde o início da Revolução Cultural Proletária se afirmava que os quadros revisionistas eram uma pequena minoria. Mais uma vez se sublinhava o facto de, apesar dos erros cometidos, a maioria dos quadros ser perfeitamente recuperável; convinha portanto contar com eles. Já em Setembro o *Diário do Povo* escrevia que «era necessário ousar recorrer aos quadros». A 8 de Outubro, num discurso pronunciado em Wuhan para acolher convidados albaneses a quem queria absolutamente mostrar que os incidentes de Julho já só eram uma recordação, Chu En-lai declarava que a Revolução Cultural Proletária era, «em certo sentido, um movimento de educação dos quadros».<sup>2</sup>

O Primeiro Ministro procurava portanto dissipar a animosidade relativamente aos quadros e substitui-la por um trabalho de formação ideológica; esta atitude

---

<sup>2</sup> Cf. *Pékin Information*, n.º 43, 23 de Outubro de 1967.

corresponde aliás à fórmula chinesa: «alargar a esfera da educação e restringir a da repressão». Com este objectivo foram inaugurados em toda a China os estágios de estudo do pensamento de Mao Tsé-Tung a que Lin Piao já se referira num discurso pronunciado em Tien An Men em 1 de Outubro, dia da Festa Nacional.

### *Os estágios de estudo do pensamento de Mao Tsé-Tung*

Estes estágios foram organizados nas grandes cidades; diversos centros foram remodelados e providos de instrutores militares. Foram estabelecidos turnos de maneira a que todas as empresas e escolas pudessem enviar a esses centros os quadros sobre os quais subsistiam ainda divergências de pontos de vista; estes quadros faziam-se acompanhar pelos chefes das organizações de massas do respectivo sector. Os debates sobre o seu caso recomeçavam portanto sob a direcção dos instrutores militares que se esforçavam por arranjar soluções aceitáveis para ambas as partes.

Estes estágios de estudo não tinham apenas como objectivo resolver o problema dos quadros; propunham-se também combater as tendências sectárias e o espírito de clã. Recorrendo à sua prodigiosa capacidade de organização, o regime maoísta criou outros centros para onde não deveriam ir apenas os quadros e os chefes das organizações, mas também os estudantes e o pessoal das fábricas. Sucessivamente, durante períodos de 2 ou 3 dias e em pequenos grupos, a grande maioria dos chineses frequentou estes estágios onde se liam e discutiam os artigos de Mao Tsé-Tung consagrados à unidade e à justa solução das contradições. Isto correspondia a um conceito básico do Presidente do Partido, segundo o qual «qualquer ideia se transforma numa força irresistível quando penetra nas massas». Os estágios visavam portanto criar um poderoso clima de unidade em todo o país.

Estes estágios realizavam-se sob a divisa: «Combater o individualismo e criticar o revisionismo» (*Dousi Pixiu*). A palavra de ordem «Combater o individualismo», além de significar a necessidade de proceder à transformação das mentalidades e de dar a primazia do colectivismo, tinha um alcance mais imediato: os numerosos editoriais da época que exaltavam este *slogan* procuravam que cada indivíduo implantasse no seu espírito ideias proletárias e banisse o sectarismo e o espírito de clã pequeno-burguês, produtos de um sentido insuficiente do interesse colectivo.

Estes estágios de estudos ideológicos duraram vários meses; simultaneamente, foram publicados muitos artigos apelando para a unidade e para a reintegração dos quadros «que compreenderam e rectificaram os seus erros».

*«Apoiar o exército e amar o povo»*

Para apagar as sequelas das perturbações do Verão tornava-se também necessário contrariar a perigosa tendência, surgida nessa altura entre alguns civis, para atacarem o exército. Paralelamente a outras campanhas de propaganda, desenvolveu-se uma que tendia a exaltar o E.P.L. (Exército Popular de Libertação) e as contribuições deste para a Revolução Cultural Proletária.

A imprensa chinesa da época publicou um grande número de artigos sobre este tema acompanhados por narrativas que louvavam os sacrifícios feitos por alguns soldados nos meses precedentes. Evocará muitas vezes a memória de um soldado chamado Li Wen-tchong que morreu afogado depois de ter salvo da morte vários Guardas Vermelhos acidentalmente caídos à água. Li Wen-tchong receberá a título póstumo a ordem do exército das mãos do próprio Lin Piao; a unidade de que fazia parte também foi condecorada. Estas cerimónias tiveram muita publicidade.

Nesta época foram ainda organizadas por toda a China manifestações conjuntas de civis e militares apelando para a unidade de acção. O povo deveria apoiar o exército e este deveria amar o povo: isto fornecerá à Revolução Cultural um novo *slogan* que vai aparecer profusamente nas paredes e nos jornais.

A imprensa oficial noticiou na mesma época que Mao Tsé-Tung recebia periodicamente numerosos quadros do exército na grande sala do Palácio da Assembleia Popular. Estes encontros processavam-se ao ritmo de um por mês. É provável que durante estas reuniões, sobre as quais nunca foi dada a mínima informação, Lin Piao e talvez o próprio Mao Tsé-Tung tenham usado da palavra para analisarem os erros passados e indicarem a orientação política a seguir. Além de mostrarem mais uma vez a confiança que os dirigentes depositavam no exército, estas reuniões podem também ter respondido à preocupação de evitar que este viesse a sofrer quaisquer consequências do fraccionismo e da divisão.

Os acontecimentos do Verão, o apelo à luta contra os revisionistas no exército e a divisão que começava a afectar algumas unidades ameaçavam a coesão do exército. Este perigo era tomado muito a sério; e foi o desejo de o suprimir rapidamente que levou à organização destas reuniões. Mao queria evitar que os soldados entrassem em conflito devido a acontecimentos passados ou à acção de alguns dos seus chefes.<sup>3</sup> Usando de toda a sua autoridade moral e política, Mao indicava portanto, sem equívoco possível, a sua visão da Revolução Cultural Proletária e a apreciação a fazer sobre os diversos protagonistas dos incidentes do Verão. Assim se oficializou em certa medida a interpretação destes acontecimentos. Esta interpreta-

---

<sup>3</sup> A democracia militar foi paralelamente reforçada. Os comités do Partido no exército passaram a efectuar reuniões com representantes eleitos da massa dos soldados.

ção não teria provavelmente sido tão bem aceite se fosse definida por indivíduos menos prestigiosos do que Lin Piao ou ele próprio.

### *Criação de novos Comitês Revolucionários*

Estes esforços deram progressivamente os seus frutos.

Um certo número de províncias em que os Comitês Revolucionários não tinham ainda podido constituir-se, devido a lutas de facções e a discordâncias importantes, superaram estes obstáculos. Quando a unidade se consolidava, fazia-se sentir a necessidade de reintegrar quadros; e como se reforçava o apoio do exército era possível realizar a Tripla União. Alguns representantes das massas, quadros e soldados iam tomando o seu lugar à testa de novos órgãos de direcção de alguns municípios e províncias.

No dia 1 de Novembro foi dada muita publicidade à notícia da criação de um Comité Revolucionário na Mongólia interior. Em Dezembro e em Janeiro foi anunciada a criação de órgãos semelhantes no Kiangsi e em Wuhan. O restabelecimento da ordem acelerava-se.

2. DE FEVEREIRO A JULHO DE 1968

REAPARECE UMA CORRENTE DE DIREITA

## I. A REVOLUÇÃO PROSEGUE NUM CLIMA PACIFICO

### *Transformação da pedagogia*

O desenvolvimento da Revolução Cultural entre Setembro de 1967 e Fevereiro de 1968 foi bastante espectacular. O contraste com os meses precedentes foi tão evidente que muitos julgaram que o movimento se iria perder numa certa monotonia. O estilo épico dos Guardas Vermelhos, os exageros, o lirismo revolucionário, os grandes debates, dir-se-ia que tudo isso pertencia ao passado.

A imprensa anunciava regularmente que novas províncias organizavam Comitês Revolucionários. No fim de Janeiro, o Kansu e o Honan formaram os seus; em meados de Fevereiro sucederam-se os de Hopei e do Hupei, a turbulenta província cuja capital é Wuhan. A 14 de Fevereiro constituíram-se Comitês Revolucionários em todos os bairros e distritos de Pequim.

Os estudantes tinham recomeçado as aulas embora a política não tivesse deixado de os absorver. A manhã era ocupada por aulas das disciplinas de base, como a matemática e as línguas, e a tarde continuava a ser consagrada à Revolução Cultural. Pretendia-se que esta ultrapassasse o estádio das lutas e das polémicas;

a propaganda encorajava portanto os esforços com vista à criação de uma pedagogia proletária. Era este o aspecto mais interessante da situação em curso, que arrancava a Revolução Cultural ao semi-torpor em que se encontrava desde Setembro.

Uma das primeiras medidas tomadas foi, segundo uma directiva de Mao Tsé-Tung, a de encorajar nas escolas a cultura física e de introduzir o treino militar. Em Novembro a imprensa dá grande publicidade a uma experiência em curso na Universidade Tongtsi de Xangai que forma sobretudo engenheiros e arquitectos. Esta experiência consistia em integrar na Universidade um centro de construção de forma a ligar ao máximo o estudo à prática concreta do trabalho. As faculdades e os gabinetes pedagógicos foram suprimidos e substituídos por comités especializados constituídos por estudantes, professores, operários e técnicos do centro de construção. Dado que deveria ser dada a primazia à política, cada comité tinha um instrutor político e cada turma um quadro político.

A imprensa noticiou vários outros projectos, alguns dos quais eram muito audaciosos: foi proibido chumbar estudantes e abolidos os limites de idade; os exames de admissão foram suprimidos e a admissão passou a fazer-se segundo critérios políticos e sociais. Sublinhava-se o facto de as escolas deverem abrir as suas portas principalmente aos jovens operários, camponeses e soldados.

Dir-se-ia que se tinha entrado num período muito mais construtivo e que a Revolução Cultural ganhava em positividade o que perdera em paixão e em epopeia. O editorial do Ano Novo, ao anunciar as tarefas políticas para 1968, sublinhava de uma maneira significativa a necessidade de fazer nascer e reforçar as organizações do Partido Comunista algumas das quais tinham deixado de funcionar nos escalões de base alguns meses antes ou mantinham um papel apagado. Tudo se encaminhava pois para uma ordem social nova, purificada pelo fogo da Revolução.

«Apoiar a esquerda e não as facções»

A calma voltara. Em muitos sectores, várias facções se tinham aliado. As divergências de perspectivas sobre determinados problemas continuavam a existir, mas os debates que agora provocavam processavam-se, tanto nos estágios de estudo como nas empresas, num espírito melhor. As escaramuças tinham cessado. Tinha sido destacado um suplemento de equipas de propaganda do E.P.L. para novas fábricas onde conduziam as discussões e se esforçavam para que estas fossem construtivas e sem violências. O fracçãoismo recuara de uma maneira considerável.

Um editorial<sup>1</sup> do *Diário do Exército* de 28 de Janeiro de 1968 esclarecia os princípios da linha política então seguida pelos dirigentes do Partido Comunista Chinês. A ideia fundamental estava contida no próprio título do artigo: *Apoiar a esquerda e não as facções*.

«Todas as organizações revolucionárias de massa», dizia o artigo, «devem ser apoiadas; não se pode favorecer uma facção e ignorar outra, como não se pode apoiar uma facção contra outra». Estas frases dão claramente a entender que, entre as organizações existentes na China, poucas eram realmente conservadoras ou manipuladas por opositores. As numerosas lutas que tinham oposto as organizações não eram portanto, como muitas vezes aquelas pretendiam, reflexo de uma luta entre duas linhas, entre revolucionários e reaccionários, mas uma atitude divisionista estéril e prejudicial ao progresso da Revolução Cultural Proletária. O artigo apoiava aliás a sua argumentação numa frase de Mao Tsé-Tung: «temos de nos convencer firmemente que a imensa maioria das massas é boa e que os maus elementos são em número ínfimo».

---

<sup>1</sup> Cf. *Pékin Information*, n.º 5, 5 de Fevereiro de 1968.

Existiam evidentemente alguns conservadores e muitas pessoas foram logradas e levadas a opor-se à linha revolucionária; isso devia porém ser esquecido. O artigo afirmava o facto que «a maioria delas tomara consciência e estava agora na linha revolucionária do Presidente Mao». A hora era pois de aproximações, de perdão das ofensas, de sacrificio do amor-próprio e dos ressentimentos no altar da unidade. O editorial insistia fortemente neste ponto e declarava: «Nunca devemos rejeitar e excluir das fileiras revolucionárias aqueles que ocasionalmente cometeram erros ou as organizações revolucionárias à testa das quais se tenham encaixado maus elementos».

Tanta insistência na unidade poderia implicar um risco: o de os compromissos apressados deixarem sem verdadeira solução alguns problemas políticos; a reabilitação dos quadros podia ser tão acelerada e tão ampla que permitisse aos opositores voltarem a ocupar as suas antigas posições. Este problema colocara-se já por ocasião da contracorrente de Fevereiro e Março de 1967,<sup>2</sup> quando o apelo para um tratamento correcto dos quadros fora explorado por Tan Chen-lin para devolver os antigos lugares a funcionários revisionistas. Em 1968, os dirigentes da Revolução Cultural deviam considerar que este risco era menor pois a oposição estava praticamente vencida. No entanto, e embora de uma maneira restrita, este risco viria a materializar-se.

---

<sup>2</sup> Cf. *supra*.

## II. A SEGUNDA CONTRACORRENTE DE FEVEREIRO

### *A origem da 2.<sup>a</sup> contracorrente*

Fevereiro parece ter sido um mês maldito para a Revolução Cultural Chinesa. Foi em Fevereiro de 1966 que Peng Cheng executou um plano mais tarde denunciado como contra-revolucionário; exactamente um ano depois, alguns dirigentes explorariam as dificuldades encontradas na aplicação da linha maoísta para suscitar uma «contracorrente». Em 1968, é de novo em Fevereiro que vai manifestar-se uma oposição surgida a partir de elementos análogos aos anteriores.

O ardor posto em contrariar os excessos e os exageros esquerdistas acarretou uma tendência inversa, qualificada de «contracorrente de direita», para «purificar» quadros revisionistas. No entanto, foi essencialmente em Pequim que este problema mais se manifestou; teve muito menos importância na província e foi principalmente entre os estudantes que este conflito se desenvolveu. É característico do período que se segue o facto de a classe operária permanecer notavelmente estável e unida e de serem os jovens intelectuais dos estabelecimentos de ensino superior que vão mostrar fortes tendências para a cisão e para a desordem. Isto vai ter consequências muito impor-

tantes e implicará sobretudo um reforço ainda maior do papel político da classe operária.

A origem da segunda contracorrente é tão obscura como a da primeira, em Fevereiro de 1967. As suas primeiras manifestações situam-se em torno de uma discordância surgida no interior do Comité Revolucionário de Pequim. Em Fevereiro de 1968, alguns membros deste Comité puseram em causa o seu Presidente, o Ministro da Segurança, Sie Fu-tche, de quem já falámos ao evocarmos o incidente de Wuhan.

Como já se disse, Tsi Pen-yu, um dirigente do G.E.R.C., tivera alguma responsabilidade na corrente ultra-esquerdista do Verão. No entanto, ao contrário do que aconteceu com Wang Li e Lin Kie, não fora irradiado e conservara as suas funções. Isto pode explicar-se pela relutância dos maoístas em se separarem de um homem cujo prestígio era grande e que em certos momentos decisivos estivera na vanguarda da luta contra Peng Cheng e Liu Chao-chi. Também é provável que Tsi Pen-yu se tenha dessolidarizado dos seus amigos através de uma autocrítica e que tenha sido autorizado a conservar o seu lugar.

Ignoro porque razão foi excluído do G.E.R.C. e do Comité Revolucionário de Pequim em Fevereiro de 1968. Esta exclusão surgiu a muitos como um seguimento lógico da luta contra os ultra-esquerdistas. Teve como consequência permitir a alguns indivíduos atacarem Sie Fu-tche, que consideravam muito próximo de Tsi Pen-yu e igualmente esquerdista. Acompanhou-se de uma tendência para contestar a exclusão de alguns quadros de diferentes serviços administrativos e de diferentes estabelecimentos de ensino de Pequim, exclusão essa que Tsin Pen-yu e Sie Fu-tche tinham aprovado.

Pretendendo rectificar os excessos esquerdistas, alguns grupos procuraram reabilitar diversos responsáveis anteriormente criticados. Parece que também neste caso os excessos se sucederam, tendo as reabilitações ido demasiado longe e reabilitando revisio-

nistas. A luta contra o esquerdismo desviava-se para a direita.

### *Pró e contra o Comité Revolucionário de Pequim*

Estes acontecimentos desenrolaram-se durante algum tempo e da seguinte maneira: no princípio de Março o conflito ultrapassou o âmbito do Comité Revolucionário de Pequim e exprimiu-se na rua; os estudantes da capital afixaram então cartazes hostis a Sie Fu-tche. À cabeça destes ataques encontrava-se uma militante, membro do Comité Revolucionário de Pequim, muito célebre por ter sido ela quem, a 28 de Maio de 1966, afixara na Universidade de Pequim um cartaz contra o reitor aprovado pelo próprio Mao Tsé-Tung: tratava-se de Nieh Yuan-tseu.<sup>3</sup> Este conflito entre duas pessoas cuja reputação de revolucionários e de maoístas estava comprovada, embaraçava os dirigentes supremos da Revolução Cultural que procuraram reconciliá-las. Parece que esta tentativa não resultou e a polémica persistiu. Uma organização de estudantes da Universidade de Pequim que Nieh Yuan-Tseu chefiava, o Tsingkiangchan, empreendeu uma campanha contra o Ministro da Segurança que teve apoio noutras organizações estudantis, nomeadamente da Escola Normal, do Instituto de Geologia e da Universidade Popular. Alguns outros grupos mobilizaram-se para defender Sie Fu-tche proclamando que os direitistas procuravam sabotar o Comité Revolucionário de Pequim. Isto explica os desfiles contraditórios de estudantes que, durante o mês de Março, enchiam as ruas de Pequim: uns apelando para que se «bombardeasse» (criticasse) Sie Fu-tche, outros a defesa do Comité Revolucionário de Pequim.

---

<sup>3</sup> Ver *supra*. Nieh Yuan-tseu será gravemente ferida a 28 de Março quando de um recontro na Universidade de Pequim.

Situa-se aqui um incidente muito obscuro: foram destituídos três chefes militares muito importantes, entre os quais o Chefe do Estado-maior interino, Yang Tchen-wo. Esta medida não foi anunciada oficialmente; só os cartazes pintados informaram a população do facto. Correu depois o boato de que teriam tentado prender Sie Fu-tche sem ordem do Comité Central e que estavam na origem dos ataques contra ele, ataques esses que representavam uma nova ofensiva da direita; como não houve nenhum comentário oficial, o assunto não chegou a ser esclarecido.<sup>4</sup> De qualquer modo, os relatórios sobre as cerimónias oficiais já não mencionavam os três responsáveis militares. Na segundo quinzena de Março começou-se a notar que as autoridades maoístas confiavam mais claramente em Sie Fu-tche. O *Diário do Povo* de 18 de Março sublinhava que fora ele o acompanhante do comunista neo-zelandês Wilcox na visita que este fez a uma fábrica de Pequim. Tendo em conta os hábitos políticos chineses, isto deve ser considerado como uma indicação muito clara de que Sie Fu-tche conservava a confiança da direcção do Partido.

Na recepção aos representantes do TcheKiang e do Setchuan vindos à capital para consultarem os dirigentes do Partido, estes informaram-nos de que se manifesta então uma contracorrente de direita para a reabilitação abusiva de alguns quadros. O tacto e discrição com que as autoridades agiram e a firmeza com que tinham actuado destituindo três chefes militares importantes depressa limitaram o alcance deste movimento. Este pouco afectou as províncias, onde a formação de Comités Revolucionários continuou no

---

<sup>4</sup> Segundo J. ESMEIN, *op. cit.*, Yang Chen-wu estivera ligado aos ultra-esquerdistas e mostrara-se partidário de uma depuração do exército, durante o Verão de 1967. Esta contradição talvez seja apenas aparente e devida às lacunas da informação a que tivemos acesso.

mesmo ritmo a avaliar pela notícia da criação destes Comitês no Kiangsu, no Honan, no Tchekiang e em Cantão.

### *Renovação parcial dos conflitos*

É todavia provável que o retorno de forças da direita tenha sido interpretado por Mao Tsé-Tung como um sinal de que a oposição conservava mais influência do que as apreciações optimistas dos meses anteriores poderiam levar a pensar. Esforçou-se portanto por trazê-la à luz para melhor a combater. Procuraria novamente que o conflito passasse pelo revelador da luta de massas para em seguida vir a tomar posições mais radicais.

Nos meses precedentes declinara a mobilização de massas pois os apelos à unidade e a solução progressiva de muitos problemas tinham atenuado o ardor dos militantes e o caminho que a Revolução Cultural Proletária tomara era menos estrondoso e orientava-se apenas para a transformação das estruturas e dos métodos de trabalho. Sucedeu-se portanto uma campanha anti-direitista à orientação precedente, que visava atacar o ultra-esquerdismo. Havia a possibilidade de que este fosse por sua vez indirecta ou parcialmente reabilitado e que o fraccionismo renascesse; mas Mao Tsé-Tung aceitou este risco. Pensou sem dúvida que uma dose moderada de fraccionismo ainda era útil para estimular o movimento de massas pois a direita levantara de novo a cabeça. Como se vê, a direcção que Mao Tsé-Tung deu à Revolução Cultural foi por vezes comparável a um delicado movimento oscilante entre tendências extremas e contraditórias.

Mao pronunciou sobre este assunto algumas palavras que foram retransmitidas em todo o país. Segundo ele, todos os grupos políticos estão ligados a uma classe social; logo, qualquer grupo, fracção ou corrente política define uma posição ligada à burguesia ou ao proletariado. A luta contra o fraccionismo empreendida

durante os meses precedentes não deveria pois conduzir à fusão sistemática de todos os grupos, mas sim à daqueles que eram autenticamente proletários. As fracções burguesas deveriam portanto ser combatidas.

Mao Tsé-Tung punha assim em causa a intensa campanha a favor da unidade empreendida nos meses precedentes. Procurar a unidade era muito positivo, mas não a qualquer preço e principalmente quando a direita ainda se mantinha activa. Combater o espírito de clã era correcto, mas era necessário que isso não levasse a esquerda a estabelecer um compromisso com a direita. Tan Chen-lin, o Ministro da Agricultura que até então tinha conseguido manter-se nas suas funções, manifestara-se mais uma vez a favor da unidade; em Junho, a sua destituição seria definitivamente pronunciada.

Vemos assim a complexidade da vida política chinesa; como temos constatado, certas motivações ideológicas de uma grande subtilidade podem dar-lhe inflexões muito diferentes.

*«Proceder à análise de classe do espírito de fracção»*

A 27 de Abril, o *Diário do Povo* publicava um artigo intitulado «Proceder à análise de classe do espírito de fracção».<sup>5</sup> Este artigo desenvolvia detalhadamente as palavras de Mao Tsé-Tung. Foram assim lançadas na sociedade chinesa novas faúlhas procurando reanimar deliberadamente uma certa efervescência que, aos olhos dos dirigentes chineses, era imposta pelas condições do momento. Lançada uma ofensiva da esquerda, esperava-se uma reacção da direita; deveriam então surgir clivagens que permitiriam delimitar os contornos desta última na medida em que o fraccionismo era de novo autorizado a manifestar-se.

---

<sup>5</sup> Cf. *Pékin Information*, n.º 19, 13 de Maio de 1968.

Estas clivagens produziram-se quase exclusivamente entre os estudantes e os empregados da administração, categorias sociais compreendidas sob o vocábulo «intelectuais» que tem em chinês um sentido mais amplo que nas línguas ocidentais. Foram estas camadas da pequena burguesia urbana que se revelaram ser os últimos baluartes das tendências de direita. A classe operária permaneceu unida e estável nestas circunstâncias e em nenhuma altura voltaram a aparecer no seio desta as cisões que conhecera antes do Verão. Este facto autoriza-nos a concluir que a oposição anti-maoísta já não tinha possibilidades de a influenciar.

Outro elemento que prova o enfraquecimento da oposição foi o facto de as escaramuças verificadas nesta época se terem quase completamente circunscrito a Pequim e ao Kuangtung, enquanto as fases precedentes da Revolução Cultural sempre tiveram uma extensão nacional ou pelo menos perceptível em várias zonas simultaneamente.

Durante os meses de Maio e Junho de 1968 desenvolveram-se conflitos de fracções nos serviços administrativos, nas universidades de Pequim e em diversos institutos e estabelecimentos de ensino especializados. Durante a Revolução Cultural as diversas organizações de massas da capital tinham estabelecido relações entre os diversos ramos de actividade; acontecia que num mesmo estabelecimento houvesse dois grupos que mantinham relações com dois grupos diferentes de outro estabelecimento. Estas ligações horizontais tinham como consequência que as acções se coordenassem entre institutos ou universidades, o que provocava reacções em cadeia. Se uma organização da Universidade de Pequim atacava Sie Fu-tche, outras organizações a ela associadas na Universidade Popular, na Escola Normal ou no Instituto de Geologia desencadeavam ataques semelhantes. Como os grupos opostos aos precedentes estavam também relacionados entre si, ripostavam imediatamente. Estes grupos no escalão

municipal persistiram no meio estudantil onde tinham dado origem a dois grandes ramos, um chamado «terrestre» e o outro «celeste» denominações curiosas cujo significado ignoro. A facilidade com que estas divisões reapareceram na Primavera de 1968 prova que os apelos à unidade e à crítica do fraccionismo não tinham tido grande eco no meio universitário.

As polémicas renascentes tomaram um carácter intenso e confuso e nas universidades depressa conduziram a afrontamentos físicos. Na parte Oeste de Pequim, onde se situa o bairro universitário, os diversos institutos transformaram-se em campo de batalha. Cada grupo se entrincheirava numa parte dos edifícios para em seguida, a partir desta praça forte, tentar lançar ataques de surpresa sobre as posições inimigas. Os altifalantes de ambos os lados, na potência máxima, lançavam uma torrente de invectivas. Nos terraços as sentinelas observavam os movimentos do adversário e tanto de dia como de noite os grupos estudantis tentavam tomar pela força uma parte dos locais ocupados pelos rivais.

Como cada um dos grupos fazia uma abundante provisão de tijolos, estes projecteis eram amplamente usados; mais tarde vulgarizou-se a utilização de físgas. Estas escaramuças eram seguidas de períodos de calma, o que explica o facto de estas mini-guerrilhas universitárias se terem alargado por algumas semanas. Ao fim de algum tempo não havia nas janelas das Universidades de Pequim um vidro inteiro. Por vezes, até as telhas eram utilizadas como projecteis... Nos primeiros tempos estes conflitos foram mais pitorescos do que perigosos; mas em Junho as coisas mudaram de figura pois passaram-se a utilizar armas brancas e morreram alguns estudantes. Os dirigentes decidiram então intervir e decretaram o envio para as universidades de equipas operárias.

Estes conflitos não tinham permitido um avanço político. Mostraram porém que persistiam tendências conservadoras entre os estudantes e os empregados

e que estes continuavam a dirigir os seus ataques contra militantes que tinham tido um papel importante na luta contra os grupos de trabalho e pela tomada do poder; a segunda contracorrente de Fevereiro encontrara portanto neste meio (estudantes e empregados) um terreno fértil, e quando a luta contra os esquerdistas foi desviada para a direita os conflitos reapareceram. No entanto, o desenrolar desta luta durante um período de quase três meses de nada adiantou; nas universidades e serviços públicos os conflitos continuavam inextricáveis, parecendo dissolver-se numa espécie de caos para formar um xadrez confuso de seitas e de grupúsculos.

### III. A VITÓRIA DA ESQUERDA

#### *Os factos*

Além de Pequim, parece que só a província do Kuangtung foi tocada por estas desordens. Os acontecimentos que agora relatamos nunca tiveram as dimensões dos do Verão de 1967 e foram superados muito mais facilmente. A ofensiva das direitas foi portanto limitada.

Estes acontecimentos realçavam a instabilidade que se manifestava entre a pequena burguesia urbana, em contraste com a firmeza da classe operária. As tendências de direita eram mais acentuadas nos serviços administrativos e nas universidades. Nestes sectores, a Revolução Cultural Proletária tomara um caminho que parecia definitivo; os sucessivos conflitos de fracções, pouco violentos entre os empregados mas muito mais duros entre os estudantes, tinham acarretado a confusão mas pareciam demonstrar que a esquerda tinha sido incapaz de se impôr à direita, de desagregar as fileiras desta última e de a vencer. As lutas políticas estagnavam, esmoreciam, engolidas mais uma vez pelo espírito de clã. Os problemas continuavam por resolver; ainda não se chegara a acordo sobre a questão dos quadros. Nesta época da Revolução

Cultural já só havia em cada estabelecimento dois ou três responsáveis sobre os quais existiam divergências; mas como tinham um estatuto elevado, a sua falta de autoridade provocava um vazio importante. Sem aliança, sem Comité Revolucionário, não se podia empreender de uma maneira organizada a transformação das estruturas, dos métodos de trabalho e da pedagogia.

O atraso neste domínio era perturbador e contrastava muito claramente com a situação nas fábricas onde há muito tempo os operários tinham tomado nas mãos a reforma dos métodos de gestão e das estruturas administrativas. A proporção do número dos empregados da administração em relação ao dos operários da produção tinha sido reduzida de uma forma draconiana assim como a multiplicidade das camadas categoriais; a fim de se evitarem eventuais fontes de burocratismo tinham sido instaurados sistemas de rotação dos quadros, que impunham a todos os empregados e aos directores e sub-directores das empresas passarem um terço do seu tempo de trabalho às máquinas como simples trabalhadores; devem trabalhar manualmente durante um terço da semana, um terço do trimestre ou um terço do ano, conforme os casos.

Nada disto acontecia nas universidades. No início do ano tinham-se lançado projectos de transformações de grande envergadura. Mas ainda não passavam de projectos; nada se fizera de concreto em matéria de renovação pedagógica. Por outro lado, dir-se-ia que os empregados de escritório nunca conseguiriam imprimir um estilo revolucionário ao seu trabalho. A transformação das estruturas e dos métodos era nula ou quase. A Revolução Cultural nestes sectores fora por vezes muito viva e as pessoas tinham participado activamente nos debates e nas lutas; mas nunca se obtiveram resultados muito espectaculares. O problema dos quadros transformava-se num conflito entre pessoas sem nunca ir ao fundo das questões políticas e ideoló-

gicas. Parecia impossível desenraizar a mentalidade grupuscular. A rotina não era seriamente atacada e permanecia inalterável. Tudo isto era um impedimento à concretização dos objectivos da Revolução Cultural Proletária; esta não pretendia apenas eliminar um certo número de responsáveis revisionistas mas também transformar as superestruturas da sociedade, sem efeitos. Ora se neste aspecto a classe operária dava provas de dinamismo, a fracção da pequena burguesia urbana constituída pelos empregados e pelos estudantes parecia tomada de inibição. Esta situação provava a existência de poderosas tendências conservadoras alimentadas pelo cansaço e pela incapacidade de definirem perspectivas de combate e de organização sólidas. Os estudantes tinham tido no início da Revolução Cultural um papel muito importante; o seu dinamismo contestatário revelara-se precioso, mas parecia agora bastar-se a si próprio. Os estudantes pareciam incapazes de o superar para materializar a sua revolta original em criações novas.

Em certas universidades evocava-se já uma teoria muito confusa: o policentrismo. Visto que a aliança das diferentes organizações não se realizava, alguns propunham que se lhe renunciasse: a existência de dois grupos que concebessem de uma maneira diferente o prosseguimento da revolução poderia ser uma coisa positiva; estimularia a emulação e o impulso do movimento visto que haveria dois centros em vez de um só. Porém, isto consagraria a permanência do fraccionismo e institucionalizaria as cisões, o que ia contra os objectivos proclamados pelo poder central. Os editoriais do *Diário do Povo* e do *Bandeira Vermelha* criticaram muitas vezes o «policentrismo».

### *A classe operária deve dirigir tudo*

Nesta situação, Mao Tsé-Tung e a direcção do Partido chamaram a classe operária à direcção do movimento nestes sectores. Em Junho de 1968 foram

criadas «equipas de controlo operário», depois enviadas para as universidades e para diversos serviços administrativos.

Esta medida foi tomada por sugestão do próprio Mao Tsé-Tung; referiu-se-lhe numa directiva que foi, como é hábito, muito difundida: «É necessário que a classe operária desempenhe o seu papel dirigente em todos os ramos do trabalho ao longo da Revolução Cultural».

Alguns dias depois foi publicado um artigo de Yao Wen-yuan com o título «A classe operária deve dirigir tudo».<sup>6</sup> Este artigo afirmava que entre os intelectuais (a cuja categoria pertencem segundo a designação chinesa os estudantes e os funcionários) a Revolução Cultural estava a marcar passo. Nas escolas, «algumas pessoas tornaram-se de novo activas, incitando uma parte das massas a lutar contra a outra parte, procurando travar a Grande Revolução Cultural, impedir a realização da tarefa de luta-crítica e a Tripla União Revolucionária, assim como a eliminação dos inimigos de classe e a consolidação das organizações do Partido». Yao Wen-yuan afirmava que «as contradições com que os intelectuais perdem tanto tempo sem chegarem a resultados serão imediatamente resolvidas logo que cheguem os operários». «Assim», afirmava, «poderá mudar tudo o que é doentio nos locais onde pululam intelectuais; tanto o estilo de trabalho como as ideias».

O envio de operários para as universidades invertia pois a situação que vira nascer a Revolução Cultural, que começara com o envio de estudantes para as fábricas...

Estas equipas eram constituídas por operários seleccionados para o papel de vanguarda que tinham tido na Revolução Cultural Proletária. Nos estabele-

---

<sup>6</sup> No Outono de 1968 este artigo foi publicado em forma de brochura pelas Edições de Pequim em línguas estrangeiras.

cimentos de ensino tinham por tarefa principal desarmarem as fracções e realizarem inquéritos para descobrirem os cabecilhas das organizações conservadoras. Estas equipas irão dirigir mais tarde a resolução do problema dos quadros e o da transformação da pedagogia. Seguiu-se uma reorganização rápida. Numa conversa tida em Julho de 1971 com estudantes americanos pertencentes ao *Committee of Concerned Asian Scholars*, Chu En-lai revelou que a equipa ofensiva de tribuna fora alvo de ataques em que houve 5 mortos e 751 feridos. A calma restabeleceu-se dificilmente.

A partir do fim do Verão entrou-se numa nova fase. A transformação da pedagogia voltava à ordem do dia. Eram enumerados novos projectos que iam muito mais longe do que os anunciados no princípio do ano. Já não se procurava apenas, como sugerira a Universidade Tongtsi de Xangai, integrar mais estreitamente os estudantes no trabalho produtivo. Tentava-se sim *suprimir os estudantes enquanto fracção de uma camada social diferenciada*. Começaram então a frequentar também as universidades operários e camponeses com experiência do respectivo tipo de trabalho e escolhidos segundo as suas aptidões e nível de consciência política. Definiu-se ainda que as universidades deveriam ser geridas durante muito tempo por equipas de controlo operário.

Esta medida, cuja aplicação está hoje praticamente generalizada, tinha na base a preocupação de reduzir a influência da pequena burguesia e de evitar que os estudantes se mantivessem ligados a esta classe através das suas condições de existência e do seu tipo de trabalho. Esta mesma preocupação — reduzir a importância quantitativa da pequena burguesia e o seu peso social político — inspirou a decisão de reduzir o pessoal nos serviços administrativos.<sup>7</sup> As equipas

---

<sup>7</sup> No *Nouvel observateur* de 5 de Abril de 1971, Edgar Snow relata as seguintes palavras de Chu En-lai a este respeito: «Doravante, não comportarão mais de 26 [...]. Outrora,

de controlo operário também apaziguaram neste sector as lutas de fracções e tomaram em mãos a depuração dos direitistas. A transformação das estruturas operadas por estas equipas consistiu em suprimir os organismos sobrepostos e em simplificar os diversos serviços; estas medidas foram completadas por um movimento de envergadura nacional que consistiu em transferir definitivamente uma parte dos empregados para zonas do interior da China cuja exploração é insuficiente para aí realizarem um trabalho agrícola ou industrial. Tudo isto se liga a uma política mais vasta que não é nova neste país e pretende evitar que aumente a diferença entre a cidade e o campo e que a primeira se desenvolva mais depressa do que o segundo. Reduzindo a população das grandes cidades, a Revolução Cultural Proletária acelerou este processo e satisfez simultaneamente outras exigências políticas. Esta atitude trazia ainda diversas vantagens para a economia chinesa: por um lado os empregados de escritório eram demasiado numerosos — quem passou algum tempo na China tinha por vezes uma impressão de sobrecarga, pois trabalhavam duas pessoas em locais onde bastava o trabalho de uma; por outro lado, ouvi dizer muitas vezes nas comunas populares que existia falta de mão de obra nos campos, o que pode parecer espantoso quando se pensa no grande número da população chinesa (há porém que ter em conta a sua distribuição, pois 65% dos chineses estavam concentrados em 30% do território, e a mecanização ainda fraca dos trabalhos agrícolas).

O envio de equipas operárias para as administrações e para os escritórios não tem precedentes nos países comunistas.<sup>8</sup> Visa dar o seu verdadeiro sentido

---

trabalhavam 60 000 funcionários para o Governo Central; hoje esse número foi reduzido para cerca de 10 000.

<sup>8</sup> No entanto é justo dizer que Lenine teve esta ideia e que enquanto foi vivo ela teve um princípio de aplicação na U.R.S.S., sendo depois abandonada após a sua morte.

à noção de poder proletário. A classe operária é a classe dirigente nos países socialistas mas, na realidade, é-lhes muitas vezes difícil manter o controlo das suas organizações, partidos ou sindicatos. Os lugares de responsabilidade passam muitas vezes para as mãos de intelectuais, processo que a instrução ou a ambição destes últimos facilita. Por outro lado, é muito difícil aos operários manter a vigilância sobre o seu Estado depois de abolido o capitalismo. As responsabilidades raramente são exercidas pelos próprios operários; passam para as mãos de funcionários que muitas vezes nunca entraram numa fábrica e tendem a diferenciar-se dos trabalhadores tanto pela sua origem de classe como pelas tarefas que exercem. A presença de equipas operárias de controlo nos diferentes sectores da administração tinham precisamente como objectivo resolver este problema e fazia portanto parte do conjunto das medidas tomadas para aproximar dirigentes e dirigidos.

#### *A vitória. A 12.ª Sessão Plenária*

Durante o Verão, a Revolução Cultural Proletária avançou a passos largos para a vitória final: a 13 de Agosto, a província meridional de Yunan, vizinha do Vietnam, estabeleceu o seu Comité Revolucionário; a 19 de Agosto, coube a vez à província de Fukien; a 5 de Setembro, o Tibete e o Sinkiang dotavam-se igualmente destes organismos de direcção.

A 7 de Setembro de 1968, o *Diário do Povo* e o *Diário do Exército* anunciavam num editorial comum que a Revolução Cultural alcançara uma vitória completa e que a China inteira era vermelha.

Em Pequim, o acontecimento foi celebrado por uma grande concentração no Estádio dos operários e dos camponeses, durante a qual Chu En-lai e Kiang Tsing tomaram a palavra numa atmosfera de alegria colectiva.

Restava apenas fazer o balanço da Revolução Cultural e comprovar a derrota da facção liunista. A 12.ª

Sessão Plenária do Comité Central iniciou-se assim a 13 de Outubro de 1968.

Convém sublinhar que esta sessão foi alargada e que participaram nela pessoas que não eram membros do Comité Central, nomeadamente os principais responsáveis pelos Comités Revolucionários recentemente constituídos. O comunicado publicado após esta reunião indica que participaram nela<sup>9</sup> «membros do Comité Central e suplentes». Esta expressão designa segundo parece os que eram leais a Mao Tsé-Tung; os membros do Comité Central opostos à política de Mao não teriam tomado parte na reunião.

O comunicado da 12.<sup>a</sup> Sessão Plenária, datado de 31 de Outubro de 1968, é o único documento existente susceptível de esclarecer o conteúdo desta reunião. Portanto pouco se sabe sobre ela. Como de costume, a sessão realizou-se à porta fechada. O texto do comunicado indica que Mao Tsé-Tung e Lin Piao pronunciaram nesta ocasião discursos «de grande alcance histórico». Até hoje, estes discursos ainda não foram publicados. É provável que o não sejam dentro dos próximos anos. Aliás, esta discrição extrema dos chineses é embaraçosa para os revolucionários estrangeiros e não se compreende muito bem.

O comunicado anunciava que tinha sido apresentado e aprovado pelo Comité Central um relatório demonstrando com base em provas que Liu Chao-chi era «um renegado e um traidor da classe operária». Este relatório referia-se muito provavelmente a toda a série de acusações feitas a Liu Chao-chi e que se estendiam ao longo de vários decénios. O comunicado não indicava porém quaisquer crimes concretos. O relatório a que o documento alude também não foi publicado.

---

<sup>9</sup> A expressão «participaram nela» indica sem dúvida que os representantes dos Comités Revolucionários tomaram parte nas votações. Cf. *Pékin Information*, n.º 44, 4 de Novembro de 1968.

A população chinesa está certamente informada. Com efeito, durante toda a Revolução Cultural, durante a longa campanha de crítica revolucionária de massa, as diferentes acusações feitas a Liu Chao-chi em diversas fases da carreira deste e da história do Partido Comunista Chinês foram expostas nos cartazes murais, em jornais e brochuras de Guardas Vermelhos. Também seria desejável que os estrangeiros fossem rapidamente informados e conhecessem estes aspectos da Revolução Cultural, que se contam aliás entre os mais interessantes.

O interesse deste comunicado de 31 de Outubro não reside pois no seu conteúdo intrínseco, que é fraco. Tem apenas um interesse histórico; pela primeira vez, um documento oficial e público designa Liu Chao-chi como um contra-revolucionário. Anuncia igualmente a exclusão deste do Partido e a sua destituição das funções que exercia assim como a dos seus «acólitos».

Excluídos os liunistas das organizações do Partido Comunista, estava aberta a via para a reestruturação destas. Há muito que estava prevista a admissão nestas organizações daqueles revolucionários que se tinham revelado durante a Revolução Cultural e que não eram membros do Partido. Jovens Guardas Vermelhos, jovens operários, chefes de organizações de massa e responsáveis de novos Comitês Revolucionários iam tornar-se comunistas.<sup>10</sup> Foram substituídos os opositores liunistas e aqueles, mais numerosos, que se tinham revelado profundamente afectados pelo burocratismo ou tinham perdido todo o dinamismo revolucionário. Foi a isto que o editorial n.º 4 do *Bandeira Vermelha*, através de uma das suas inimitáveis imagens, chamava uma «transusão de sangue proletário».<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Na China designa-se por comunista apenas aquele que é membro do Partido. Lembremos que há 20 milhões de comunistas para uma população de 700 milhões de pessoas.

<sup>11</sup> *Pékin Information*, n.º 43, 28 de Outubro de 1968.

Este artigo é importante. De facto, na hora em que a Revolução Cultural Proletária atingia o seu final, o artigo a que nos referimos analisava-a a traços largos e anunciava o caminho a seguir nos próximos meses.

Começava por justificar o desenvolvimento da Revolução Cultural e as formas que esta tinha tomado. Foi um gigantesco movimento de massas que acarretou alterações imensas e que passou por fases de uma complexidade extrema. Através de várias formas de luta, a população adquirira uma experiência política vasta; aprendera a conhecer o revisionismo mesmo quando este se escondia, a resolver correctamente as contradições de tipo antagónico e as de tipo não antagónico. No decurso deste processo, jovens elementos revolucionários e dinâmicos tinham-se revelado por toda a parte, tanto no interior do Partido como fora dele. O editorial do *Bandeira Vermelha* afirmava também que o aparecimento desta preciosa nova vaga de militantes que viria rejuvenescer o regime não teria sido possível sem a Revolução Cultural Proletária. «Só através de um movimento de consolidação do Partido de massas e não restringido ao interior do Partido, se pode garantir para as organizações comunistas nos diversos escalões um poder de direcção realmente assumido por pessoas leais ao Presidente Mao, ao seu pensamento e à sua linha revolucionária proletária».

Seguidamente, o artigo esclarecia a forma como se deveria realizar a «transfusão de sangue proletário». Esta apresentar-se-ia sob dois aspectos. Por um lado era necessário admitir no Partido os que não eram seus membros e se tinham distinguido pela sua acção militante durante a Revolução Cultural. Por outro lado, entre os antigos e novos membros do Partido que nesta mesma Revolução tinham dado provas de grandes qualidades políticas, principalmente entre os militantes da vanguarda operária industrial, era necessário escolher as pessoas que poderiam aceder a novas responsabilidades dirigentes. O artigo esclarecia ainda

que estas atitudes deveriam ser tomadas em todos os escalões. Isto significa que o Comité Central e o Gabinete Político também seriam remodelados, o que todavia só poderia fazer-se durante um congresso; os próximos meses, de Outubro de 1968 a Abril de 1969, deveriam preparar a realização deste congresso.

## EPILOGO.

### O 9.º CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

#### *A situação histórica*

A abertura do 9.º Congresso do Partido Comunista Chinês realizou-se em Pequim a 1 de Abril de 1969. O precedente Congresso do Partido realizara-se em 1956. Durante 13 anos, o Partido Comunista Chinês não reunira portanto cortes gerais. A razão disso é hoje evidente: as divisões profundas que afectavam os seus órgãos dirigentes poderiam não permitir a adopção massiva de uma linha política revolucionária. Antes de 1969, um congresso teria provavelmente revelado discordâncias sensíveis.

Gostaria de exprimir aqui o que penso sobre uma certa interpretação deste facto que correu no estrangeiro e que, embora generalizada, não é exacta. Muitos especialistas das questões chinesas remontam a 1958 a origem do conflito entre os partidários de Mao e os de Liu Chao-chi. Penso que 1956 seria uma data mais exacta; contudo, aponto na Introdução o ano de 1958 como uma etapa importante. Alguns comentadores, todavia, contribuíram para generalizar uma visão da

evolução chinesa a partir desse ano que me parece contestável.

Seriam estes os seus traços essenciais. Em 1958, Mao Tsé-Tung lança o Grande Salto em Frente, tentando assim afastar a China do modelo socialista soviético. Esta tentativa teria redundado num fracasso total e, em 1959, uma maioria no Comité Central recusou-se a aprovar tal política. O marechal Peng Teh-huai surge nessa altura à cabeça da oposição. Teria sido um grande revez para Mao, que por essa razão foi substituído por Liu Chao-chi na Presidência da República. Afastado do poder, Mao inicia um contra-ataque a partir de 1962, lançando primeiro o Movimento de Educação Socialista e depois a Revolução Cultural Proletária. Nestes dois movimentos, apoiando-se em grupos exteriores ao Partido e numa parte da juventude organizada em formações «para-militares» (os Guardas Vermelhos), Mao teria conseguido a pouco e pouco afastar os seus adversários dos lugares de responsabilidade (transferência de poder e criação de Comités Revolucionários), consolidando a sua influência sobre o Partido através da realização de um Congresso e fazendo adoptar as suas opiniões por um Comité Central remodelado. Esta análise foi extremamente divulgada, o que torna difícil de combatê-la tanto mais que no Ocidente o conhecimento da China e dos seus problemas é muito sumário. Os meios governamentais franceses «orientados» pelos seus brilhantes «especialistas» parecem tê-la aceite sem qualquer espírito crítico. No entanto, esta análise tem os seus pontos fracos e repousa em considerações muito frágeis.

Primeiramente, a ideia de que o Grande Salto em Frente foi um fracasso total é exagerada. De facto não foram atingidos todos os objectivos visados; mas nada permite afirmar que não tenham sido atingidos resultados substanciais. A instauração das Comunas Populares foi um acto paralelo e integrante da política do Grande Salto em Frente e é impossível dizer que elas não sejam hoje uma instituição viva, sólida e

eficaz. Por outro lado, não existem provas de que Mao Tsé-Tung tenha estado em minoria na reunião do Comité Central de 1959. Se assim fosse, seria preciso explicar como lhe foi possível conseguir que fosse votada nessa reunião a exclusão de Peng Teh-huai... O facto de Liu Chao-chi ter sucedido a Mao Tsé-Tung na Presidência da República nem sequer é um indício, quanto mais uma «prova»; em nenhum país comunista este lugar tem grande importância, o que já não acontece com a Presidência do Comité Central, o Secretariado Geral, a Presidência do Governo e o Ministério da Defesa Nacional.

Se se afirma que Mao Tsé-Tung só teve o apoio de uma minoria, parece impor-se uma conclusão (que aliás foi assumida pelos «peritos» acima referidos): Mao teria perdido o poder. Se assim aconteceu, como explicar que este dirigente tenha conseguido impor as suas opiniões sobre o prosseguimento da luta de classes em regime socialista, as quais efectivamente prevaleceram nas reuniões de trabalho do Comité Central em Janeiro e Agosto de 1962? E, sobretudo, como explicar que um Mao Tsé-Tung privado do poder tenha conseguido, na 10.ª Sessão Plenária do Comité Central realizada em Setembro de 1962, fazer condenar como um desvio direitista as teses de Liu Chao-chi e dos seus partidários, como noticiaram diversos cartazes publicados na China durante a Revolução Cultural? Poderemos fazer ainda mais perguntas: como terá conseguido Mao lançar o Movimento de Educação Socialista em 1963 se nessa altura estava privado do poder? O Movimento de Educação Socialista foi dirigido pelas organizações do Partido e não houve intervenção de forças exteriores. Como foi possível a Mao conseguir a condenação da linha aplicada por Liu Chao-chi em 1964 em Tao-yuan; como terá conseguido que fossem publicados os 23 artigos que materializavam esta condenação? E, se Mao estava de facto afastado do poder, porque teria o Partido Comunista Chinês adoptado relativamente à U.R.S.S. em 1962 e em 1964 a posição

sem compromissos de que temos conhecimento? Em 1964, a polémica com os soviéticos materializou-se em Pequim na publicação de um documento chamado *Carta em 25 pontos* que definia uma linha «dura» para o movimento comunista. Mao Tsé-Tung é o autor deste documento que resume os princípios políticos do Partido Comunista Chinês. Para terminar, como é que um Mao sem apoio no Comité Central e desprovido de poder poderia ter desencadeado a Revolução Cultural Proletária em 1965?

Penso que é muito pouco provável que Mao Tsé-Tung tenha tido apenas o apoio de uma minoria no Comité Central e ainda menos que tenha, a dada altura, perdido o poder. Por outro lado, não há razão para duvidar dele quando diz em Julho de 1967<sup>12</sup> que só contava com uma pequena maioria no Comité Central: isto explicaria de uma maneira plausível a evolução da política interna chinesa de 1958 a 1969. Fracamente maioritário no Comité Central, Mao Tsé-Tung conseguiu que as suas opiniões triunfassem, mas não conseguiu desembaraçar-se dos seus opositores. Liu Chao-chi, embora condenado por desviacionismo em 1962 e em 1964 não foi expulso: um acto tão decisivo implicava uma maioria mais sólida e uma grande campanha política contra o interessado.. A Revolução Cultural permitiu atingir estes objectivos. A importância do 9.º Congresso realizada em Abril de 1969, decorre menos das suas inovações do que do facto de se ter podido realizar. De qualquer modo, não seria exacto afirmar que em si mesmo teve pouco interesse.

### *Alguns ensinamentos do Congresso*

Foram publicados depois deste Congresso três documentos muito importantes. O primeiro é o relatório político apresentado por Liu Chao-chi. O texto é muito

---

<sup>12</sup> Ver Anexo 4.

longo e não podemos aqui analisá-lo pormenorizadamente. Foi muito difundido e portanto é fácil encontrá-lo.<sup>13</sup> O seu conteúdo é mais um balanço da Revolução Cultural do que a exposição de um programa; neste sentido, contém poucos elementos novos. Relata os preliminares e a história da Revolução Cultural, mas de um modo sumário. As suas oito partes essenciais retomam os grandes temas da Revolução Cultural: apoiar o exército e amar o povo; combater o individualismo e o revisionismo (*Dusi, Pixiu*); realizar a tarefa de luta-crítica-transformação (*To Pi Kai*); fazer a Revolução e estimular a produção, etc. Reafirma as normas de funcionamento do Partido Comunista, a necessidade de seguir uma linha de massas e esclarece os princípios da política externa chinesa.

Os estatutos do Partido Comunista, por seu turno, trazem algo de novo: são profundamente marcados pela preocupação de evitar os excessos do centralismo e de tornar mais firme a democracia interna. É também clara a preocupação de evitar que os dirigentes revisionistas possam eventualmente utilizar em seu proveito a disciplina do Partido e a rigidez das estruturas de organização. Os autores dos estatutos quiseram que os membros do Partido tivessem o campo livre para actuarem no caso de novos Liu Chao-chi tentarem tomar o poder. As pressões burocráticas devem ser impossíveis nestes moldes. A redacção do artigo 5 corresponde a esta preocupação e reconhece um certo «direito de dissidência»:

«Os órgãos de direcção em todos os escalões do Partido devem regularmente dar contas do seu trabalho nas reuniões e nas assembleias gerais dos membros, recolher constantemente, dentro e fora do Partido, a opinião das massas e aceitar o controlo destas. *Qualquer membro tem o direito de fazer críticas e su-*

---

<sup>13</sup> Cf. brochura publicada em 1969 pelas Edições de Pequim em línguas estrangeiras.

*gestões às organizações do Partido e aos dirigentes em todos os escalões. Todo o membro que não esteja de acordo com as resoluções ou as instruções das organizações do Partido é autorizado a manifestar a sua opinião e tem o direito de se dirigir directamente aos escalões superiores, incluindo o Comité Central e o Presidente do Comité Central. É necessário criar uma atmosfera política em que reinem simultaneamente o centralismo e a democracia, a disciplina e a liberdade, a unidade de vontade ao mesmo tempo que um espírito feito de satisfação e de entusiasmo».*

Para se avaliar do valor de tal disposição, convém dizer que é absolutamente nova na China e em todo o movimento comunista mundial. De há algum tempo para cá os comunistas têm sido ensinados a respeitar como um dogma a obediência incondicional aos seus dirigentes. Os comunistas chineses inovam portanto neste domínio, e de uma maneira notável.

Outra disposição dos estatutos, o artigo 12, revela igualmente o espírito com que o Partido Comunista Chinês pretende actuar. A tarefa dos comunistas é «conduzir o estudo e a aplicação viva, pelos membros do Partido e pelas massas, do marxismo-leninismo-maoísmo» e também, dentro do espírito da Revolução ininterrupta por etapas, «educar constantemente os membros do Partido e as massas na ideia da luta de classes e da luta entre duas linhas, dirigindo-as resolutamente no combate contra o inimigo de classe».

O terceiro documento digno de atenção é a lista dos novos titulares de responsabilidades publicada após o Congresso, em particular ao nível do Gabinete político. Mao Tsé-Tung continua, como sabemos, na Presidência do Comité Central e Lin Piao é o único vice-Presidente. Antes da Revolução Cultural, Chu En-lai e Liu Chao-chi eram igualmente vice-Presidentes do Comité Central. Agora, acima de Lin Piao só existe Mao Tsé-Tung.

O Comité Permanente do Gabinete político, o organismo que verdadeiramente governa a China, foi redu-

zido. Actualmente só fazem parte dele, com Mao e Lin Piao, o fiel Tchen Po-ta, Chu En-lai e Kang Cheng.<sup>14</sup> Neste escalão existe portanto uma unidade sólida.

A lista dos membros do Gabinete Político revela a eliminação de todos os opositores: Liu Chao-chi, Teng Hsiao-ping, Tao Chu, Tan Chen-lin, Peng Chen e Lu Ting-yi e a entrada massiva dos fiéis de Mao. Hoje, fazem parte do Gabinete Político, entre outros, a mulher de Mao, Kiang Tsing, a mulher de Lin Piao, Ye Kiun, assim como Yao Wen-Yuan, Tchang Tchuen-kiao, Sie Fu-tche, o chefe dos guardas de Mao Tsé-Tung: Wani Tong-sing, o Chefe da Região Militar de Cantão cujas dificuldades em 1967 já relatámos, hoje Chefe do Estado-maior Geral do E.P.L., Huang Yong-Cheng, etc.

É interessante notar que as duas personalidades importantes deixaram de fazer parte do Gabinete político sem no entanto terem sido colocadas na categoria dos *Zu Zi Pai* liunistas: trata-se de Chen Yi, que continua no lugar de Ministro dos Negócios Estrangeiros e de Li Fu-tchuen, Ministro encarregado da planificação. Esta exclusão do Gabinete político é decerto um preliminar à saída destes do governo, o que será provavelmente decidido durante uma reunião da Assembleia Nacional Popular. Esta exclusão do Gabinete Político mostra que embora as acusações feitas a Chen Yi pelos ultra-esquerdistas no Verão de 1967 não tenham sido todas aprovadas, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e o seu colega não deixam de ser considerados como culpados de erros graves. Embora não tenham alinhado na oposição, os dois ministros mostraram grandes tendências burocráticas e incapacidade de adaptação aos acontecimentos revolucionários.

Conta-se em Pequim a seguinte história:

---

<sup>14</sup> Ver Volume I.

Algum tempo antes da realização do 9.º Congresso, Chen Yi teria dado parte a Mao Tsé-Tung da sua intenção de não participar no Congresso e de se retirar da vida política activa. Mao tentou persuadi-lo a ir ao Congresso. Chen Yi persistiu na sua recusa: «Que iria eu lá fazer», disse; «em certas etapas da Revolução Cultural tomei posições de direita. A minha presença é supérflua». «Pelo contrário», teria dito Mao sorrindo-se, «vem ao Congresso, representarás a direita!».

## CONCLUSÃO

Terá a Revolução Cultural atingido os seus objectivos? Há no estrangeiro quem diga que foi um fracasso: pessoas que estão convencidas ou têm a impressão de que as perturbações que a marcaram, trouxeram no domínio económico, social e político danos tais que o país saiu consideravelmente enfraquecido da Revolução Cultural. Como já tentei mostrar esta opinião é profundamente errada.

Terá a Revolução Cultural Proletária sido um êxito completo? Só se pode responder a esta questão tentando distinguir diferentes níveis correspondentes a diferentes objectivos. Na luta que opôs os maoístas à fracção liunista é incontestável que esta última foi completamente vencida; a eliminação dos seus partidários de todos os lugares de responsabilidade foi total e profundo o descrédito que ela hoje inspira. Alguns evocarão ainda as perturbações, os obstáculos ao desenvolvimento económico, assim como a resistência encontrada pelos maoístas em certas ocasiões para sublinharem o preço elevado que estes tiveram de pagar. Penso ter mostrado que os tumultos, longe de constituírem um acidente com que os dirigentes não contavam, foram pelo contrário aceites desde o princípio como um risco normal e inevitável numa Revolução. Terá

a economia sido seriamente afectada por esta situação? No estrangeiro houve muitas afirmações exageradas quanto a isto. É inegável que a vida económica foi perturbada; como prova basta-me recordar as restrições de carvão de que sofremos durante o Inverno de 1968. No entanto, daí à crise económica, ao marasmo e à fome ainda vai uma grande distância: em dois anos de Revolução Cultural nunca constatei penúria nos mercados e nas lojas. Estes foram no seu conjunto abastecidos regularmente e todos os produtos estiveram sempre disponíveis; nunca foi instaurado nenhum racionamento. Além do carvão, fornecido aos particulares em quantidade reduzida em 1968, o abastecimento em energia foi normal e as interrupções de transportes relativamente mínimas. Os testemunhos que tive ocasião de recolher de estrangeiros que viviam em cidades tão afastadas como Xangai, Harbina, Sian, Cantão e Tientsin confirmam na generalidade estes dados.

Dir-se-á que pelo menos as perturbações políticas e os prolongados conflitos de fracções terão demonstrado a existência de uma oposição sólida a Mao Tsé-Tung e o importante apoio de que Liu Chao-chi dispunha na população; a vitória do primeiro seria portanto frágil. Este livro mostrou, espero-o, que esta visão dos acontecimentos é falsa. O mecanismo da Revolução Cultural Proletária é tal que em nenhuma altura a unanimidade ideológica e o apoio ao regime maoísta foram postos em causa. Nos conflitos entre conservadores e revolucionários ninguém se afirmava defensor de Liu Chao-chi; pelo contrário, todas as facções se diziam fiéis a Mao Tsé-Tung, o que permitia a este último agir com toda a sua autoridade moral. Aliás, as maiores perturbações não surgiram a partir de um conflito entre conservadores e maoístas, mas sim de uma cisão destes últimos. Como sabemos, foi no Verão de 1967 que esta contradição surgiu com maior clareza; não se podem portanto atribuir à influência de Liu Chao-chi os recontros violentos e o

risco de uma cisão no seio do exército que daí resultaram.

As perturbações que se produziram na China foram muito exageradas no estrangeiro: deliberadamente ou não, alguns jornalistas só falaram em perturbações; estas não constituem porém o aspecto principal da Revolução Cultural. Todavia, e inversamente, não podemos minimizá-las. Mesmo não tendo sido tão frequentes e intensas como as pintaram, verificaram-se de facto e foram julgadas necessárias pelos promotores da Revolução Cultural. Um dos objectivos que Mao Tsé-Tung tinha em vista era formar as gerações jovens através de uma prova revolucionária. Se assim não fosse, os que não tinham conhecido a antiga sociedade cresceriam no meio de facilidades e poderia faltarlhes a têmpera necessária.

Ao libertar energias e tendências contraditórias, ao animar múltiplos conflitos de fracções, apaixonados e por vezes violentos, a Revolução Cultural faria passar milhões de jovens chineses pela dura escola da prática.

E, neste plano, terá a Revolução Cultural atingido o fim em vista? É difícil dizê-lo mas julgo que sim, embora o assunto se preste mal à análise. É inegável que as massas populares foram profundamente mobilizadas. A sociedade urbana chinesa foi muito absorvida pela efervescência revolucionária; em todos os meios, a juventude esteve indiscutivelmente na vanguarda. Mas se então mostrou muita combatividade, o que não deve desagradar a Mao Tsé-Tung, revelou também uma certa tendência para a confusão e para a indisciplina; as suas capacidades de organização revelaram-se restritas. Para muitos jovens chineses a recordação da Revolução Cultural talvez seja apenas a de uma época de contestação, de rebelião e de uma liberdade muito lata. O regime que queira conciliar a liberdade e a disciplina, o centralismo e a democracia, deverá pois realizar plenamente a educação política da sua juventude.

A terceira finalidade que a Revolução Cultural se propusera atingir, era assegurar a supremacia da ideologia maoísta sobre o revisionismo. Na Introdução, expliquei que isto correspondia a um enorme esforço de politização e de formação ideológica que deveria conduzir à vitória sobre o individualismo e sobre as influências culturais e sociais da tradição. Expliquei de que maneira, aos olhos de Mao Tsé-Tung, o socialismo, por essência colectivista, é inconciliável com o individualismo, com o gosto das satisfações pessoais, com a concepção egocêntrica do mundo. Daí o objectivo de refundir a mentalidade dos homens, de criar o homem colectivista total. Daí também a necessidade de combater os hábitos e costumes do passado que continuavam a influenciar o comportamento dos chineses sob o novo regime.

No quadro específico da China esta preocupação conduziu à luta contra o confucionismo, que já foi referida ao falarmos da crítica ao livro de Liu Chao-chi, assim como do combate às superstições, à cultura e aos costumes do passado, ao mandarinato e antigo regime em geral. O desejo de impedir a manutenção de condições em que a tradição pudesse renovar-se conduziu a medidas enérgicas. É lançada no país uma propaganda intensa e quotidiana sob diversas formas. As crianças estudam os textos de Mao Tsé-Tung a partir da escola primária; a educação revolucionária é ministrada por toda a parte. Os serviços do Partido mantêm um forte clima de luta de classes e de Revolução. A rádio difunde constantemente textos maoístas e informações de natureza a manter uma atmosfera militante. As paredes, as fachadas das casas, as escolas, os locais de trabalho, os restaurantes e os lugares de recreio transbordam de citações revolucionárias e de apelos a um comportamento actuante.

Também neste ponto os dirigentes da Revolução Cultural obtiveram importantes sucessos. Basta ver o ódio que suscita a evocação dos proprietários de terras, do Kuomintang, do antigo regime, do imperia-

lismo e do revisionismo em geral, o desaparecimento do vestuário tradicional, das decorações de estilo antigo nas lojas e nas casas, o verdadeiro orgulho em ser operário ou filho de operário que alguns ostentam, o entusiasmo puro e livre com que tantos se dedicam à colectividade, para se ficar convencido de que os maoístas conseguiram em grande medida operar a transformação dos valores a que aspiravam e fazer triunfar o altruísmo, o proletariado e o ideal revolucionário.

É talvez aqui, no entanto, que a Revolução Cultural encontra limites mais sensíveis. A supremacia da ideologia proletária sobre as ideologias burguesas e feudais está hoje claramente afirmada. Mas neste plano não se pode, é claro, falar ainda de uma vitória definitiva. O maoísmo deverá continuar a luta contra a tradição pois esta tende a sobreviver através de formas novas e insidiosas.

Podemos notar a existência de um certo formalismo que leva a luta contra a tradição com base em meios herdados da tradição: as pessoas reúnem-se de manhã, antes de começarem a trabalhar, para lerem citações de Mao Tsé-Tung, desejando-lhe longa vida no início de qualquer reunião. As descobertas científicas, os progressos da medicina, os progressos dos operários ou as façanhas dos soldados são atribuídos sem reservas à doutrina de Mao Tsé-Tung. No entanto, desconhece-se no estrangeiro que Mao reprovou muitas vezes as excessivas homenagens que assim lhe rendiam.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Em 1967, Mao suprimiu por seu punho a expressão «grande educador, guia, comandante e piloto» empregada a seu respeito no comunicado que anunciava a explosão da bomba H. Em 1968, proibiu que se utilizasse a expressão «implantar a autoridade absoluta» do seu pensamento. Recentemente reprovou o fabrico de insígnias com a sua efígie e declarou que isso significaria desperdiçar um metal que poderia ser usado em coisas mais úteis.

Há quem diga que o maoísmo é uma nova religião. Afirmção esquemática e superficial! É necessário compreender que aos ritos e às máximas confucianas e budistas que impregnam o espírito chinês desde há milénios, se substituem hoje os hábitos e as máximas revolucionárias. A força de uma tradição que pesa sobre a consciência das massas, que está enraizada nos hábitos destas, que participa dos seus condicionamentos, opõe-se uma força superior: a destas mesmas massas armadas pelo Partido de ideias proletárias, revolucionárias. Mas combater a tradição com métodos recolhidos dela implica o risco de que a tradição sobreviva através desses mesmos métodos.

A China é um país que é obrigado a defender-se de si mesmo devido às pressões políticas e militares exteriores, à sua geografia e herança histórica. Poderá um país assim, cujas trocas e contactos com o exterior são limitados, encontrar dentro de si energia suficiente para quebrar o seu próprio condicionalismo e recriar outro completamente diferente? A isto, a Revolução Cultural Proletária que se desenrolou vitoriosamente de 1965 a 1969 permite responder que sim. Porém o problema não pode considerar-se como definitivamente resolvido e continuará certamente a colocar-se durante alguns decénios.

Há hoje numerosas razões para esperar que o ideal revolucionário proletário de Mao Tsé-Tung não venha a ser submerso no oceano de feudalismo e de

---

Num número recente da revista *Life*, Edgar Snow relata uma conversa com Mao em que se afirmou que, evidentemente, se tinha exagerado o culto da personalidade. «Hoje», disse-lhe o Presidente, «as coisas são diferentes». «É difícil que as pessoas se desembaracem do hábito, mais do que milenário, de adorar imperadores». Mao Tsé-Tung qualificou ainda de chocantes os «quatro grandes» epítetos que lhe foram atribuídos: grande educador, guia, comandante e piloto. «Mais tarde ou mais cedo, acabarão por ser eliminados», afirmou. Só o termo «educador» seria conservado. Mao acrescentou que tinha sido professor e que continuava a sê-lo.

idealismo que é a tradição chinesa. Mas para isto serão ainda necessárias mais provas. Compreende-se assim que Mao Tsé-Tung tenha afirmado em 1967: «A Grande Revolução Cultural Proletária actual é apenas a primeira do género. No futuro, tais Revoluções terão necessariamente de fazer-se [...]. Os membros do Partido e a população não devem pensar que tudo correrá bem depois de uma, duas, três ou quatro Revoluções culturais. Precisamos de nos manter alerta e de não atenuar a nossa vigilância».

Diversas informações nos permitem hoje completar esta quarta parte no que se refere a pontos muito importantes.

O artigo de 28 de Janeiro de 1968 intitulado «Apoiar a esquerda e não as fracções», e o de 27 de Abril «Proceder à análise de classe do espírito de fracção» contradizem-se pura e simplesmente. O segundo constitui uma resposta ao primeiro. Estas orientações contraditórias traduziam evidentemente os desacordos existentes no seio da equipa dirigente: Tchen Po-ta e talvez Lin Piao opondo-se a Chu En-lai.

Sabemos por outro lado, em parte graças a J. Esmein e W. Hinton, que Yang Tcheng-wu o Chefe de Estado-maior destituído em 1968, era de facto um ultra-esquerdista. É acusado de ter pertencido ao 5.16.

Na época em que caiu em desgraça, a propaganda oficial preocupava-se mais com a luta contra as direitas do que contra o ultra-esquerdismo. Nessa época pensámos que a destituição de Yang se inscrevia nesse âmbito, pois a propaganda oficial nada fez para dissipar a confusão. O ultra-esquerdista Yang foi portanto considerado como um direitista e é como tal que eu o apresento no sub-capítulo intitulado «Pró ou contra o Comité Revolucionário de Pequim».

Qual a razão de ser desta confusão mantida acerca da natureza dos erros do Chefe de Estado-maior? O acento da luta afastava-se do esquerdismo para recair sobre uma direita que se reanimava. O aparelho de propaganda, com toda a sua rigidez habitual, apoiava

esta campanha. O estado de espírito aí revelado era esquerdista e tinha tendência para atacar a direita.

Alguns indivíduos temiam certamente que as tendências esquerdistas se desenvolvessem novamente numa época em que o principal alvo de ataques eram as direitas. Terá sido para o impedir que os responsáveis suspeitos de simpatia para com aquelas tendências, Yang, os seus adjuntos e Tsi Pen-yu, foram presos preventivamente. Nada disto foi explicado e os três chefes militares passaram por direitistas. Aos olhos dos seus adversários o facto não tinha certamente grande importância, sendo apenas essencial que ficassem desacreditados e sem possibilidades de actuação.

A luta armada na Universidade de Tsinghua foi longa e mortífera; foi «a guerra dos cem dias». A equipa operária enviada em Julho de 1968 sofreu ataques dos homens de Kuai Ta-fu. Sofreu alguns mortos e diversos feridos.

Estes incidentes preocuparam gravemente os dirigentes. No final de Julho, Mao chamou à sua presença cinco dirigentes estudantis representantes dos principais grupos de Guardas Vermelhos na capital, entre os quais se encontravam Kuai Ta-fu e Nieh Yuan-tseu. Ter-lhes-ia criticado a sua atitude, as suas tendências ultra-esquedistas, o seu sectarismo e os combates fratricidas a que se entregavam. Conta-se que, de lágrimas nos olhos, Mao os teria reprovado por «o terem feito perder». Se a história é verdadeira, significaria que Mao constatava com tristeza que a juventude estudantil, os Guardas Vermelhos nos quais se baseara em parte para rejuvenescer o regime, tinham «chumbado» no seu exame de Revolução. Estaria a prever que seria forçado a fazer concessões a tendências mais «moderadas»?

Os acontecimentos recentes desmentiram certas apreciações feitas no final do livro sobre a composição dos órgãos dirigentes depois do 9.º Congresso. Contrariamente ao que pensava, a unidade do Gabinete Político revelou-se bastante frágil. A ruptura entre Chu

En-lai, por um lado, e Tchen Po-ta e Lin Piao por outro demonstra-o claramente.

Acrescentemos que Huang Yong-tchen está hoje destituído. A Assembleia Nacional Popular ainda não teve qualquer reunião (até Novembro de 1972). Finalmente, o Ministro dos Negócios Estrangeiros Chen Yi, morto em 6 de Janeiro de 1972, recebeu honras póstumas que equivalem a uma reabilitação completa.

A nota número 15 deve ser completada com a seguinte informação: a partir do final de 1970, as estátuas, os retratos e as citações de Mao foram quase totalmente retiradas. Ensinaram-se os chineses a cantar a Internacional sem omitir as célebres palavras «Não existe salvador supremo, nem Deus, César ou um tribuno».

No sub-parágrafo intitulado «Proceder à análise de classe do espírito de fracção», evoco as divisões entre os estudantes. Uma das fracções chamava-se «terrestre», a outra «celeste». A primeira tinha como base os Guardas Vermelhos do Instituto de Geologia, a segunda o de Aeronáutica; daí os seus nomes.

A N E X O S

## DOCUMENTO I

Este documento permite fazer uma ideia bastante concreta da maneira como a oposição se manifesta no seio do regime comunista chinês. Procedendo por alusões, recorrendo a camuflagens diversas e por vezes muito engenhosas, nunca se mostra de peito aberto.

*As «Palestras da noite em Yenchan» de Teng Tuo, selecção de subentendidos anti-partido e anti-socialistas.*

### 1. ATAQUES PÉRFIDOS CONTRA O NOSSO GRANDE PARTIDO

*Ataques pérfidos contra a tese científica: «O vento de Leste leva a melhor sobre o vento de Oeste». Considerada como um conjunto de «grandes palavras ocas» e de «banalidades».*

Muita gente tem a palavra fácil. Desconversam indefinidamente a propósito de tudo e de nada, como um rio que nunca seca. Porém, depois de os ouvir, tentem lembrar-se do que disseram; não se lembrarão de nada.

Fazer grandes discursos sem dizer nada, aumentar a confusão à força de explicações atrás de explicações ou de esclarecimentos que não esclarecem nada, são

as características daqueles que gostam das grandes palavras ocas.

Não se pode negar que em certas circunstâncias particulares este género de grandes palavras ocas seja inevitável e constitua em certa medida uma necessidade. No entanto, o facto de esta prática se generalizar e ser aplicada a torto e a direito ou cultivada como um dom, não deixaria de ser lamentável. O desastre seria ainda maior se esta arte fosse ensinada aos nossos filhos e se estes fossem transformados em especialistas no uso de grandes palavras vazias.

Quis o acaso que devido ao hábito de imitar os grandes poetas, um filho dos meus vizinhos tenha escrito recentemente enormes quantidades de «grandes palavras ocas» (...) Escreveu recentemente um poema intitulado *Ode às plantas silvestres*, apenas constituído por palavras ocas. O poema reza assim:

*O venerável Céu é o nosso pai  
A grande terra é a nossa mãe  
E o sol a nossa ama;  
O vento de Leste, o nosso benfeitor  
O vento de Oeste, o nosso inimigo.*

Embora as palavras Céu, terra, pai, mãe, Sol, ama, vento de Leste, vento de Oeste, benfeitor e inimigo atraiam a atenção, são neste caso utilizadas abusivamente e transformam-se em banalidades.

Até a utilização das palavras e termos mais bonitos pode ser fútil; quanto mais estes se empregam, pior. É por isso que queria dar este conselho aos amigos que têm o hábito de utilizarem grandes palavras ocas: leiam mais, pensem mais, falem menos e quando chegar a vossa vez de falar é melhor irem descansar para não perderem o vosso tempo e energia nem o dos outros.

«As grandes palavras ocas»

*Quiaxian*, n.º 21, 1961

## COMENTARIO

*«O vento de Leste leva a melhor sobre o vento do Oeste» é uma tese científica avançada a 18 de Novembro de 1957 pelo presidente Mao Tsé-Tung na Conferência dos Partidos Comunistas e Operários. Mostrava, através de uma imagem, que a situação internacional entrara numa nova fase, que o poder do socialismo levava a melhor sobre o poder do imperialismo. O vento de Leste representa as forças revolucionárias anti-imperialistas do proletariado mundial e dos povos oprimidos da Ásia, da África e da América Latina. O vento do Oeste representa as forças decadentes do imperialismo e da reacção de todos os países. É perfeitamente justo que se glorifique o «vento de Leste» e que se deteste o «vento de Oeste». Porque razão terá Teng Tuo considerado «o vento de Leste é o nosso benfeitor e o vento de Oeste o nosso inimigo» como um conjunto de «grandes palavras ocas» e de «banalidades»? Sabe-se que os revisionistas soviéticos incitavam as pessoas a «denunciar mais corajosamente e resolutamente a tese dogmática sobre a competição mítica entre «o Vento Leste e o Vento de Oeste». Aqui, Teng Tuo canta no mesmo tom que Khruchtchev.*

*Onde se insinua que a direcção do nosso Partido é «vaidosa» e «só tem desdém pelas massas».*

A sabedoria do homem tem os seus limites. Só um imbecil pode pensar que sabe tudo e que o seu saber é inesgotável; isto é completamente impossível. Alguns parecem muito inteligentes, mas na realidade só são inteligentes na aparência ou de uma maneira fútil e não podem de facto ser considerados como inteligentes e muito menos como sábios.

Lao-tseu tomou uma posição extrema neste domínio e, mais tarde, os soberanos dos Seis Reinos foram até ao outro extremo. O primeiro queria obliterar toda a experiência, todo o bom senso e negar tudo,

enquanto os últimos tinham uma confiança tal no seu saber que se tornaram cegos de vaidade. Nem o primeiro nem os segundos chegarem evidentemente a bons resultados. O seu erro estava em não darem a importância necessária ao saber das massas.

As melhores ideias só podem vir das massas. No reinado do Imperador Yuan, da dinastia dos Han, o Primeiro Ministro Kuang Heng disse ao Imperador: «Ouvi dizer que consultar a multidão e fazer o que ela pensa corresponde à vontade do Céu». Tchang Hsing, célebre homem de letras que viveu no reinado do Imperador Kuangwu da dinastia dos Han, aconselhou também o Imperador a «que ouvisse todas as opiniões e aceitasse as que vinham da base». Fan Yao-fou, filho de Fan Tchong-yen da dinastia dos Song deu o seguinte conselho a Sema Kuang: «Espero que dareis provas de modéstia e que tomareis em consideração as opiniões das massas. Um homem não precisa de conceber tudo sozinho; só quando o faz poderá ser cortejado por adutores». Estas opiniões eram excelentes. A ideia de Fan Yao-fu de que «não há necessidade de se conceber tudo sozinho» merece uma atenção particular. *Porém, muitos continuam a ser vaidosos e auto-suficientes; estes têm desdém pelas massas, decidem tudo sozinhos na esperança de que a mera originalidade das suas ideias lhes traga louros e rejeitam os bons conselhos vindos da base. Se não tiverem consciência dos seus defeitos e não tentarem corrigir-se sofrerão revezes duros.*

«Pode-se lutar contar com a sapiência?»  
*Palestras da noite em Yenchin, T. 4,*  
págs. 17-19, publicado primeiramente no  
*Beijing Wanbao*, 22 de Fevereiro de 1962.

#### COMENTARIO

*Porque se compraz Teng Tuo com histórias do género da de Kuang Heng aconselhando o Imperador*

*Yuan «a consultar a multidão e a seguir as suas opiniões» e da de Tcheng Hsing aconselhando o Imperador Kuangwu a «aceitar as sugestões da base»? É uma maneira de lançar ataques insidiosos contra o nosso grande Partido acusando-o «de ser vaidoso e de ter desdém pelas massas». Isto torna-se claro quando se comparam as palavras de Teng Tuo com as calúnias que os revisionistas soviéticos espalharam a nosso respeito. O que Teng Tuo diz não é idêntico ao que dizem os revisionistas modernos para denegrir o nosso Partido?*

*Onde se vilipendia o nosso Partido acusando-o de «voltar com a palavra atrás» e de «não ser digno de confiança».*

Muitas pessoas sofrem de uma ou de outra doença (...); uma destas afecções chama-se «amnésia». É um mal muito aborrecido e quem é atingido por ele não se cura facilmente.

*O sintoma desta doença é que o doente volta muitas vezes com a palavra atrás e não cumpre as suas promessas; é-se até inclinado a desconfiar que simula a estupidez e é portanto indigno de confiança.*

Em *Novas histórias de Aitse*, Lu Tchuo, que viveu durante a dinastia dos Ming, relata *um caso típico de amnésia*.

Viveu um homem no reino de Tsi tão esquecido que se esquecia de parar quando começava a caminhar e de se levantar quando se deitava. A mulher andava muito preocupada. Disse-lhe: «Ouvi dizer que Aitse é um homem cheio de espírito e engenho, que pode curar as doenças mais desconcertantes. Porque não o vais consultar?» «Boa ideia», respondeu o homem, e partiu a cavalo levando o arco e as flechas. Depois de andar algum tempo, sentiu desejos de fazer uma necessidade. Desmontou do cavalo, amarrou-o a uma árvore e pôs o arco e as flechas no chão. Assim que se aviou, olhou para um lado e, vendo as flechas,

disse: «Céus, escapei de boa! De onde virão estas flechas? Por pouco não me matavam!» Olhou para o outro lado, e quando viu o cavalo exclamou todo contente: «Apanhei um grande susto, mas ganhei um cavalo». Ia por-se a caminho com o cavalo à arriata quando pisou as suas necessidades. Bateu com o pé no chão e disse: «Gaita! Pisei porcaria de cão e sujei os sapatos». Subiu para o cavalo e voltou a casa. Quando chegou, hesitou diante da porta, interrogando-se: «Onde é que estou? Será esta a casa do venerável Aitse?» Vendo-o perplexo, a mulher compreendeu que ele perdera de novo a memória e repreendeu-o. O homem, espantado, disse: «Não a conheço, minha senhora. Porque me está a insultar?» *Aparentemente, este homem apresenta um caso de amnésia grave. É difícil dizer como poderia evoluir a doença; provavelmente para a loucura ou para a imbecilidade.*

Segundo os antigos livros de medicina chinesa, (...) uma das causas da amnésia será o funcionamento anormal daquilo a que se chama o sopro da vida. É por isso que o doente não só é atingido de perda de memória, mas se torna também *caprichoso*, tem grande dificuldade em se exprimir e torna-se *irascível, insensato e louco furioso*. Outra causa da amnésia: uma lesão no cérebro. Volta e meia o doente fica entorpecido e o sangue sobe-lhe à cabeça, o que por vezes provoca desmaios. Se não for tratado a tempo torna-se completamente idiota. Aquele que sentir qualquer destes dois sintomas *deve imediatamente passar a viver em completo repouso, deixar de falar e abster-se de qualquer actividade pois se se obstinar em falar e agir caminhará a passos largos para a catástrofe.*

Não existirão métodos eficazes para tratar esta doença? Existem, é claro. Por exemplo, (...) no momento da crise, *toma-se uma bacia cheia de sangue de cão que se despeja por cima da cabeça do doente; a seguir atira-se-lhe com outra bacia de água fria para que ele fique com as ideias mais claras.* Segundo a medicina ocidental, um dos métodos consiste *em bater-lhe na*

*cabeça com uma matraca de fabrico especial para o pôr em estado de «choque» e para a seguir tentar que volte a si.*

«Tratamento específico da amnésia».

*Quianxian*, n.º 14, 1962

#### COMENTARIO

*Os ataques contidos neste artigo provam manifestamente um ódio mortal pelo nosso grande Partido. Os livros de medicina não dizem que o «doente volta com a palavra atrás»; é «caprichoso», «insensato» ou «louco furioso». Tão pouco se preconiza nesses livros o tratamento pelo sangue de cão ou pela matraca. As Novas histórias de Aitse escritas por Lu Tchuo durante a dinastia Ming são sátiras políticas e nada têm a ver com a medicina. Teng Tuo trata neste artigo de política e não de medicina. Este facto é incontestável.*

*Onde se injuria a direcção do nosso Partido tratando-o por «Tchukeh Liang choramingas»*

Um Tchukeh Liang choramingas é o que há de mais lamentável. Esta alcunha figura numa anedota intitulada «Kuo Ni compara-se a Tchukeh Liang» do tomo 15 de *Tcheng Che* (Notas de cabeceira) de Yue Ko, neto de Yue Fei. Diz a anedota: «Quando era comandante de guarnição a leste da ribeira Huai, Kuo Ti mandou construir as muralhas de duas cidades. Estava com ele Kuo Ni. (...) Kuo Ni tinha tal presunção que ninguém ousava contrariá-lo; um dia, escreveu num leque estas linhas:

«Três visitas à cabana para conselho sobre os assuntos de Estado.

Durante dois reinados o velho ministro manteve-se no poder».

Assim pois, Kuo Ni tomava-se por Kongming (Tchukeh Liang). (...) Um Verão cheguei a Setcheu e notei que de facto o leque reservado aos convidados

tinha inscritas estas linhas. Percebi que o que ouvira não era um simples boato. Depois da derrota de Kuo Tchuo em Fuli, e da de Kuo Tchuan em Yitchen, Kuo Ni, desesperado por não poder remediar esta situação, chorou na presença dos seus hóspedes. O mestre Peng Fa-tchuan, magistrado, assistiu à cena. Homem de espírito, disse aos amigos: «Ora aqui temos um Tchukeh Liang choramingas». Esta graça foi conhecida de todos e muito aplaudida. Quando soube disso, Kuo Ni ficou furioso e quis castigar Peng. Mas Kuo Ni foi demitido das suas funções antes de ter tido tempo para executar o seu projecto.

Os Tchukeh Liang choramingas como Kuo Ni são absolutamente ridículos e irritantes. A anedota mostra que *quem quer fazer-se passar por Tchukeh Liang não intimida ninguém e acabará por se mostrar tal qual é sendo objecto da chacota de todos.*

«Três espécies de Tchukeh Liang»  
*Palestras da noite em Yenchán*, t. 4,  
p. 12, publicado primeiro no *Beijing Wanbao*, 1 de Março de 1962.

#### COMENTARIO

*A quem alude Teng Tuo quando disserta contra o que ele designa por «Tchukeh Liang choramingas» dizendo que «quem quer fazer-se passar por Tchukeh Liang» acabará inevitavelmente por «se mostrar tal qual é?» Para aludir à classe dos proprietários de terras e à burguesia, não precisava de recorrer a termos tão ambíguos. A única conclusão que podemos tirar do texto é que estes insultos são dirigidos à direcção do nosso Partido.*

2. ONDE SE RECLAMA JUSTIÇA PARA OS OPOR-  
TUNISTAS DE DIREITA DESTITUIDOS. ONDE SE  
EXALTA A «INFLEXIBILIDADE» ANTI-PARTIDO  
DESTES E ONDE ELES SÃO ENCORAJADOS A  
VOLTAR A CARGA

*Defesa de Li San-tsai, Ministro do Interior e das Finanças destituído.*

Dos vários personagens históricos de Pequim, um deles, Li San-tsai, originário de Tongtcheu e que viveu durante a dinastia Ming, parece ter caído no esquecimento. Este facto deve ser lamentado por todos aqueles que fazem investigação sobre a história local.

O seu nome foi evocado por acaso durante uma conversa que tive há pouco tempo com alguns amigos historiadores. De volta a casa, folheei alguns volumes de história e reparei então que o veredicto dado sobre Li San-tsai pelos historiadores antigos é muito contestável e *deve ser revisto*.

Li San-tsai (também conhecido pelo nome de Tao-fu e de Sieu-wu) obteve o título de doutor no segundo ano do reinado de Wanli. Assumiu sucessivamente as funções oficiais de «procurador imperial adjunto», de «Governador de Feng Yang» e de «Ministro do Interior e das Finanças». Opôs-se aos métodos utilizados na época para colectar o imposto sobre as minas e apoiou activamente os membros do partido Tonglin. É um personagem célebre da *História da dinastia Ming*.

A *História da dinastia Ming*, compilada no início da dinastia Tsing por Tchang Ting-yu e outros autores contém uma biografia de Li San-tsai que acaba assim:

«Homem de grandes talentos, Lin San-tsai era hábil no uso de estratagemas e exímio na arte de ganhar a confiança da Corte. Durante os treze anos em que Feng Yang governou, arranjou amigos em toda a parte. Incapaz de permanecer íntegro, foi alvo de diversos ataques. Os que como Chao Fu-tchong e Siu Tchao-kuei vieram mais tarde a condenar San-tsai eram todos partidários de Wen Tchong-tsien e figuravam na lista dos cúmplices deste último, enquanto os que, como Ku Hsein-tchen, Tseu Yuan-piao, Tchao Nan-sing e Liu Tsong-tcheu apoiavam Li San-tsai eram todos altos funcionários nessa época. Assim Li San-tsai passava geralmente por um homem comedido e inteligente».

A *História da dinastia Ming* apresenta Li San-tsai como um homem «hábil no uso de estratagemas e exímio na arte de ganhar a confiança da Corte». Esta observação não é lisonjeira. Se isto fosse verdade, *Li San-tsai teria sido um intriguista político. Mas os factos são diferentes. Os anais verídicos do Imperador Chen Tsong* da dinastia Ming revelam que, durante o 27.º e 28.º anos do reinado de Wanli, Li San-tsai redigiu as memórias do Imperador expondo os abusos cometidos nos impostos das minas. Denunciou corajosamente os crimes perpetrados pelos eunucos na cobrança destes impostos: extorsões sem escrúpulos e transgressão das leis. Durante o 30.º e 31.º anos de reino apresentou também ao Imperador muitos trabalhos *que exprimiam a sua oposição ao imposto sobre as minas e que propunham medidas de precaução e combate das inundações e da seca pela abertura de canais, dragagem de ribeiras e construção de diques*. Longe de aceitar estas propostas, o Imperador castigou Li San-tsai com uma «suspensão do ordenado por 5 meses». Como se pode afirmar que este homem «era hábil no uso de estratagemas e exímio em ganhar a confiança da Corte»?

Como nenhuma das suas petições foi atendida, Li San-tsai apresentou a sua demissão para poder retirar-se da vida política.

Na mesma época surgiu o «partido Tonglin» que atacava a tenebrosa política feudal, e «San-tsai estava em relações estreitas» com os membros desse partido. As *forças corrompidas e irredutíveis* da época perseguiram furiosamente os membros do partido Tonglin como Ku Hsien-tcheng e Kao Pan-long e ao mesmo tempo atacavam violentamente Li San-tsai. Nada nos pode espantar no facto de Li San-tsai, como os membros do partido Tonglin, ter sido considerado por Wei Tchong-tsien e pela camarilha deste como um inimigo fidagal.

Por instigação dos eunucos, estas irredutíveis forças corrompidas representadas por Chao Fu-tchong

e por Siu Tchao-Kuei atacavam sem escrúpulos Li San-tsai acusando-o de ser um «traidor perigoso que fingia ser leal e um grande hipócrita que simulava a rectidão» e enumerando os seus quatro grandes crimes: «prevaricação, hipocrisia, perfídia e tirania». Depois de Li San-tsai se *ter retirado da vida política*, foi acusado de ter «roubado madeira da Corte Imperial para construir a sua residência privada». *Talvez seja neste facto que a História da dinastia Ming se baseia para afirmar que era «incapaz de integridade»*. No entanto Li San-tsai enviou mais de uma missiva ao Imperador pedindo-lhe que mandasse os eunucos ajuizar do assunto, «que os funcionários da Corte efectuassem um inquérito» e que «o imperador em pessoa arbitrasse o seu caso». *A avaliar por estas atitudes dir-se-ia que estava dentro da razão e que tinha plena confiança em si mesmo; porém a Corte não ousou proceder a nenhum inquérito profundo. A justificação disto parece-me clara...*

A avaliar por estes factos relativos a Li San-tsai e relatados durante a sua vida e depois da sua morte, devemos considerá-lo como um *personagem histórico positivo* embora não possamos afirmar que a sua conduta tenha sido absolutamente correcta.

«Em defesa de Li San-tsai», *Palestras da noite em Yenchin*, t. 5, p. 102-104, publicado primeiramente no *Beijing Wanbao*, 29 de Março de 1962.

#### COMENTARIO

*Li San-tsai é um personagem insignificante na História. Foi um carrasco que reprimiu revoltas de camponeses. No entanto, Teng Tuo apresenta-o como um funcionário exemplar que zelava pelo povo e trabalhava pelos seus interesses; ataca a «destituição» de Li San-tsai pretendendo que este estava dentro da razão, e de tal maneira que se mostrava confiante».*

*É fácil ver que Li San-tsai era um indivíduo do género de Hai Juei. A verdade é que, a pretexto de defender Li San-tsai, Teng Tuo reclama justiça para os oportunistas de direita.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Esta expressão designa Peng Teh-huai e os que o apoiaram.

## DOCUMENTO II

Já relatei as circunstâncias da publicação da circular aqui transcrita, que constitui um texto chave da Revolução Cultural Chinesa. Embora redigida de uma maneira impessoal é atribuída a Mao Tsé-Tung, como o indicam o estilo característico e um certo número de toques individuais. Aliás, veremos que no Anexo n.º 4 o Presidente do Partido se afirma como seu autor.

*Circular do Comité Central do Partido Comunista Chinês (16 de Maio de 1966).*

*(16 de Maio de 1966)*

Aos Gabinetes Regionais do Comité Central. Aos Comités provinciais, municipais e das regiões autónomas do Partido. Aos departamentos e comissões que relevam do Comité Central. Aos grupos e comités do Partido nos organismos de Estado e nas organizações populares. Ao Departamento político geral do Exército Popular de Libertação.

O Comité Central decide anular o «plano do relatório sobre o debate académico estabelecido pelo Grupo

dos Cinco Encarregados da Revolução Cultural», aprovado e posto em circulação a 12 de Fevereiro de 1966, dissolver o «Grupo dos Cinco Encarregado da Revolução Cultural» e os serviços que lhe estão ligados e constituir um novo Grupo Encarregado da Revolução Cultural relevando directamente do Comité Permanente do Gabinete Político. O plano do relatório aprovado pelo Grupo dos Cinco é profundamente errado. É contrário à linha definida pelo Comité Central e pelo camarada Mao Tsé-Tung para a Revolução Cultural Socialista, contrário ao princípio director relativo às classes e à luta de classes na sociedade socialista, princípio formulado em 1962 na Décima Sessão Plenária do Comité Central após o VIII Congresso do Partido. Leais na aparência mas traidores no íntimo, os autores do plano opõem-se energicamente, pelos seus actos, à Grande Revolução Cultural desencadeada e dirigida pelo camarada Mao Tsé-Tung em pessoa, assim como às instruções relativas à crítica de Wu Han dadas por ele próprio quando da conferência de trabalho do Comité Central realizada em Setembro-Outubro de 1965 (numa reunião do Comité Permanente do Gabinete político a que assistiram os camaradas responsáveis dos Gabinetes regionais do Comité Central).

O plano do relatório feito pelo Grupo dos Cinco é um plano forjado por Peng Cheng de acordo com as suas próprias ideias e sem consulta do camarada Kang Cheng, membro deste grupo, assim como de outros camaradas. Peng Cheng nunca procedeu a discussões nem a trocas de ideias no seio do Grupo dos Cinco sobre este documento que no entanto foca problemas de uma importância capital para o conjunto da Revolução socialista; não pediu a opinião de nenhum Comité local do Partido; não declarou que este plano deveria ser submetido ao exame do Comité Central antes de se tornar um documento oficial; e muito menos obteve a aprovação do camarada Mao Tsé-Tung, presidente do Comité Central. Recorrendo aos meios mais infames, agiu de uma maneira arbitrária, abusou

dos seus poderes e apressou-se a pôr este documento em circulação em todo o Partido usurpando o nome do Comité Central.

Eis os principais erros que este plano comporta:

1. Partindo de uma posição burguesa e de uma concepção burguesa do mundo na apreciação da situação e da natureza da crítica em curso no domínio académico, este plano trata o inimigo como um amigo e o amigo como um inimigo. Iniciada no nosso país, a Grande Revolução Cultural Proletária desenvolve-se impetuosamente. Combate com vigor todas as posições ideológicas e culturais decadentes que ainda alimentam a burguesia e os vestígios da feudalidade. Em vez de encorajar todo o Partido a mobilizar sem reservas as massas de operários, camponeses e soldados, assim como os combatentes do proletariado na frente cultural para que prossigam o seu assalto, este plano procura por todos os meios desviar este movimento para a direita. Por meio de uma linguagem confusa, contraditória e hipócrita, este plano mascara a luta de classes aguda que actualmente se trava na frente cultural e ideológica e em particular o objectivo desta grande luta, estigmatizar Wu Han e os numerosos representantes anti-Partido e anti-socialistas da burguesia (existe também um certo número de representantes da burguesia no seio das organizações do Partido no escalão das províncias, dos municípios e das regiões autónomas). O plano do relatório dissimula o importante carácter político desta luta, omitindo aquilo que o presidente Mao tantas vezes sublinhou: a essência da peça de Wu Han, a *Destituição de Hai Juei*, é o problema da destituição.

2. O plano viola o princípio fundamental do marxismo segundo o qual toda a luta de classes é uma luta política. Assim que a imprensa abordou o problema político da peça de Wu Han a *Destituição de Hai Juei*, os autores do plano afirmaram textualmente: «As discussões nos jornais e nas revistas não devem limitar-se aos problemas políticos; devem tratar amplamente das

diversas questões académicas e teóricas ligadas a este tema». Declararam igualmente em diversas ocasiões que na crítica a Wu Han não era permitido ir ao fundo do problema; por outras palavras, não se podia abordar a questão da destituição dos oportunistas de direita, sobrevinda aquando da reunião de Luchan em 1959, nem das actividades anti-Partido e anti-socialistas do Wu Han e consortes. O camarada Mao Tsé-Tung ensinou-nos muitas vezes que a luta contra a burguesia no plano ideológico é uma luta de classes longa e um problema que não pode de maneira nenhuma ser resolvido por uma conclusão política apressada. Ora Peng Cheng forjou deliberadamente mentiras declarando a inúmeras pessoas que, segundo o Presidente, se poderia extrair em dois meses uma conclusão política da crítica de Wu Han. Peng Cheng disse ainda que os problemas políticos só seriam abordados dois meses mais tarde. O seu objectivo era colocar a luta política que se trava na frente cultural na órbita das discussões ditas puramente académicas que a burguesia sempre pregou. É claro que Peng Cheng se opõe à política proletária e quer ver triunfar a política burguesa.

3. O plano insiste muito particularmente no encorajamento à liberdade de expressão; mas através de uma troca de sentido deliberada e sem vergonha, deforma na sua própria essência a política de encorajamento à expressão das opiniões que o camarada Mao Tsé-Tung formulou em Março de 1957 aquando da Conferência Nacional do Partido sobre o trabalho de propaganda; escamoteou o seu carácter de classe. Tratando desta política, o camarada Mao Tsé-Tung indicou precisamente o seguinte: «Temos de travar um longo combate contra a ideologia burguesa e pequeno-burguesa. Seria um erro não compreender isto e renunciar à luta ideológica. Toda a ideia errada, toda a erva má, todo o espírito malfeitor devem ser submetidos à crítica; é necessário que nunca lhe deixemos o campo aberto». Acrescentou: «*Encorajar a*

expressão, é dar livre curso à voz pública de forma a que toda a gente ouse falar, criticar, discutir». Ora, este plano põe em oposição o encorajamento à expressão das opiniões e a denúncia da posição reaccionária burguesa pelo proletariado. Para os autores, a política de encorajamento é apenas uma liberalização burguesa. Por outras palavras, só permitem que seja a burguesia a exprimir as suas opiniões, impedindo o proletariado de expor as suas e de contra-atacar a burguesia. Protegem portanto os representantes burgueses reaccionários do estilo de Wu Han. A pretensa política de encorajamento formulada neste plano vai contra o pensamento de Mao Tsé-Tung e responde às necessidades da burguesia.

4. Enquanto desencadeámos uma contra-ofensiva que visava os ataques desenfreados da burguesia, os autores do plano lançaram esta palavra de ordem: «Todos são iguais perante a verdade». Isto é uma palavra de ordem burguesa. Utilizaram-na para proteger a burguesia e para se oporem ao proletariado, ao marxismo-leninismo, ao pensamento de Mao Tsé-Tung, negando totalmente o carácter de classe da verdade. Na luta entre o proletariado e a burguesia, na luta entre a verdade marxista e o absurdo da burguesia e de todas as outras classes exploradoras, em que ou o Vento de Leste leva a melhor sobre o vento do Oeste ou acontece o inverso, não é a igualdade que está em causa. Poderemos admiti-la na luta do proletariado contra a burguesia, na ditadura do proletariado sobre a burguesia, na ditadura exercida pelo proletariado no domínio da superestrutura, em todos os sectores da cultura, na luta do proletariado para prosseguir a depuração dos representantes burgueses que conseguiram infiltrar-se no Partido Comunista agitando a bandeira vermelha para a combater? Poderemos admitir a igualdade em qualquer destes problemas fundamentais? Os velhos sociais-democratas com algumas dezenas de anos de existência e os revisionistas modernos que já existem há mais de dez anos

nunca admitiram igualdade entre o proletariado e a burguesia. Negam categoricamente que a história milenar da humanidade seja a história da luta de classes; negam categoricamente a luta do proletariado contra a burguesia, a Revolução do proletariado contra a burguesia e a ditadura do proletariado sobre a burguesia. São portanto fiéis lacaios da burguesia e do imperialismo e, de concerto com estes últimos, agarraram-se obstinadamente ao sistema ideológico em que a burguesia oprime e explora o proletariado; agarraram-se obstinadamente ao regime capitalista; opõem-se à ideologia marxista-leninista e ao regime socialista. São uma corja de contra-revolucionários anti-comunistas e anti-povo; a luta que travam contra nós é uma luta de morte em que não há a mais pequena sombra de igualdade. A luta que travamos contra eles também só poderá ser uma luta de morte; as nossas relações com eles não são de modo algum relações de igualdade, mas relações de opressão de uma classe por outra, quer dizer, relações de ditadura do proletariado sobre a burguesia, e onde não há igualdade nem coexistência pacífica entre classes exploradoras e classes exploradas, nada do que possa ser designado por humanidade, justiça, virtude, etc.

5. Diz-se no plano que «não só é necessário vencer politicamente o adversário mas também esmagá-lo ampla e verdadeiramente, do ponto de vista do nível académico e profissional». Esta ideia que não faz distinção de classe no plano académico é também profundamente errada. Possuindo a verdade no que respeita aos problemas académicos, a verdade do marxismo-leninismo, a verdade do pensamento de Mao Tsé-Tung, o proletariado há muito que ultrapassou a burguesia, que levou a palma à burguesia. Esta fórmula do plano revela que os seus autores louvam e glorificam as pretensas «sumidades académicas» da burguesia e que odeiam e esmagam as forças nascentes e militantes que representam o proletariado nos meios académicos.

6. O presidente Mao disse muitas vezes que não há construção sem destruição. A destruição é a crítica, é a Revolução. Para a destruição é necessário o raciocínio e este significa a construção. A destruição vem em primeiro lugar mas traz em si a construção. É na luta para destruir o sistema ideológico burguês que se formou e desenvolveu constantemente o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-Tung. Mas este plano sublinha que «sem construção não pode haver destruição real e completa». Isto corresponde de facto a interditar a destruição da ideologia burguesa e à implantação da ideologia proletária. É diametralmente oposto ao pensamento do Presidente Mao, oposto à nossa política revolucionária cujo objectivo é a destruição enérgica da ideologia burguesa na frente cultural. É impedir que o proletariado faça a Revolução.

7. É dito no plano que «em nenhuma circunstância devemos usar da arbitrariedade e impormo-nos aos outros como sábios déspotas», e que devemos pôr os trabalhadores dos meios académicos da esquerda de sobreaviso contra o perigo de se comprometerem na via dos especialistas e dos cientistas déspotas burgueses. Que se entende por «cientistas déspotas»? Quem são eles? Não deve o proletariado exercer a sua ditadura e esmagar a burguesia? Os trabalhos académicos do proletariado não devem levar a melhor sobre os da burguesia e eliminá-los? Como podem os trabalhadores proletários dos meios académicos tornar-se «cientistas déspotas» se procurarem que os trabalhos académicos do proletariado vençam os da burguesia e eliminem estes últimos? O plano do relatório aponta a sua lança contra a esquerda proletária; é evidente que o seu objectivo é etiquetar de «cientistas déspotas» os marxistas-leninistas e de conceder assim o seu apoio aos verdadeiros sábios déspotas, os burgueses, para que estes mantenham nos meios académicos o seu monopólio inseguro. Na realidade, estes responsáveis que, embora membros do Partido, enveredaram pela via capitalista e apoiam os sábios déspotas burgueses,

são apenas grandes déspotas do Partido que não lêem livros nem jornais, que não têm contacto com as massas e são desprovidos de qualquer espécie de conhecimento e que, usurpando o nome do Partido, «usam de arbitrariedade e impõem-se aos outros».

8. Conduzidos por intenções inconfessáveis, os autores do plano semearam intencionalmente a confusão, esbateram a linha de demarcação entre as classes, desviaram as atenções do objectivo da luta e exigiram que se levasse a cabo um «movimento de rectificação» contra os «elementos da esquerda». Com a publicação deste plano, visam essencialmente atacar a esquerda proletária. Procuraram recolher elementos sobre a esquerda, arranjam toda a espécie de pretextos para a atacar e tentaram intensificar os seus ataques contra ela por meio de um «movimento de rectificação», na esperança insensata de desagregar as suas fileiras. Resistiram categoricamente à política claramente formulada pela Presidente Mao: proteger e apoiar a esquerda, dar toda a importância necessária à sua formação e desenvolvimento. Além disso, conferiram o título de «firmes elementos da esquerda» aos representantes da burguesia, aos revisionistas e aos renegados que conseguiram penetrar no Partido e protegeram-nos. Por estes métodos tentaram aumentar o orgulho da direita e abater a coragem da esquerda proletária. Têm um ódio profundo ao proletariado e são muito afeiçoados à burguesia. É esta a concepção burguesa da fraternidade que os autores do plano professam.

9. Na altura em que o proletariado acaba de desencadear na frente ideológica uma nova e renhida luta contra os representantes da burguesia — e convém acrescentar que em numerosos domínios e em muitos sectores a luta não foi ainda iniciada, ou se o foi, a imensa maioria dos Comitês do Partido compreendem muito mal o seu papel dirigente nesta grande luta e a direcção destes Comitês está longe de ser conscienciosa e eficaz — o plano sublinha repetidas vezes que

a luta deve ser «dirigida», que deve desenrolar-se com «tacto» e «prudência» e com a «aprovação dos organismos dirigentes»; tudo isto visa impôr à esquerda proletária uma série de restrições e de convenções rotineiras, atá-la de pés e mãos e pôr toda a espécie de obstáculos à Revolução Cultural Proletária. Em poucas palavras, travam-na com vista a desencadear um retrocesso ofensivo. Os autores deste plano votam um ódio feroz aos artigos que a esquerda proletária já publicou para contra-atacar as «sumidades burguesas reaccionárias»; quanto aos artigos ainda não publicados, os autores do plano impedem a sua publicação. Em contrapartida, deixam campo aberto a todos os génios malfeitores que desde há muitos anos se manifestam abundantemente nos nossos jornais, emissões, publicações, livros, manuais, conferências, obras literárias, cinema, teatro, *quyi*, belas artes, música, dança, etc. Nunca preconizaram a necessidade de se submeterem à direcção do proletariado; nunca pediram uma aprovação. Este contraste permite discernir o tipo de posição em que os autores do plano se colocaram.

10. A luta que actualmente se trava encerra o seguinte problema: ou aplicar a linha definida pelo camarada Mao Tsé-Tung para a Revolução Cultural ou resistir a essa linha. Diz o plano: «Através desta luta, devemos traçar à luz do pensamento de Mao Tsé-Tung a via para a solução deste problema (isto é, «a eliminação completa das ideias burguesas no domínio académico»).» Com as suas obras *Da democracia nova*, *Intervenção nas palestras sobre a literatura e a arte em Yenan*, *Carta dirigida ao teatro da Ópera de Pequim de Yenan após uma representação de «Rebeldes, apesar de tudo»*, *Da justa solução das contradições no seio do povo*, e *Intervenção na Conferência Nacional do Partido Comunista sobre o trabalho de propaganda*, o camarada Mao Tsé-Tung já há muito tempo traçou ao proletariado a via a seguir no domínio cultural e ideológico. Todavia, o plano do relatório

afirma que o pensamento de Mao Tsé-Tung não teria feito nada nesse domínio e que já é tempo de se fazer alguma coisa. Adoptando como estandarte a expressão: «À luz do pensamento de Mao Tsé-Tung», o plano abre uma via que vai contra o pensamento de Mao Tsé-Tung, isto é, defende a via do revisionismo moderno, e da restauração da burguesia. É o reflexo da ideologia burguesa no seio do Partido; é uma atitude revisionista por excelência. Longe de ser secundária, a luta contra esta luta revisionista é de uma importância capital; desta luta depende o destino do nosso Partido e o do nosso país, o seu futuro e a sua fisionomia futura, assim como o desenrolar da Revolução mundial.

Os Comitês do Partido a todos os escalões devem imediatamente cessar a aplicação do «plano do relatório sobre o debate académico actual estabelecido pelo Grupo dos Cinco Encarregado da Revolução Cultural». Todo o Partido deve seguir as instruções do camarada Mao Tsé-Tung, levantar bem alta a grande bandeira da Revolução Cultural Proletária, denunciar a fundo a posição reaccionária burguesa deste grupo de «sumidades académicas» anti-Partido e anti-socialistas, criticar totalmente as ideias reaccionárias burguesas nos meios académicos, pedagógicos, jornalísticos, literários, artísticos e editoriais, assim como assegurar a direcção em todos estes domínios da cultura. E, para isto, é também necessário criticar os representantes da burguesia infiltrados no Partido, no Governo, no Exército e nos meios culturais. Estas pessoas devem ser afastadas e algumas devem ser afectadas a outras funções. Não devemos confiar nelas ao ponto de as colocar em lugares de direcção na Revolução Cultural. Muitas delas ocuparam ou ocupam ainda estes lugares de direcção, o que constitui um perigo enorme.

Os representantes da burguesia que se infiltraram no Partido, no Governo, no Exército e nos diversos meios culturais constituem um punhado de revisionistas contra-revolucionários. Se tivessem possibilidades disso

tomariam o poder e transformariam a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia. Alguns destes indivíduos já foram descobertos e desmascarados, outros ainda não; outros ainda, por exemplo, certos indivíduos do género de Khruchtchev, beneficiam actualmente da nossa confiança, são formados para serem nossos sucessores e encontram-se actualmente entre nós. Os Comités do Partido a todos os escalões devem dar uma atenção particular a este aspecto.

A presente circular e, com ela, o documento incorrecto publicado pelo Comité Central a 12 de Fevereiro de 1966 serão distribuídos aos Comités de distrito, aos Comités do Partido nas instituições culturais e aos Comités do Partido ao escalão de regimento no exército. Estes organismos são convidados a desenvolver discussões para avaliarem qual dos dois documentos é errado e qual é justo, para darem a conhecer o que deles pensam, o que neles lhes parece certo ou errado.

### DOCUMENTO III

O texto seguinte é indispensável à compreensão da Revolução Cultural pois é a sua verdadeira «carta». Parece ter sido redigida sob a direcção pessoal de Mao Tsé-Tung, o que equivale a dizer que praticamente é ele o seu autor. O texto esclarece vivamente o desenrolar da Revolução Cultural. Com uma faculdade de previsão notável, Mao Tsé-Tung já indica nele a atitude a tomar no caso de se produzirem desordens e recomenda que se «faça a Revolução estimulando a produção».

*Decisão do Comité Central do Partido Comunista Chinês sobre a grande Revolução Cultural Proletária.*

*(Adoptada a 8 de Agosto de 1966)*

#### 1. UMA NOVA ETAPA DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

A Grande Revolução Cultural Proletária em curso é uma grande Revolução que toca o homem naquilo que ele tem de mais profundo. Representa uma nova etapa, marcada por uma maior profundidade e por uma maior amplitude do desenvolvimento da Revolução socialista no nosso país.

Na 10.<sup>a</sup> Sessão Plenária do Comité Central após o VIII Congresso do Partido Comunista Chinês, o camarada Mao Tsé-Tung disse: «para derrubar um regime, deve-se necessariamente e em primeiro lugar preparar a opinião e trabalhar no domínio da ideologia. Isto é tão verdadeiro para as classes revolucionárias como o é para as classes contra-revolucionárias». A prática provou que esta tese do camarada Mao Tsé-Tung é inteiramente justa.

Embora desapossada do poder, a burguesia tenta corromper as massas e cativá-las por meio do pensamento, da cultura, dos hábitos e dos velhos costumes das classes exploradoras com vista à sua restauração. O proletariado deve fazer o contrário: opor uma réplica frontal a cada desafio lançado pela burguesia no domínio ideológico e transformar a fisionomia moral de toda a sociedade com o pensamento, a cultura, os hábitos e costumes novos que são próprios do proletariado. Actualmente temos como objectivo combater e esmagar os que ocupam lugar de direcção mas se comprometeram na via capitalista, criticar as «autoridades» académicas reaccionárias da burguesia, criticar a ideologia da burguesia e de todas as outras classes exploradoras e reformar o sistema de ensino, a literatura, a arte e todos os outros ramos da superestrutura que não correspondam à base económica socialista, a fim de contribuirmos para a consolidação e para o desenvolvimento do sistema socialista.

## 2. A CORRENTE PRINCIPAL E AS VICISSITUDES

As largas massas dos operários, camponeses e soldados, dos intelectuais revolucionários e dos quadros revolucionários constituem a força principal desta Grande Revolução Cultural. Um grande número de jovens revolucionários, ontem desconhecidos, tornaram-se nela pioneiros corajosos. Deram provas de vigor e de saber. Sob a forma de jornais murais em grandes caracteres e de debates alargados por uma ampla

e livre expressão de opiniões, por uma denúncia completa e uma crítica profunda, lançaram uma ofensiva resoluta contra os representantes da burguesia que actuam abertamente ou de uma maneira dissimulada. Num movimento revolucionário de tão grande envergadura é inevitável que manifestem algumas insuficiências, mas a sua orientação revolucionária geral foi sempre justa. Constituem a corrente principal da Grande Revolução Cultural Proletária. É segundo esta orientação geral que prossegue a Grande Revolução Cultural Proletária.

Sendo uma Revolução, a Revolução Cultural encontra inelutavelmente uma resistência. Esta resistência provém principalmente daqueles que, depois de se terem infiltrado no Partido, acedem a lugares de direcção mas seguem a via capitalista. Provém também da força de antigos hábitos da sociedade. Actualmente, esta resistência é ainda forte. Mas a Grande Revolução Cultural Proletária é, antes de mais, uma tendência geral irresistível. Um grande número de factos mostraram já que esta resistência pode ser rapidamente varrida desde que as massas estejam plenamente mobilizadas.

Visto que a resistência é bastante forte, a luta conhecerá fluxos e refluxos e até mesmo refluxos repetidos. Estes fluxos e refluxos não comportam no entanto nada de negativo. Permitirão ao proletariado e às outras classes laboriosas, nomeadamente à geração jovem, tirar deles lições e experiências que as ajudarão a compreender que a via revolucionária é tortuosa e não sem obstáculos.

## 2. DAR PRIMAZIA A AUDACIA E MOBILIZAR AS MASSAS SEM RESERVAS

O futuro da actual Grande Revolução Cultural dependerá da audácia da direcção do Partido em mobilizar ou não as massas sem reservas.

Existem neste momento quatro tipos diferentes de atitudes das organizações do Partido nos diversos escalões quanto à sua maneira de conduzirem o movimento da Revolução Cultural.

1. Os dirigentes da organização do Partido estão na vanguarda do movimento e ousam mobilizar as massas sem reserva. Dando primazia à audácia, são militantes comunistas intrépidos e bons discípulos do Presidente Mao. Preconizam os jornais murais de grandes caracteres e os grandes debates, encorajam as massas a denunciar os génios malfeitores de toda a espécie e a criticar as insuficiências e os erros no seu próprio trabalho. Esta direcção justa provém do facto de darem a primazia à política proletária e de porem em primeiro plano o pensamento de Mao Tsé-Tung.

2. Em numerosos organismos, os responsáveis compreendem ainda muito mal o seu papel de dirigentes nesta grande luta e a sua direcção está longe de ser séria e eficaz. É por isso que a sua posição é fraca e que dão provas de incapacidade. Neles, prevalece o medo; estão agarrados aos velhos regulamentos, não querem romper com os processos rotineiros nem andar para a frente. Apanhados desprevenidos pela nova ordem revolucionária das massas, vêm a sua direcção ultrapassada pela situação e pelas massas.

3. Em certos organismos, os responsáveis cometeram alguns erros no seu trabalho quotidiano. O medo domina-os ainda mais do que aos precedentes. Temem que as massas se levantem e lhes apontem os erros. Na realidade, se fizerem uma autocritica séria e aceitarem a crítica das massas, poderão beneficiar da compreensão do Partido e das massas. Mas se não agirem assim, continuarão a cometer erros e transformar-se-ão em obstáculos ao movimento das massas.

4. Noutros organismos, a direcção é controlada por elementos que se infiltraram no Partido e ocupam lugares de direcção mas estão empenhados na via capitalista. Estes elementos no poder têm de ser denun-

ciados pelas massas; procuram por conseguinte todos os pretextos para reprimirem o movimento de massas. Recorrem a manobras como as que consistem em desviar os objectivos ou a fazerem passar por branco o que é preto, na esperança de conduzirem o movimento para uma via que não lhes traga preocupações. E quando já estão de tal forma isolados que não podem continuar a agir da mesma maneira, recorrem a outras intrigas atacando as pessoas à traição, espalhando boatos e baralhando tanto quanto podem a distinção entre Revolução e contra-revolução, a fim de atacarem os revolucionários.

O Comité Central pede aos Comités do Partido em todos os escalões que continuem a preservar na direcção justa, que dêm a primazia à audácia, que mobilizem as massas sem reservas, que saiam deste estado de fraqueza e de impotência, que encorajem os camaradas que cometeram erros mas que querem corrigi-los a deitarem para trás das costas o fardo desses erros e a juntarem-se à luta, que demitam das suas funções os que ocupam lugares de direcção e estão na via capitalista e que lhes tirem a direcção para a dar aos revolucionários proletários.

#### 4. QUE AS MASSAS SE EDUQUEM NO MOVIMENTO

Na Grande Revolução Cultural Proletária, as massas só podem libertar-se por si próprias e de modo algum se pode agir no lugar delas.

É preciso ter confiança nas massas, procurar o seu apoio e respeitar o seu espírito de iniciativa. É preciso dominar o medo e não temer os tumultos. O Presidente Mao sempre nos ensinou que uma Revolução não pode fazer-se com elegância e delicadeza, com doçura e amabilidade, com cortesia e boas maneiras. Que as massas se eduquem neste grande movimento revolucionário e operem a distinção entre o que é justo e o que não é, entre a maneira de agir correcta e incorrecta!

É preciso utilizar plenamente o método dos jornais murais de grandes caracteres e dos grandes debates para permitir amplas e francas exposições de opiniões a fim de que as massas possam exprimir as suas opiniões justas, criticar as opiniões erradas e denunciar todos os espíritos mal formados. Desta maneira, as grandes massas poderão elevar na luta a sua consciência política, aumentar as suas capacidades e talentos, distinguir o que é justo do que o não é e desmascarar os inimigos que se escondem entre elas.

##### 5. APLICAR RESOLUTAMENTE A LINHA DE CLASSE DO PARTIDO

Quem são os nossos inimigos, quem são os nossos amigos? Eis uma pergunta de uma importância primordial para a Revolução, eis uma pergunta de uma importância primordial para a Grande Revolução Cultural.

A direcção do Partido deve fazer tudo para descobrir a Esquerda, desenvolver e fortificar as suas fileiras e apoiar-se resolutamente sobre a Esquerda revolucionária. Só assim poderemos, ao longo do movimento, isolar completamente os elementos de direita mais reaccionários, ganhar os elementos do centro, unir a grande maioria e realizar finalmente, através deste movimento, a unidade de mais de 95% dos quadros e mais de 95% de massas.

É preciso concentrar as forças para aniquilarmos o punhado de direitistas burgueses e de revisionistas contra-revolucionários e ultra-reaccionários. Os seus crimes de oposição ao Partido, ao socialismo e ao pensamento de Mao Tsé-Tung devem ser denunciados e criticados a fundo, a fim de que essas pessoas sejam isoladas ao máximo.

O movimento em curso visa principalmente os que, no Partido, detêm lugares de direcção e se comprometeram na via do capitalismo.

É preciso velar para que se faça uma distinção estrita entre os elementos de direita anti-Partido e anti-socialistas e os que, embora apoiando o Partido e o socialismo, defenderam posições erradas, escreveram maus artigos ou obras cujo conteúdo deixa a desejar.

É necessário velar para que se faça uma distinção estrita entre os sábios déspotas reaccionários e as «autoridades» reaccionárias da burguesia por um lado, e os que têm ideias académicas burguesas vulgares por outro.

#### 6. RESOLVER CORRECTAMENTE AS CONTRADIÇÕES NO SEIO DO POVO

É necessário fazer uma distinção estrita entre duas espécies de contradições de natureza diferente: as contradições no seio do povo não devem ser tratadas da mesma maneira que as que nos opõem aos nossos inimigos, assim como as contradições entre os nossos inimigos e nós não devem ser consideradas como contradições no seio do povo.

É normal que haja opiniões diferentes entre as massas populares. A confrontação de diferentes opiniões é inevitável, necessária, benéfica. Durante um debate normal, travado a fundo, as massas populares saberão afirmar o que é justo corrigir o que é errado e, gradualmente, atingirão a unanimidade.

O método de raciocínio com base na análise dos factos e o da persuasão pelo raciocínio devem ser aplicados durante o debate. Não é permitido usar quaisquer pressões para submeter uma minoria que tenha perspectivas diferentes. A minoria deve ser protegida, porque por vezes a verdade está do seu lado. Mesmo que tenha perspectivas erradas, deve ser-lhe sempre permitido defender-se e manter as suas opiniões.

Num debate, deve-se recorrer ao raciocínio e não à pressão ou à coacção.

Durante o debate, cada revolucionário deve saber reflectir independentemente e desenvolver o espírito

comunista que consiste em ousar pensar, ousar falar e ousar agir. No quadro de uma mesma orientação geral, os camaradas revolucionários devem, com vista a fortificar a unidade, evitar as discussões sem fim sobre questões secundárias.

#### 7. CUIDADO COM AS PESSOAS QUE PROCURAM CONFUNDIR REVOLUCIONARIOS COM OS CONTRA-REVOLUCIONARIOS

Certos responsáveis de alguns estabelecimentos de ensino, organismos ou grupos de trabalho organizaram contra-ataques visando as massas que os criticaram por meio de jornais murais de grandes caracteres. Lançaram até palavras de ordem segundo as quais opor-se aos responsáveis de um organismo ou de um grupo de trabalho é opor-se ao Comité Central do Partido, é opor-se ao Partido e ao socialismo, é fazer a contra-revolução. Agindo desta maneira, denegrirão inevitavelmente os elementos activos que são revolucionários autênticos. Isto é um erro de orientação, um erro de linha, e é absolutamente inadmissível.

Alguns elementos com ideias gravemente erradas e, em particular, indivíduos de direita anti-Partido e anti-socialistas, aproveitaram-se de algumas insuficiências e erros surgidos no movimento de massas para espalhar boatos e calúnias e provocar tumultos; manietam deliberadamente uma parte das massas sob a etiqueta de «contra-revolucionários». É necessário ter cuidado com estes indivíduos e desvendar a tempo os seus truques.

Não deve ser tomada nenhuma medida contra os alunos das universidades, institutos, escolas secundárias e primárias sobre problemas que surjam entre eles durante o movimento, exceptuando os reaccionários activos contra quem haja provas evidentes e sejam culpados de assassinato, incêndio, envenenamento, sabotagem, roubo de segredos do Estado, etc., e cujos casos devem ser resolvidos segundo a lei. Para evitar

que a luta seja desviada do seu objectivo principal, não é permitido incitar, seja a que pretexto for, uma parte das massas a lutar contra outra, um grupo de estudantes contra outro grupo de estudantes; mesmo que se trate de verdadeiros elementos de direita, os seus problemas devem ser resolvidos na última etapa do movimento.

## 8. SOBRE OS QUADROS

Os quadros dividem-se de uma maneira geral nas quatro categorias seguintes:

1. Bons;
2. Relativamente bons;
3. Os que cometeram erros graves mas não são direitistas anti-Partido e anti-socialistas;
4. Um pequeno número de direitistas anti-Partido e anti-socialistas.

De uma maneira geral, as duas primeiras categorias (as dos quadros bons e relativamente bons) constituem a grande maioria.

Os direitistas anti-Partido e anti-socialistas devem ser completamente denunciados e destituídos, devem-lhes ser retiradas todas as possibilidades de nos prejudicarem, devem ser desacreditados e a sua influência liquidada. *Simultaneamente deve dar-se-lhes uma saída de forma a que possam voltar ao bom caminho.*

## 9. SOBRE OS GRUPOS, OS COMITÉS E OS CONGRESSOS DA REVOLUÇÃO CULTURAL

Começaram a surgir no movimento da Grande Revolução Cultural Proletária inúmeros dados novos. Os Grupos e os Comités da Revolução Cultural, assim como noutras formas de organização criadas pelas massas em numerosas escolas e organismos são algo de novo e de uma grande importância histórica.

Os Grupos, Comités e Congressos da Revolução Cultural são as melhores novas formas de organização

em que as massas se educam a si próprias sob a direcção do Partido Comunista. Constituem uma excelente ponte que permite ao nosso Partido manter contactos estreitos com as massas. São órgãos do poder da Revolução Cultural Proletária.

A luta travada pelo proletariado contra o pensamento, a cultura, os hábitos e os costumes antigos legados por todas as classes exploradoras durante milénios cobrirá necessariamente um período extremamente longo. Por conseguinte, os Grupos, Comitês e Congressos da Revolução Cultural não devem ser organizações temporárias, mas organizações de massa permanentes que deverão funcionar durante muito tempo. Esta fórmula convém não só aos estabelecimentos de ensino e aos organismos de Estado, mas também, no essencial, às fábricas, minas e empresas, aos bairros das cidades e às aldeias.

É necessário aplicar um sistema de eleição geral semelhante ao da Comuna de Paris para eleger os membros dos Grupos e dos Comitês da Revolução Cultural. As listas dos candidatos devem ser propostas pelas massas revolucionárias depois de amplas consultas e as eleições só terão lugar depois de repetidas discussões destas listas pelas massas.

As massas têm o direito de criticar em qualquer altura os membros dos Grupos e Comitês da Revolução Cultural e os representantes eleitos aos Congressos da Revolução Cultural. Se se mostrarem incompetentes, os ditos membros e representantes podem ser substituídos por eleição ou revogados pelas massas depois de discussão.

Os Grupos, Comitês e Congressos da Revolução Cultural nos estabelecimentos de ensino devem ser essencialmente constituídos por representantes dos estudantes revolucionários. Devem também compreender um certo número de membros do corpo docente e do pessoal administrativo revolucionários.

## 10. RESTRUTURAÇÃO DO ENSINO

Reformar o antigo sistema de educação assim como os antigos princípios e métodos de ensino é uma tarefa de extrema importância na Grande Revolução Cultural Proletária em curso.

O fenómeno dos intelectuais burgueses dominando os nossos estabelecimentos de ensino deve acabar no decurso desta Grande Revolução Cultural.

É necessário aplicar a fundo em todos os estabelecimentos de ensino a política formulada pelo camarada Mao Tsé-Tung segundo a qual a educação deve estar ao serviço da política do proletariado e combinar-se com o trabalho produtivo a fim de que todos os que a recebem possam desenvolver-se moral, intelectual e fisicamente de modo a transformarem-se em trabalhadores cultos dotados de uma consciência socialista.

A escolaridade deve ser reduzida. O programa de estudos deve ser reduzido e melhorado. As matérias devem ser radicalmente reformadas, algumas delas devem principalmente ser simplificadas. Embora consagrando-se principalmente aos estudos, os estudantes devem não só instruir-se no plano intelectual mas também no da produção industrial e agrícola e na arte militar; e devem participar nas lutas da Revolução Cultural contra a burguesia.

## 11. A PROPÓSITO DA CRÍTICA A FAZER NOMEADAMENTE NA IMPRENSA

Na condução do movimento de massas da Revolução Cultural devemos combinar correctamente a propagação da concepção proletária do mundo, a do marxismo-leninismo, do pensamento de Mao Tsé-Tung, com a crítica da ideologia burguesa e feudal.

É necessário organizar a crítica dos representantes típicos da burguesia que se infiltraram no Partido e «das autoridades» académicas reaccionárias da burguesia; esta crítica ataca toda a espécie de pontos

de vista reaccionários nos domínios da filosofia, da história, da economia política, da pedagogia, nas obras literárias e artísticas, na teoria literária e artística e nas ciências da natureza.

Toda a crítica a fazer nomeadamente na imprensa deve ser submetida às discussões do Comité do Partido nesse escalão e, em certos casos, à aprovação do Comité do Partido do escalão superior.

12. POLITICA A SEGUIR RELATIVAMENTE AOS HOMENS DE CIÊNCIA, AOS TÉCNICOS E AO PESSOAL ORDINARIO

Ao longo do actual movimento é necessário continuar a aplicar a política de «unidade-crítica-unidade» relativamente aos homens de ciência, aos técnicos e ao pessoal ordinário, desde que sejam patriotas, trabalhem activamente, não se oponham ao Partido e ao socialismo e não estejam de conivência com o estrangeiro. Deve ser dada uma atenção particular aos homens de ciência e aos membros do pessoal científico e técnico que se distinguiram no seu trabalho. Quanto à sua concepção do mundo e estilo de trabalho, podemos ajudá-los a reformarem-se gradualmente.

13. DISPOSIÇÕES A TOMAR PARA A COMBINAÇÃO COM O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO SOCIALISTA NAS CIDADES E NOS CAMPOS

O esforço principal do movimento da Revolução Cultural Proletária em curso incide sobre as instituições culturais e de educação e sobre os órgãos dirigentes do Partido e do Governo nas cidades grandes e médias.

A Grande Revolução Cultural enriqueceu o movimento de educação socialista nas cidades e no campo levando-o a um nível mais elevado. É necessário conduzir estes dois movimentos em estreita combinação um com o outro. As diferentes regiões e os diferentes

departamentos devem, tendo em conta as suas condições específicas, tomar disposições para este efeito.

No campo, e nas empresas das cidades em que se desenvolve o Movimento de Educação Socialista, não é necessário alterar-se as disposições iniciais e pode-se prosseguir o movimento segundo estas disposições no caso de serem adequadas e aplicadas de uma maneira satisfatória. Contudo, as questões levantadas pela Grande Revolução Cultural Proletária em curso devem ser submetidas, no momento oportuno, às discussões das massas com vista a fazer brilhar intensamente e cada vez mais a ideologia proletária e a liquidar completamente a ideologia burguesa.

Em certos sectores, torna-se a Grande Revolução Cultural Proletária como mola para impulsionar o Movimento de Educação Socialista a fim de proceder à purificação nos planos político, ideológico, organizativo e económico. Isto pode fazer-se se o Comité do Partido destes locais julgar conveniente esta maneira de agir.

#### 14. FAZER A REVOLUÇÃO E ESTIMULAR A PRODUÇÃO

A Grande Revolução Cultural Proletária tem por finalidade a revolucionarização do pensamento do homem a fim de que se possam obter resultados melhores quanto à quantidade, à rapidez, à qualidade e à economia em todos os domínios do trabalho. Desde o momento em que as massas estejam plenamente mobilizadas e sejam tomadas as disposições adequadas, está assegurada a boa marcha da Revolução Cultural e da produção e garantida a boa qualidade do trabalho em todos os domínios.

A Grande Revolução Cultural Proletária constitui uma poderosa força motriz no desenvolvimento das forças produtivas da nossa sociedade. É errado opor a Grande Revolução Cultural ao desenvolvimento da produção.

## 15. AS FORÇAS ARMADAS

Nas forças armadas, a Revolução Cultural e o Movimento de Educação Socialista devem ser conduzidos segundo as instruções da Comissão militar do Comité Central do Partido e do Departamento político geral do Exército Popular de Libertação.

## 16. O PENSAMENTO DE MAO TSÉ-TUNG É O NOSSO GUIA DE ACÇÃO NA GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA

Na Grande Revolução Cultural Proletária deve-se levantar bem alta a grande bandeira vermelha do pensamento de Mao Tsé-Tung e colocar a política proletária no posto de comando. O movimento de estudo e de aplicação viva das obras do Presidente Mao Tsé-Tung deve ser desenvolvido entre as grandes massas dos operários, dos camponeses e dos soldados, dos quadros e dos intelectuais; o pensamento de Mao Tsé-Tung deve ser considerado como o nosso guia de acção na Revolução Cultural.

Nesta Grande Revolução Cultural tão complexa, torna-se ainda mais necessário que os Comités do Partido nos diferentes escalões estudem e apliquem conscienciosamente e de uma maneira viva as obras do Presidente Mao. Devem sobretudo estudar com a maior profundidade possível os escritos do Presidente Mao sobre a Revolução Cultural e os métodos de direcção do Partido como a *Democracia nova*, *Intervenções à Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre o trabalho de propaganda*, *Algumas questões sobre os métodos de direcção e Métodos de trabalho dos Comités do Partido*.

Os Comités do Partido nos diferentes escalões devem seguir as instruções dadas há já muitos anos pelo Presidente Mao, aplicar a linha de massas dita «Partir das massas para voltar às massas» e fazerem-se primeiramente alunos das massas antes de se tor-

narem seus mestres. É necessário fazer um esforço para evitar as perspectivas unilaterais e limitadas. É necessário encorajar a dialéctica materialista e opor-se à metafísica e à escolástica.

Sob a direcção do Comité Central do Partido à cabeça da qual está o camarada Mao Tsé-Tung, a Grande Revolução Cultural Proletária alcançará certamente uma vitória grandiosa.

## DOCUMENTO IV

### *Mao Tsé-Tung analisa a Revolução Cultural*

O seguinte texto reúne as opiniões emitidas por Mao Tsé-Tung provavelmente em Julho de 1967. Foi publicado sob a forma de cartazes nas ruas de Pequim e difundido em todo o país por grupos revolucionários, policopiado ou em pequenas brochuras, dois meses depois. Como não se trata de um artigo de Mao Tsé-Tung mas de um apanhado de opiniões suas, provavelmente imitadas em resposta a perguntas feitas, e como actualmente não é possível confrontar esta tradução com o original chinês, não se pode considerar este documento como a expressão rigorosa e organizada das perspectivas de Mao embora a autenticidade do texto não seja duvidosa. Já o publicaram diversas revistas de língua inglesa. Os cartazes manuscritos afixados em Pequim indicavam que Mao Tsé-Tung se dirigia a uma delegação estrangeira.

#### 1. AS ETAPAS DA REVOLUÇÃO CULTURAL

Durante o primeiro ano da Revolução Cultural fizeram-se os seus preparativos; o segundo ano é o

da vitória, do estabelecimento de órgãos provisórios do poder e da transformação revolucionária dos espíritos; o terceiro ano foi o da aplicação da nova ordem. Actualmente, as tarefas mais importantes são as da crítica de massa e da realização das Grandes Alianças e da Tripla União.

A publicação do artigo de Yao Wen-Yuan foi o sinal de partida. Peng Cheng e outros opuseram-se à publicação deste artigo; até foi rejeitada a minha sugestão de o editar em brochura. Fui portanto obrigado a redigir a circular de 16 de Maio na qual o problema das duas linhas e das duas vias era claramente exposto. Nessa altura, muitas pessoas achavam que as minhas perspectivas estavam ultrapassadas e, por vezes, fui eu o único a defendê-las. Foi nesse mesmo espírito que assisti à 11.ª Sessão Plenária onde fui apoiado apenas por uma pequena maioria, pois muitos camaradas não estavam de acordo: por exemplo Li Ching-tsun e Liu Lan-tao.<sup>1</sup> A primeira fase da Revolução Cultural estende-se da publicação do artigo de Yao Wen-Yuan à 11.ª Sessão Plenária.

Depois da reunião de trabalho do C. C. acentuou-se a necessidade da crítica da linha reaccionária burguesa. Esta crítica provocou o entusiasmo de muitos revolucionários. Os intelectuais revolucionários e os jovens estudantes foram os primeiros a tomar consciência, o que corresponde às leis de desenvolvimento da Revolução. Em Janeiro deste ano os operários de Xangai mobilizaram-se, assim como os operários de todo o país e os camponeses; foi então que a tempestade de Janeiro varreu o país. O progresso do movimento mostrou que os operários e os camponeses são sempre a força principal — os soldados são apenas operários e camponeses fardados, e quando falo de soldados refiro-me fundamentalmente a operários e a camponeses. Só quando as grandes massas operárias e camponesas

---

<sup>1</sup> Responsáveis respectivamente do Setchuan e do Chensi.

se levantam pode ser radicalmente varrida toda a camarilha burguesa, enquanto os intelectuais revolucionários e os jovens estudantes retomam por sua vez um lugar secundário.

Não foi assim? Quando os operários se levantaram, quebraram o economismo reaccionário, arrancaram o poder aos responsáveis empenhados na via capitalista e estimularam as grandes alianças revolucionárias e a Tripla União. Isto é uma lei do desenvolvimento do movimento revolucionário: assim aconteceu na Revolução democrática e assim acontece na Revolução Cultural. Na época do movimento do 4 de Maio,<sup>2</sup> que era um movimento de revolução democrática, os intelectuais foram os primeiros a tomarem consciência e a levantarem-se; mas os operários e camponeses tornaram-se imediatamente depois a força principal dos movimentos revolucionários da Expedição do Norte<sup>3</sup> e da Longa Marcha.

O período que vai da 11.ª Sessão Plenária à Revolução de Janeiro pode ser considerado como a segunda etapa. A partir de Janeiro, as transferências de poder, as Grandes Alianças e a Tripla União podem ser consideradas como a terceira fase. Embora as grandes massas operárias e camponesas tenham dado um impulso às Grandes Alianças e à Tripla União, e embora o Comité Central sempre tenha esperado que as Grandes Alianças se fizessem rapidamente, verificou-se que assim não aconteceu porque o proletariado deve transformar o mundo segundo a concepção que tem dele enquanto que a burguesia se esforça por o transformar

---

<sup>2</sup> Manifestação histórica de estudantes realizada em Pequim a 4 de Maio de 1919, que foi seguida de greves em todo o país, e desencadeou um movimento revolucionário que teve um fim trágico em 1927.

<sup>3</sup> Em 1926 e no princípio de 1927, os exércitos do Kuomintang, então aliados com os comunistas, iniciaram a libertação do país dos «senhores de guerra».

segundo a sua. A ideologia burguesa e pequeno-burguesa que estava em pleno desenvolvimento entre os intelectuais e os jovens estudantes arruinou esta situação. Todas as classes se procuram ainda exprimir obstinadamente. Como as leis da luta de classes não podem ser modificadas segundo os desejos subjectivos dos homens, não pudemos formar Grandes Alianças e as que se realizaram depressa foram quebradas e já não existem. É por isso que actualmente tivemos de refrear um pouco o movimento.

Depois da publicação do artigo de Tsi Pen-yu: *Patriotismo ou derrotismo e A essência do aperfeiçoamento individual é a traição da ditadura do proletariado*, o movimento abordou a sua quarta fase. Foi um momento crítico da luta entre duas linhas e duas classes. Aliás, aqui tenho algo a dizer sobre os que foram enganados. A maioria são operários, camponeses e quadros do Partido e da Liga das Juventudes Comunistas. Devemos ter confiança em 95% das massas e dos quadros; portanto devemos manter a nossa confiança nos que foram provisoriamente logrados. Todos devem pensar seriamente neste problema.

Os operários, os camponeses e os soldados não têm contactos directos com os contra-revolucionários revisionistas. Além do mais, estas pessoas agitam a bandeira vermelha. Retomam a seu modo as directivas do Comité Central. Os operários, os camponeses e os soldados, assim como os quadros que são a armadura do Partido e da Liga, têm sentimentos proletários profundos. Foi portanto fácil lográ-los; mas logo que transformarem a sua ideologia, tudo irá bem.

Actualmente, foi levantada a tampa da luta de classes. As massas operárias e camponesas armaram-se realmente do marxismo-leninismo; isto equivale a uma força material poderosa. Os intelectuais sempre foram mais rápidos a entrar na acção do que os operários e camponeses, mas são também mais instáveis e manifestam uma grande tendência para o oportunismo. Se os intelectuais revolucionários quiserem real-

mente levar a Revolução até ao fim, devem transformar-se continuamente pela prática do trabalho manual. Isto deve-se ao facto de terem recebido, incluindo os jovens estudantes, uma educação fundamentalmente burguesa durante vários anos. Estão impregnados dela, e as coisas só se transformarão no seu contrário se todos eles fizerem grandes esforços para modificar a sua concepção do mundo. Penso que a grande maioria dos intelectuais no interior ou no exterior do Partido continuam a ser essencialmente burgueses. Neste momento crucial da luta de classes devemos lutar com todas as forças pela reforma da nossa concepção do mundo.

2. AS GRANDES DISPOSIÇÕES ESTRATÉGICAS DO MOMENTO: AS GRANDES ALIANÇAS E A TRIPLA UNIAO DEVEM OBTER-SE ATRAVES DA CRITICA REVOLUCIONARIA DE MASSAS

A Revolução Cultural em curso não acabará tão depressa. Desenvolver-se-á ainda mais profunda e amplamente. O punhado de altos responsáveis do Partido empenhados na via capitalista devem ser criticados e para isso temos de concentrar as forças. Devemos propagar os trabalhos da 11.<sup>a</sup> Sessão Plenária, as nossas vitórias e a nossa linha. Se quisermos derrubar o pequeno núcleo de pessoas em questão, devemos fazê-lo não só no plano orgânico mas também nos planos político, ideológico e teórico. Este problema é vital para o nosso país e para o mundo. Se o revisionismo não for vencido procederá a uma restauração. Esta tarefa é uma grande tarefa histórica, e está muito longe de ser terminada. Nesta grande luta devemos visar os altos funcionários empenhados na via capitalista, os revisionistas. Alguns estão infiltrados no Partido e ocupam lugares dirigentes. São eles que apoiam os génios malfeitores.<sup>4</sup> São todos hipócritas

---

<sup>4</sup> Os intelectuais burgueses.

ambiciosos, representantes das classes exploradoras. Fingem que concordam mas na verdade desobedecem. Têm duas caras e são cínicos; na frente falam como homens, por trás, como demónios. Arvoram por vezes palavras de ordem marxistas-leninistas, mas com eles há sempre um «mas». Os que agitam a bandeira vermelha são ainda mais perigosos. Devemos ter muito cuidado e estar de sobreaviso.

Penso que actualmente se vêem os primeiros sinais de um abandono da luta contra o inimigo, os altos responsáveis empenhados na via capitalista. Levantei o problema na última reunião que aqui tivemos e disse que era necessário estabelecer um programa que visasse o mais importante desses responsáveis. Neste momento, esta contradição dilui-se; a crítica a que me refiro é muito difícil enquanto todos os responsáveis em questão não forem desmascarados.

Ao longo das transformações prodigiosas que ocorreram durante o ano passado, houve por vezes desordens. As desordens que se desenrolam aqui ou ali não estão ligadas. Aliás, a luta, mesmo violenta, é positiva; quando as contradições surgem claramente torna-se mais fácil resolvê-las. Esta grande Revolução tem-se efectuado com um mínimo de baixas e um máximo de vantagens.

A grande vantagem do apoio dado pelo exército à Esquerda é que assim também ele se educa... Os problemas são compreendidos através da prática de uma luta: apoiando as massas revolucionárias e as organizações da esquerda, os soldados observam as lutas entre duas linhas sob todos os aspectos que elas revestem; verificam que a luta de classes e a luta entre duas linhas também existem no seio do exército. Este problema começa a surgir assim que o exército inicia o seu apoio à esquerda, de tal maneira que este fortalece-se e o seu nível ideológico aumenta. Não devemos temer os tumultos: quantos mais houver, melhor. Com sete ou oito desordens sucessivas as coisas não podem deixar

de se resolver no melhor sentido e eficazmente. Não devemos temer as perturbações seja qual for a natureza delas, pois quanto mais as temermos mais haverá... Mas não se devem utilizar armas de fogo, isso é sempre mau.

Todo o país está agitado. Um furúnculo contém sempre um germe e portanto deve rebentar. O combate à ideologia das sumidades burguesas é um exemplo disso e esta ideologia deve ser esmagada. De outra maneira, o socialismo não poderá ser implantado e a luta-crítica-transformação serão impossíveis.

Se uma carroça se movimenta demasiado depressa a carga cai no chão. Hoje o mais importante é a realização da Grande Aliança e da Tripla União; é necessário isolar os maus elementos, os génios malfeitores, e fortificar as organizações do Partido. Penso que a convocação das organizações do Partido a todos os níveis e mesmo a do 9.º Congresso Nacional poderá realizar-se no próximo ano por esta altura. Não devemos cansar-nos nem querer evoluir demasiado depressa.

Os obstáculos à Grande Aliança são de duas espécies: a existência de responsáveis empenhados na via capitalista por um lado, e o espírito de particularismo montanhês,<sup>5</sup> a ostentação e a má vontade por outro. Quando se fundam Comitês Revolucionários, devem-se tomar medidas para dirigir correctamente os revolucionários pequenos burgueses. Quanto ao Exército de Libertação, devemos lançar a palavra de ordem de «Apoio ao Exército e de Amor pelo Povo». Se examinarmos de perto os Relatórios sobre o problema da luta armada que nos vêm de diferentes sectores, constatamos que de uma maneira geral quase não houve luta armada. Ocorreram de facto escaramuças armadas, mas alguns desses relatórios não são fundamentados

---

<sup>5</sup> Tendência de alguns grupos revolucionários para a acção independente, para a sobrevalorização dos seus interesses particulares e para o desprezo das considerações estratégicas e táticas.

— é um pouco como os relatórios sobre as calamidades naturais cujos exageros se destinam a tentar obter mais sementes... Quanto aos quadros, convém evitar a fórmula que convida a «atacar um grande número de pessoas para proteger meia dúzia» que em alguns locais continua a ser aplicada. As Grandes Alianças e a Tripla União, assim como o apoio à Esquerda, são princípios fundamentais. A transferência do poder, o exército e os quadros são os três grandes problemas do momento; onde a transferência de poder foi realizada, o maior problema é conservá-la. Se insistirmos nestas questões, a orientação geral será aplicada: de outro modo será um fracasso. É necessário empreender a crítica de massas e enfrentar os assuntos importantes. O *Bandeira Vermelha* publicou há pouco tempo um artigo importante.

Na hora actual é preciso dar um novo impulso à crítica de massa e dar-lhe a prioridade. É necessário unir a crítica dos altos responsáveis empenhados na via capitalista à dos responsáveis empenhados na via capitalista no escalão local e nos diferentes sectores. Os jornais e periódicos devem debruçar-se sobre a crítica de Liu, Teng, Tao, Peng, Luo, Lu e Yang. No exército deve-se acentuar a crítica a Liu Chao-chi, Peng Teh-huai, Ho Lung.

### 3. OS REBELDES REVOLUCIONARIOS DEVEM TRABALHAR PARA REFORMAREM A SUA CONCEPÇÃO DO MUNDO

Neste momento crucial da luta de classes, a reforma da concepção do mundo deve ser acentuada. A esquerda revolucionária tem aqui obrigações ainda mais pesadas. Se não proceder correctamente, a ideologia burguesa só será varrida daqui a muito tempo e conduzirá as coisas a uma situação muito negativa. Não acham? Já pensaram na maneira como devemos trabalhar para passar do socialismo ao comunismo? Já pensaram nisto seriamente? Se quisermos ter a certeza de que o erro de seguir a via capitalista não

volta a surgir, se nos preocuparmos realmente com os assuntos de Estado, teremos de trabalhar muito para alterarmos a nossa concepção do mundo.

Duas coisas são previamente necessárias à Grande Aliança: por um lado é necessário que ela seja feita e criada na luta, pois a luta é absoluta enquanto a unidade é relativa. Há quem diga que o povo chinês é naturalmente pacato. Não sou bem da mesma opinião: os chineses são turbulentos.

Por outro lado, a palavra de ordem «Temos razão para nos revoltarmos» não deve actualmente ser aplicada sem limites. Fazer a Revolução e proteger têm um carácter de classe. Os quadros revolucionários devem ser protegidos com toda a lucidez e audácia. Há quem diga: mais vale ser esquerdista que direitista. O «esquerdismo» que na realidade é direitismo, parece mais revolucionário do que o realismo, mas somos contra ele. É burguês, é o espírito de corrilho.

Na época do Movimento de 4 de Maio contavam-se entre as pessoas eminentes e influentes indivíduos do tipo Hu Che,<sup>6</sup> homem de esquerda que se tornou mais tarde um bôbo do imperialismo americano. Tchen Tu-sieu,<sup>7</sup> igualmente célebre durante o período do 4 de Maio de 1919, tornou-se um contra-revolucionário. Li Ta-chao<sup>8</sup> escreveu poucos artigos na época mas progrediu e tornou-se um revolucionário. O mesmo aconteceu com Lu Sin,<sup>9</sup> que aprovou lucidamente os

---

\* Hu Che: intelectual que recebeu uma formação de tipo americano, discípulo de Dewey. Foi embaixador da China nos Estados Unidos.

† Fundador do P.P.Ch, foi o seu primeiro chefe. Na China acusam-no de ter sido o responsável pelo desastre de 1927.

\* Um antigo dirigente do P.C. assassinado em 1927. Foi bibliotecário na Universidade de Pequim onde arranjou emprego para Mao Tsé-Tung.

° Lu Sin (1881 - 1936) é considerado como o maior escritor chinês moderno. A sua posição independente e combativa sempre lhe valeu a estima de Mao Tsé-Tung.

inquéritos sociais e a independência de espírito e que viria mais tarde a tornar-se um grande marxista. A história dá-nos lições. Não devemos ser vira-casacas. Devemos trabalhar com ardor, ver claro e ter ligações estreitas com as massas. É preciso saber colocar a reboque da Revolução a ideologia pequeno-burguesa presente nas nossas fileiras. Este problema chave deve ser resolvido durante a Revolução Cultural.

#### 4. A CHINA, BASE DA REVOLUÇÃO

Fabricámos depressa as armas modernas, os mísseis teleguiados e as armas atómicas, e para a bomba H necessitámos apenas de dois anos e oito meses. O nosso desenvolvimento foi mais rápido que o da América, da França e da Inglaterra. Ocupamos o quarto lugar no mundo. Os mísseis e a bomba H são grandes realizações. São o fruto da «ajuda de Khruchtchev»: ao retirar os seus técnicos especializados obrigou-nos a seguir a nossa própria via. Só por isso, merecia que o condecorássemos.

O imperialismo americano está cada vez mais isolado. Todos os povos do mundo sabem que é ele que está na origem das guerras. Todos estão contra ele, incluindo o povo americano. O revisionismo soviético tem-se desmascarado cada vez mais, principalmente na crise do Médio Oriente. Os revisionistas soviéticos utilizaram mais uma vez os métodos de Khruchtchev: enviaram 2 000 peritos militares à R.A.U. Primeiro, praticaram o aventureirismo e mandaram a sua frota de guerra. Depois conseguiram obter da R.A.U. a promessa de não ser a primeira a atacar; pelo telefone vermelho, informaram Johnson do facto — este telefone não existia no tempo de Khruchtchev. Johnson apressou-se a avisar Israel que lançou um ataque surpresa: sessenta por cento da aviação egípcia foi destruída em terra. O auxílio soviético à R.A.U. elevava-se a 2,3 biliões, mas esta acabou por ter de cessar o

combate. Aqui está um caso que mostra como são traídos os estados nacionalistas.

Actualmente existe em muitos países uma corrente anti-chinesa, o que dá a impressão de que estamos isolados. De facto, os que são anti-chineses são-no porque temem a influência chinesa e a Revolução Cultural. Combatem a China para manter os seus povos oprimidos e para desviarem dos seus fins o descontentamento popular. A oposição à China atinge o cume nos casos do imperialismo americano e do revisionismo soviético. Isto prova que não estamos isolados, mas que a nossa influência no mundo aumentou consideravelmente. Quanto mais se opuserem à China, mais estimularão as Revoluções Populares: os povos destes países sabem que a via chinesa é a da libertação. A China não deve ser apenas o centro político da Revolução mundial. Deve tornar-se o seu centro militar e técnico.

## DOCUMENTO V

Este comunicado foi publicado no final do 9.º Congresso. Foi difundido pelas edições em línguas estrangeiras sob a forma de brochura. Fiz-lhe apenas umas ligeiras alterações de estilo.

*Comunicado de Imprensa do Secretariado do Presidium  
do IX Congresso do Partido Comunista Chinês*

(24 de Abril de 1969)

O IX Congresso do Partido Comunista Chinês teve a sua sessão de encerramento na tarde de 24 de Abril.

O Presidente Mao, nosso grande dirigente, esteve presente na sessão de hoje.

O Vice-presidente Lin Piao presidiu a esta sessão.

O IX Congresso do Partido Comunista Chinês hoje reunido em Sessão Plenária elegeu o seu Comité Central. O escrutínio desenrolou-se numa atmosfera revolucionária extremamente entusiástica. No momento da leitura ao Congresso da lista dos membros eleitos, quando os nomes do nosso grande dirigente, o Presi-

dente Mao, e do seu companheiro de armas, o Vice-presidente Lin Piao, foram pronunciados, reventou em toda a sala uma tempestade de aplausos prolongados. Na alegria geral, os delegados gritaram: «Viva o grande, glorioso e justo Partido Comunista Chinês!», «Viva o IX Congresso do Partido, congresso da unidade, congresso da vitória!»; «Viva o pensamento de Mao Tsé-Tung, sempre vitorioso!»; «Longa vida ao nosso grande dirigente, o Presidente Mao!».

A partir de 15 de Abril, o Congresso abordou o terceiro ponto da sua ordem do dia; os delegados trabalharam conscienciosamente e com um grande sentido das responsabilidades. Segundo as disposições tomadas pelo Presidium do Congresso, as diversas delegações propuseram inicialmente os candidatos da sua escolha ao título de membros ou de membros suplentes do Comité Central; em seguida, o Presidium recolheu estas opiniões e preparou uma lista preliminar de candidatos; esta foi devolvida às delegações; depois de amplas consultas, foi estabelecida a lista dos candidatos; houve uma eleição preliminar antes do escrutínio secreto. A lista definitiva dos candidatos foi assim estabelecida depois de amplas consultas democráticas feitas várias vezes da base ao cume e do cume à base. Em seguida foi submetida ao Congresso pelo Presidium com vista à eleição oficial por escrutínio secreto. O processo de eleição do Comité Central pelo IX Congresso do Partido Comunista Chinês é uma expressão plena do centralismo democrático e da linha de massas praticada pelo Partido.

Entre os 170 membros e os 109 membros suplentes eleitos do Comité Central figuram revolucionários proletários da velha geração do nosso Partido e combatentes proletários que se revelaram durante a Grande Revolução Cultural Proletária. Entre eles contam-se quadros dirigentes em diversos domínios, quadros do Partido, do Governo e do Exército, comunistas eméritos que trabalham na produção nas fábricas e nos campos, heróis do Exército Popular de Libertação que

se distinguiram nos combates em defesa da pátria, comunistas que trabalham nos sectores cultural e científico, combatentes comunistas de ambos os sexos e das nossas diversas nacionalidades. Os delegados afirmaram: A composição do Comité Central saído do IX Congresso mostra com toda a evidência que, sob a grande bandeira vermelha do pensamento de Mao Tsé-Tung, o nosso Partido está mais dinâmico do que nunca e a sua unidade revolucionária apresenta-se sem precedentes.

Hoje tomaram lugar na primeira fila da tribuna os camaradas Chu En-lai, Tchen Po-ta, Kang Cheng, Kiang Tsing, Tchang Tchuen-Kiao, Yao Wen-Yuan, Sie Fu-tche, Huang Yong-cheng, Wu Fa-hsien, Ye Kiun, Wang Tong-hsing e Wen Yu-tcheng.

E também os camaradas: Tong Pi-wu, Lieu Po-tcheng, Chu Teh, Tchen Yun, Li Fu-tchuen, Tchen Yi, Li Sien-nien, Siu Hsiang-tsien, Nié Jong-tchen e Yé Kien-ying.

Cheios de alegria, os delegados declararam: Levantando alto a grande bandeira vermelha do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-Tung, o nosso Congresso estudou conscienciosamente e com seriedade a teoria do Presidente Mao sobre a continuação da Revolução sob a ditadura do proletariado, passou em revista as grandes vitórias da Revolução Cultural Proletária no nosso país, fez o balanço da experiência fundamental desta Revolução e definiu as tarefas e os princípios políticos do Partido no plano nacional e das actividades deste no plano internacional; e hoje, elegeu o novo Comité Central. Tudo isto constitui uma concretização perfeita, no plano político, ideológico e orgânico do apelo lançado pelo presidente Mao: «Este congresso será um Congresso da unidade, um Congresso da vitória». O presente Congresso terá na história do nosso Partido uma influência profunda e durável. Depois deste Congresso, sob a direcção do nosso grande dirigente, o Presidente Mao, e do Comité Central saído do IX Congresso do Partido à testa do qual está o

Presidente Mao, com o Vice-presidente Lin Piao como chefe adjunto, estamos certos de que «alcançaremos vitórias ainda maiores em todo o país».

O Congresso considera que é necessário conduzir de uma maneira mais profunda, à escala nacional, o grande movimento de massas para o estudo e aplicação vivo do pensamento de Mao Tsé-Tung, estudar conscienciosamente os discursos importantíssimos pronunciados no Congresso pelo Presidente Mao, estudar conscienciosamente o relatório político do Vice-presidente Lin Piao, estudar conscienciosamente os Estatutos do Partido Comunista Chinês, estudar a experiência histórica da luta entre duas linhas que se desenrola no seio do Partido desde há quarenta e oito anos e sobretudo desde o início da Revolução socialista. Para a realização deste estudo, é necessário compreender completamente a situação, as tarefas e os princípios políticos, prosseguir em profundidade a crítica da linha revisionista contra-revolucionária de Liu Chao-chi e liquidar definitivamente a sua influência nociva, a fim de que todo o Partido, todo o exército e as populações de todas as nossas nacionalidades consigam, guiadas pela grande bandeira vermelha do pensamento de Mao Tsé-Tung, «unificar os pontos de vista, as medidas políticas, os planos, o comando e as acções». É esta a garantia fundamental que permitirá realizar as diferentes tarefas propostas pelo Congresso e alcançar vitórias ainda maiores.

O Congresso chama todo o Partido, todo o Exército e as populações de todas as nossas nacionalidades a aplicarem resolutamente a linha revolucionária proletária do Presidente Mao, a prosseguirem na consolidação e na fortificação da ditadura do proletariado, a levarem até ao fim a Revolução no domínio da superestrutura, principalmente em sectores como a educação, a literatura e a arte, a imprensa e a saúde públicas, a realizarem as tarefas da luta-crítica-transformação que o Vice-presidente Lin Piao formulou no seu relatório político. É necessário ter confiança nas

massas, procurar o seu apoio e respeitar o seu espírito de iniciativa. É preciso que estas tarefas sejam metodicamente realizadas, com profundidade e minúcia, realmente e de uma maneira racional, em cada fábrica, cada escola, cada comuna popular e cada unidade. É necessário analisar concretamente a situação existente nos diversos locais, ter em conta o desenvolvimento desigual do movimento, estabelecer os planos para a realização à escala nacional das tarefas que se impõem nas diferentes etapas da luta-crítica-transformação.

O Congresso apela para que os quadros dirigentes nos diferentes escalões do Partido e do Exército, tenham assim sempre presente no espírito este ensinamento do Presidente Mao: *A política e a táctica são a própria vida do Partido*, e para que apliquem conscienciosamente os diferentes princípios políticos proletários por ele estabelecidos. É necessário reforçar, sob a direcção do proletariado, a aliança dos operários e dos camponeses, reeducar os intelectuais, ganhar e unir ao nosso campo todos os que são susceptíveis de ser unidos com vista a lutarmos em conjunto contra o inimigo. É necessário seguir os desenvolvimentos da luta de classes entre o proletariado e a burguesia, combater o punhado de contra-revolucionários que tentam em vão operar uma restauração, lutar contra as tendências erradas «de esquerda» ou de direita, tendências que vão contra os princípios políticos do Presidente Mao, é necessário contrariar as diversas manifestações da concepção burguesa do mundo.

O Congresso convida todos os camaradas do Partido e os Comités Revolucionários de todos os escalões a aplicarem conscienciosamente a linha de massas, a seguirem o método científico, marxista, preconizado pelo Presidente Mao, que consiste em fazer inquéritos e investigações sobre as condições sociais, em analisar e resolver as contradições com o auxílio da fórmula materialista-dialéctica: «um divide-se em dois». É necessário distinguir os dois tipos de contradições de

natureza diferente, as contradições entre o inimigo e nós e as contradições no seio do povo, saber resolver de uma maneira apropriada as contradições de natureza diferente por métodos diferentes. Quando se pretende resolver um problema, é necessário ter em conta o aspecto positivo e o aspecto negativo desse problema; quando se segue uma tendência principal é necessário que simultaneamente se procure descobrir se essa tendência não esconde outra; é preciso ter uma perspectiva muito clara da corrente principal e consagrar-lhe todos os esforços ao mesmo tempo que se resolvem um por um os problemas levantados pela corrente não principal. Os camaradas dirigentes de todos os escalões devem manter-se ao corrente do conjunto da situação, esforçar-se por erigir exemplos-tipo, fazer o balanço da experiência adquirida e seguir de perto os novos desenvolvimentos da situação; devem conduzir o trabalho de uma forma aprofundada e minuciosa e superar a tendência para se limitarem às generalidades. Na vitória, os nossos camaradas devem perseverar no seu estilo de vida simples e de luta árdua; continuarem a ser modestos e prudentes, evitando ser presunçosos e irreflectidos; devem estar de sobreaviso contra as balas polvilhadas de açúcar da burguesia e contra as tentativas desta para corromper e dividir o nosso Partido e as nossas fileiras revolucionárias.

O IX Congresso do Partido Comunista Chinês dirige calorosamente a sua saudação revolucionária proletária aos operários, camponeses pobres e médios-pobres, Guardas Vermelhos, quadros revolucionários e intelectuais revolucionários de todo o país que realizaram grandes proezas ao longo da Grande Revolução Cultural Proletária, assim como aos comandantes e combatentes do Exército Popular de Libertação que realizaram altos feitos na defesa do território nacional e no trabalho de *san-zhi-liang-jun* («apoio à indústria, à agricultura e às grandes massas da esquerda»; «controlo militar, instrução política e militar»). Dirige as suas saudações sinceras aos chineses patriotas resi-

dentes no estrangeiro e aos de Hong Kong e de Macau, aos nossos compatriotas de Taiwan que vivem sob a opressão e a exploração dos reaccionários americanos-tchiangkaichistas e a todos os que apoiam o socialismo, amam a pátria e desde há muito tempo dão uma contribuição útil à Revolução e à edificação do país. O Congresso chama a classe operária, os camponeses pobres e médios-pobres e as populações das nossas diversas nacionalidades a edificarem o socialismo persistindo nos princípios seguintes: *independência e autonomia; contar apenas com as suas próprias forças; fazer todos os esforços; avançar sempre em frente; quantidade, rapidez, qualidade e economia; chama-os a promoverem um novo impulso da Revolução e da produção traduzindo em actos o princípio: fazer a Revolução e promover a produção, melhorar o trabalho, activar os nossos preparativos na previsão de uma guerra; chama-os a alcançarem novas vitórias nos três grandes movimentos revolucionários que são a luta de classes, a luta pela produção e a experimentação científica.*

O IX Congresso do Partido Comunista Chinês dirige calorosamente a sua saudação de combate ao heróico Partido do Trabalho da Albânia assim como aos outros Partidos e grupos irmãos autenticamente marxistas-leninistas do mundo inteiro; aos povos revolucionários dos cinco continentes que travam uma luta heróica contra o imperialismo à testa do qual estão os Estados Unidos, contra o revisionismo moderno, que tem por centro a pandilha dos renegados revisionistas soviéticos e contra a reacção de todos os países; ao heróico povo vietnamita que continua a sua guerra de resistência contra a agressão americana pela libertação da pátria. O Congresso proclama solenemente que o Partido Comunista Chinês, forjado e educado pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao, permanecerá sempre fiel ao *internacionalismo proletário*; apoia resolutamente a luta revolucionária do proletariado mundial e dos povos e nações oprimidas do

mundo inteiro. Estamos determinados a unir-nos com todos os marxistas-leninistas autênticos do mundo inteiro, com o proletariado mundial e todos os povos revolucionários para quebrar completamente a trama forjada conjuntamente pelos Estados Unidos e pela União Soviética com vista a uma nova partilha do mundo e para levar até ao fim a grande luta contra o imperialismo, o revisionismo e a reacção.

O imperialismo americano, o revisionismo soviético e todos os reaccionários são tigres de papel. Não escaparão ao seu fim inelutável. As dificuldades com que se deparam são insuperáveis. A causa revolucionária dos povos do mundo triunfará. Temos perfeita consciência de que encontraremos ainda na nossa marcha toda a espécie de dificuldades e vicissitudes e que os reaccionários, tanto do interior como do exterior, vão ainda, na sua agonia, debater-se desesperadamente. Mas tudo isto não impedirá que a nossa grandiosa causa socialista avance triunfalmente. Armados do pensamento de Mao Tsé-Tung, o povo chinês e o Exército Popular de Libertação da China são invencíveis. Havemos de libertar Taiwan! Temos a firme determinação de defender o território e a soberania da nossa grande pátria! As tramas, as sabotagens e as agressões desavergonhadas dos imperialistas americanos, dos revisionistas soviéticos e dos reaccionários do exterior, assim como as actividades de boicote dos reaccionários internos, serão completamente esmagados sob os punhos de ferro do povo chinês e do Exército Popular de Libertação da China, que estão plenamente preparados para essa tarefa! A nossa época é aquela em que o imperialismo se aproxima da sua derrota total e em que o socialismo avança para a vitória no mundo inteiro; é a grande época da vitória, à escala mundial, do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-Tung. Sigamos de perto o Presidente Mao, nosso grande dirigente, avancemos e alcancemos novas vitórias, cada vez maiores!

Viva a vitória do IX Congresso do Partido!

Viva a vitória da Grande Revolução Cultural Proletária!

Viva a ditadura do proletariado!

Proletários de todos os países, uni-vos!

Proletários de todos os países, povos e nações oprimidas, uni-vos!

Abaixo o imperialismo americano! Abaixo o revisionismo soviético! Abaixo os reaccionários de todos os países!

Viva a grande união das populações de todas as nossas nacionalidades!

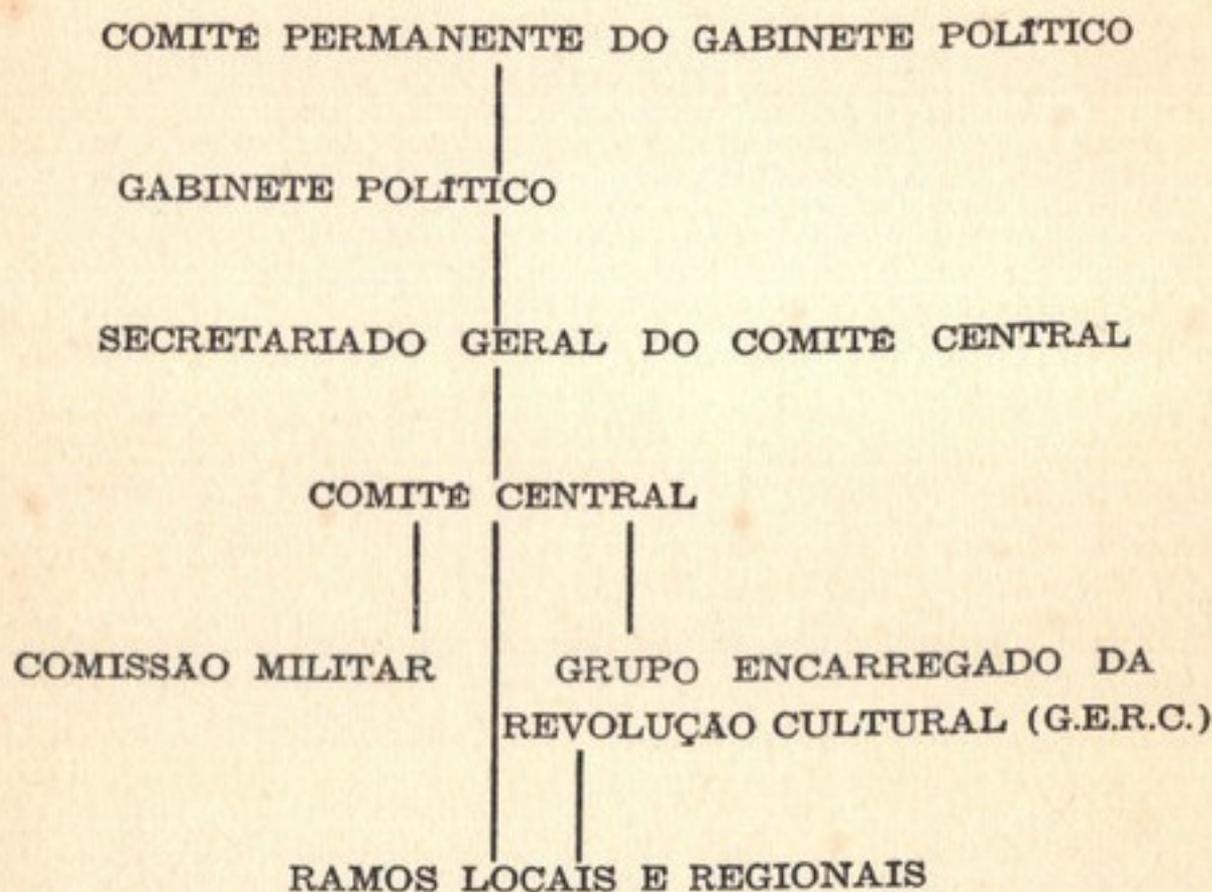
Viva a grande solidariedade de todos os povos do mundo!

Viva o marxismo, o leninismo e o pensamento de Mao Tsé-Tung invencíveis!

Viva o grande, glorioso e justo Partido Comunista Chinês!

Viva o nosso grande dirigente, o Presidente Mao!  
Que a sua vida seja longa, muito longa!

# I. QUADRO DA ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS DURANTE A REVOLUÇÃO CULTURAL



*N. B.* — Durante a Revolução Cultural, a Comissão militar e o G.E.R.C. desempenharam um papel activo, sobretudo o segundo organismo, enquanto que as instâncias superiores tradicionais (Comité Central, Secretariado Geral, Gabinete Político) permaneceram mais apagadas, o que não significa inactivas.

## II. QUADRO CRONOLÓGICO DO DESENVOLVER DA REVOLUÇÃO CULTURAL

De 10 de Nov. de 1965 a Abril de 1966	Crítica de Wu Han e resistência de Peng Cheng	10 de Nov. de 1965. Publicação em Xangai de «A propósito da nova peça histórica: «A Destituição de Hai Juei» Plano de Fevereiro de 66, de Peng Cheng
De Abril de 1966 a Junho de 1966	Crítica de Peng Cheng e da Pandilha Negra Início da R.C. nas Universidades	<i>Circular do 16 de Maio 27 de Maio de 66: 1.º dazibao marxista - leninista nacional na Universidade de Pequim</i>
De Junho de 1966 a Julho de 1966	Época dos Grupos de Trabalho dirigidos por Liu e Teng Os Cinquenta Dias	<i>17 de Julho: Mao Tsé-Tung regressa a Pequim</i>
De 1 a 12 de Agosto de 1966	Realização da 11.ª sessão plenária do C.C.	Condenação dos Grupos de Trabalho. Liu Chao-chi e Teng Hsiao-ping recuam <i>8 de Agosto de 66: Adopção e publicação da Declaração em 16 pontos</i>

## SEGUNDA FASE

Agosto e Setembro de 1966	Aparecimento da Guarda Vermelha e manobras de Tao Chu Tropas revolucionárias Deslocação dos Guardas Vermelhos O movimento de contestação atinge as fábricas	<i>18 de Agosto de 1966:</i> Primeira grande assembleia dos guardas vermelhos em Tien An Men
De Outubro a Dezembro de 1966	A classe operária entra na R.C. Promove-se a crítica a Liu e Teng Resistência da facção liunista Cisão da Guarda Vermelha Incidentes em Xangai Contra-ofensiva revolucionária Cartazes contra Tao Chu	<i>3 de Outubro de 66:</i> Publicação do editorial n.º 13 do «Bandeira Vermelha», que apela para a luta contra a linha liunista <i>23 de Outubro de 1966:</i> Autocrítica de Liu Chao-chi <i>9 de Novembro de 1966:</i> Incidente de Anjing

## TERCEIRA FASE

De Janeiro a Fevereiro de 1967	Revolução de Janeiro em Xangai A transferência do poder efectuada em Xangai alastra pela China Criação de Comitês Revolucionários Aparição de tendências espontaneístas	<i>31 de Janeiro:</i> Comité Revol. de Heilong-Kiang <i>5 de Fevereiro:</i> Comuna de Xangai <i>13 de Fevereiro:</i> Comité Revolucionário de Kueitchéu
Fevereiro a Março de 1967	Campanha de rectificação das organizações de massa Reacção direitista de Fevereiro Ofensiva Revolucionária As autoridades apelam para a Grande Aliança e para a unidade	<i>22 de Fevereiro.</i> Congresso dos Guardas Vermelhos <i>2 de Março:</i> Comité Revol. de Chantung <i>18 de Março:</i> Comité Revol. de Chansi <i>Meados de Março:</i> Importante reunião dos or-

Esboça-se um conflito no seio do G.E.R.C.

De fim de Março a Abril de 1967

A imprensa oficial ataca Liu Chao-chi por meias palavras  
Crítica do livro de Liu Chao-chi  
Começo da crítica revolucionária de massa

De 1 de Maio a 15 de Junho de 1967

Conflito no seio do G.E.R.C. entre ultra-esquerdistas e a tendência de Chu En-lai; as forças maoístas tendem a dividir-se  
Nas organizações de massa também se verificam cisões

Julho-Agosto de 1967

Propaga-se a tendência espontaneísta, representada tanto no G.E.R.C. como nas organizações de massa  
Cisões múltiplas  
Ataques contra o exército  
Surgem em Pequim cartazes contra Chu En-lai

Setembro de 1967

Depois de uma viagem pela província, Mao regressa a Pequim e dá numerosas e importantes directivas. Apoio a Chu En-lai e ao exército. Exclusão dos ultra-esquerdistas do G.E.R.C.  
Anuncia-se que a fracção liunista sofreu uma derrota decisiva

ganismos dirigentes para debate do conjunto dos problemas surgidos no decurso do trimestre

*22 de Março:* Congresso dos operários

*1 de Abril:* Publicação de «Patriotismo ou Derrotismo»

*20 de Abril:* Criação do Comité Revolucionário de Pequim

*20 de Julho:* Incidente de Wuhan

*5 de Agosto:* Autocrítica de Liu Chao-chi

*20 de Agosto:* Alastra a violência em Cantão

*22 de Agosto:* Incêndio da chancelaria britânica em Pequim

## QUARTA FASE

De Setembro de 1967 a Fevereiro de 1968	<p>Reorganização</p> <p>Reforço da vigilância revolucionária</p> <p>Criação dos estágios para estudo do pensamento de Mao Tsé-Tung</p> <p>Criação de novos Comités Revolucionários e fortalecimento dos antigos</p> <p>Luta contra o fraccionismo</p> <p>Apelo para a remodelação das organizações do Partido</p> <p>Início da transformação pedagógica</p>	<p><i>1 de Outubro de 1967:</i> Lin Piao profere um discurso anunciando os estágios de estudo</p> <p><i>1 de Novembro:</i> Comité revolucionário na Mongólia Interior</p> <p><i>20 de Janeiro:</i> Comité Revolucionário em Wuhan</p> <p><i>21 de Fevereiro:</i> Comité Revolucionário em Cantão e na província de Kuang Tung</p> <p><i>28 de Janeiro:</i> Editorial do <i>Diário do Exército:</i> «Apoiar a esquerda e não as facções»</p>
---	---	---

## QUINTA FASE

De Fevereiro a Abril de 1968	<p>2.<sup>a</sup> contracorrente de Fevereiro</p> <p>Sie Fu-tche atacado por alguns grupos da capital e defendido por outros, recebe o apoio dos organismos centrais</p> <p>Com o pretexto de combater o esquerdismo, desenvolve-se uma corrente de direita que visa reabilitar os revisionistas</p>	<p><i>Princípio de Fevereiro (?) de 1968:</i> Destituição de Tsi Pen-yu</p> <p><i>18 de Março:</i> O <i>Diário do Povo</i> publica na 1.<sup>a</sup> página o retrato de Sie Fu-tche</p> <p><i>Meados de Março de 1968:</i> Destituição de três chefes militares importantes</p>
De Abril a Julho de 1968	<p>Luta contra a 2.<sup>a</sup> contracorrente</p> <p>O fraccionismo renasce nas universidades</p>	<p><i>Fins de Março - Princípios de Abril:</i> Apelo de Mao à defesa dos Comités Revolucionários e a não temer o fraccionismo que contém um elemento de luta de classes</p> <p><i>27 de Abril:</i> O <i>Diário do Povo</i> publica um ar-</p>

Entrada das equipas operárias de controlo nas universidades e depois na administração e nos serviços culturais

tigo intitulado: «Fazer a análise de classe do espírito de facção»

*Meados de Julho:* A primeira equipa operária entra na Universidade de Tsinghua

De Julho a Outubro de 1968

Os comités revolucionários implantam-se

No dia 1 de Outubro, todo o país está coberto por uma rede de Comités revolucionários

A 12.ª sessão plenária do C.C. proclama a destituição de Liu Chao-chi e faz um primeiro balanço da R.C.

*5 de Setembro:* Comités Revolucionários no Sinkiang e no Tibete

*7 de Setembro:* Manifestação comemorativa em Pequim

*Meados de Outubro:* O *Bandeira Vermelha* publica «A transfusão de sangue proletário»

*13 - 31 de Outubro:* 12.ª sessão plenária do C.C.

## SEXTA FASE

De Outubro de 1968 a Abril de 1969

Fase de preparação do Congresso, da transformação do ensino, da vida administrativa e do modo de gestão das empresas

Reorganização do Partido

Reforço dos Comités Revolucionários

Abril de 1969

Realização do 9.º Congresso do Partido Comunista

Eleição de um novo C.C. e adopção de novos estatutos

*1 de Abril:* Abertura do Congresso

*14 de Abril:* Aprovação dos estatutos

*23 de Abril:* Designação do novo C.C. e encerramento do Congresso

### III. GLOSSÁRIO DOS TERMOS DA POLÍTICA CHINESA<sup>1</sup>

«Agitar a bandeira vermelha para se opôr à bandeira vermelha»

*Da Hongqi Fon Hongqi*

Esta expressão, muito frequentemente empregada na China, designa uma manobra dos adversários de Mao Tsé-Tung que consiste em dissimular os seus verdadeiros objectivos e a fazerem-se passar por partidários de Mao Tsé-Tung.

Pandilha Negra  
*Hei Bang*

A fracção de dirigentes do Partido de que Peng Cheng e Lu Ting-yi eram os principais representantes.

Quadro  
*Gonbu*

Em geral, um membro do Partido com responsabilidades administrativas. Em chinês esta palavra pode ter outras acepções que deixei de parte nesta obra.

Conservador  
*Bao Shu Pai*

Indivíduo ou grupo que, nos debates da Revolução Cultural, procura justificar os responsáveis pela administração da sua fábrica ou da sua escola e os métodos de trabalho destes que são criticados.

---

<sup>1</sup> As traduções das palavras chinesas são por vezes enganadoras, porque estas palavras tomam por vezes noutras línguas um sentido mais ou menos vasto e, muitas vezes, uma conotação cultural ou política diferente.

Democracia proletária  
*Wuchan Jieji*  
*Da Minzhu*

Na China popular, a democracia é concebida como a liberdade de expressão das diversas opiniões, a liberdade de organização para as defender e para as fazer triunfar, a liberdade de criticar qualquer dirigente quando se pensa que este se afasta da via revolucionária. Mas esta liberdade é correlativa do regime da ditadura do proletariado, da sua defesa e do seu reforço ideológico e político. Estes elementos não são contestados enquanto tais

Direitista  
*Yu Pai*

Indivíduo que exprime ou demonstra uma tendência para a conciliação directa ou indirecta com a burguesia.

*Dazibao*

Termo chinês que significa: «Jornal de grandes caracteres». Espécie de cartazes afixados nas ruas por indivíduos ou grupos para exprimirem os seus pontos de vista sobre os problemas políticos.

Economismo  
*Jingji Zhuyi*

Tendência para desprezar o aspecto político ou moral de uma luta para só ver as vantagens que ela pode trazer no domínio dos salários e do bem estar. Na China, manobra tendente a encorajar esta tendência entre operários e camponeses, para os desviar do combate contra a fracção liunista.

Guarda Vermelha  
*Hong wei bing*  
ou  
Pequeno General  
*Xiao Jiang*

Organização composta quase exclusivamente por alunos dos liceus, por estudantes universitários e por professores, organizada na clandestinidade em Julho de 1966 e que passou a actuar abertamente em Agosto do mesmo ano. Este termo não se deve empregar para designar operários ou empregados participantes na Revolução Cultural (Ver *Rebeldes*).

Trocas revolucionárias  
*Chuenlian*

Deslocações efectuadas por revolucionários para informar os revolucionários de outra região do que se passa nas suas respectivas terras ou para saberem o que se passa no sítio para onde vão. Estas trocas que visam coordenar a luta de diver-

nas regiões ou cidades contra um mesmo dirigente do Partido, foram muito frequentes durante um certo período e beneficiaram de transportes gratuitos.

De acordo com Lenine, designa os que subestimam o papel do Partido Comunista na Revolução e a necessidade da existência de uma organização e de chefes e que, pelo contrário, sublinham a capacidade das massas populares para lutarem espontaneamente pelos seus próprios meios.

Ver *Rebeldes e Revolucionários Proletários*.

Durante a Revolução Cultural, criaram-se numerosas organizações de massa que depois se dividiram em tendências. O Partido exortou-as frequentemente a unirem-se. Quando numa fábrica ou numa escola as diferentes organizações se fundiam e acolhiam nas suas fileiras alguns quadros do Partido, chamava-se a isso a Grande Aliança.

Equipas de quadros enviados para certas fábricas e Universidades no início da Revolução Cultural que reprimiram o Movimento de Crítica Revolucionária e cuja acção foi em seguida vivamente denunciada, como inspirada por Liu Chao-chi.

Comité de Acção Unida dos Guardas Vermelhos da Capital. Organização de guardas vermelhos composta essencialmente por filhos de altos funcionários, que se opôs violentamente a outros Guardas Vermelhos apoiados pelo Grupo Encarregado de dirigir a Revolução Cultural (G.E.R.C.).

Conjunto das manifestações da linha política de Liu Chao-chi antes e durante a Revolução Cultural. Esta linha política é considerada como ligada a interesses de forças sociais hostis ao socialismo e constituídas por resíduos da burguesia tradicio-

Esquerdista ou esquerda na aparência e direita na realidade

*Xing Zuo Shi Yu*

Esquerda proletária

Grande Aliança  
*Da Lianhe*

Grupos de trabalho  
*Gongzuozu*

*Liandong*  
(abreviação de  
*Lianhe Xingdong*  
*Weiyuanhui*)

Linha reaccionária burguesa  
*Zichan Jieji Fandong Luxian*

nal e de uma neo-burguesia que tem tendência a nascer no aparelho do Partido e do Estado.

Linha revolucionária proletária  
*Wuchan Jieji Geming Luxian*

O oposto da linha reaccionária burguesa: é encarnada por Mao Tsé-Tung

Linha negra  
*Hei Luxian*

Conjunto das medidas tomadas pela Pandilha Negra. É uma variedade da linha reaccionária burguesa, e exerceu-se muito particularmente no domínio cultural e artístico. O seu principal representante é Peng Cheng, antigo presidente do município de Pequim.

Massas  
*Qunzhong*

Designa na China os simples trabalhadores e os estudantes, por oposição aos quadros detentores de responsabilidades. De uma maneira geral, esta palavra tem um sentido idêntico ao que lhe damos no Ocidente; o sentido chinês não implica porém um grande número de pessoas. Num escritório em que trabalham 20 pessoas, fala-se das «massas do escritório».

Monárquico  
*Baohuangpai*

Designa normalmente indivíduos ou grupos que defendem acesamente quadros do Partido Comunista detentores de responsabilidades e acusados de contra-revolucionários. Em princípio, é mais grave ser-se «monárquico» do que conservador.

Maoístas  
Maoísmo

Por razões complexas, os chineses recusam-se a chamar «maoísmo» à doutrina de Mao Tsé-Tung, que preferem designar por pensamento de Mao Tsé-Tung e, mais recentemente, por: pensamento Mao Tsé-Tung. Empreguei portanto o termo maoísmo sob minha responsabilidade, embora não seja utilizado na China Comunista.

Organização de massas  
*Qunzhong Zuh*

Uma organização de massas distingue-se de uma organização do Partido Comunista, porque em princípio tem por objectivo acolher o maior número de pessoas possível — membros ou não do Partido Comu-

nista. Um sindicato é uma organização de massas. Os grupos de «rebeldes» ou de Guardas Vermelhas criados durante a Revolução Cultural eram organizações de massas que tinham por finalidade mobilizar o maior número de pessoas possível para a luta contra a facção liunista.

Grande Revolução  
Cultural Proletária

*Wuchan Jieji*  
*Wenhua Da Ge-*  
*ming*

A tradução deste termo ressent-se do sentido da palavra cultura no Ocidente, que engloba a noção do grau de civilização atingido por um povo num determinado estágio da sua história. Revolução da civilização ou Revolução das superestruturas culturais, mas também administrativas, pedagógicas, políticas, jurídicas e éticas daria uma ideia mais exacta daquilo que os chineses entendem por este termo, cujo uso impôs.

Rebeldes ou Revo-  
lucionários prole-  
tários

*Tsaofan Pai Wu-*  
*chan Jieji Geming*  
*Zaofan Pai*

Todos aqueles que defendem a linha revolucionária de Mao Tsé-Tung e que criticam os *Zu Zi Pai* (ver esta palavra). Pode de facto designar qualquer pessoa empenhada na Revolução Cultural, pois cada um dos seus participantes se considera ou pelo menos se afirma tal. Pode designar indiferentemente operários, intelectuais ou camponeses. Tem portanto um sentido menos restrito que o de Guarda Vermelho (ver este termo), pelo qual os jornalistas estrangeiros erradamente o substituem.

Rectificação  
*Zhengfena*

Operação política levada a cabo numa organização de massas ou num ramo do Partido, para corrigir erros ou abusos cometidos num período precedente e criticar os seus autores.

Revisionista  
*Xiurheng Zhuyi-*  
*zhe*

Aquele que põe em causa os princípios do Marxismo e procura conciliá-los com doutrinas políticas ou filosóficas opostas. Na China, os dirigentes soviéticos são assim designados. Durante a Revolução Cultural, este termo foi sinónimo de *Zu Zi Pai*.

<p>Servilismo ou Teoria do instrumento dócil <i>Muli Zhuyi Nulizhuyi</i></p>	<p>Teoria de Liu Chao-chi segundo a qual um militante comunista deve obedecer incondicionalmente aos seus superiores.</p>
<p>Estimulantes materiais <i>Wuzhi Ciji</i></p>	<p>Incitamento ao trabalho baseado na promessa de prémios ou percentagens em dinheiro.</p>
<p>Tripla União <i>Sanjiehe</i></p>	<p>Nos Comitês Revolucionários, novos órgãos do poder criados durante a Revolução Cultural, <math>\frac{1}{3}</math> das responsabilidades são confiadas aos representantes das organizações de massas, <math>\frac{1}{3}</math> aos quadros do Partido e <math>\frac{1}{3}</math> aos militantes e aos membros da Milícia. É a isso que se chama a Tripla União.</p>
<p><i>Wudu</i></p>	<p>Luta travada por meios não-violentos; denúncia através de jornais murais, panfletos, jornais ou críticas verbais, reuniões, etc.</p>
<p><i>Wuduo</i></p>	<p>Opõe-se ao precedente e designa as batalhas entre grupos opostos e nas quais são utilizadas barras de ferro, lanças ou armas de fogo. Uma das palavras de ordem da Revolução Cultural, cuja aplicação foi bastante desigual, afirmava a necessidade de lutar pelo <i>Wudu</i> e de se opôr ao <i>Woduo</i>.</p>
<p><i>Zu Zi Pai</i></p>	<p>Estes três caracteres são uma abreviação cuja tradução é: responsável do Partido comprometido na via capitalista. Trata-se dos detentores de lugares de direcção nos organismos do Partido que seguem uma orientação política e utilizam métodos que podem conduzir à degenerescência do regime socialista e ao restabelecimento do capitalismo. Liu Chao-chi é considerado o <i>Zu Zi Pai</i> n.º 1.</p>

#### IV. QUADRO DOS PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS DA POLÍTICA CHINESA E DA SUA POSIÇÃO DURANTE A REVOLUÇÃO CULTURAL\*

##### A «PANDILHA NEGRA», PRIMEIRO ALVO DA REVOLUÇÃO CULTURAL

###### *Peng Cheng*

Presidente da Câmara de Pequim  
Membro do Gabinete Político

###### *Lu Ting-yi*

Vice-primeiro ministro  
Membro do Gabinete Político  
Responsável pela propaganda e pela pedagogia

###### *Luo Juei King*

Chefe do estado-maior

###### *Yang Chang-kuen*

Secretário do Comité Central

###### *Wu Han*

###### *Teng Tuo*

###### *Liao Mo-cha*

Jornalistas  
Vice-presidentes da Câmara de Pequim

##### A FACÇÃO LIUNISTA, PRINCIPAL ALVO DA REVOLUÇÃO CULTURAL

###### *Liu Chao-chi*

Presidente da República  
Vice-presidente do Partido Comunista Chinês  
Membro do Gabinete Político

###### *Teng Hsiao-ping*

Secretário geral do Comité Central  
Membro do Gabinete político

###### *Tao Chu*

Membro do Gabinete político  
Responsável do G.E.R.C. até Dezembro de 1966

###### *Tan Chen-lin*

Membro do Gabinete político  
Vice-primeiro Ministro  
Ministro da Agricultura

\* Este quadro fornece os títulos dos protagonistas dos acontecimentos descritos neste livro até ao 9.º Congresso. Após este congresso, alguns foram destituídos e outros promovidos a funções mais elevadas.

TENDÊNCIA ULTRA-ES-  
QUERDISTA NO SEIO DO  
G.E.R.C., ELIMINADA EM  
SETEMBRO DE 1967:

*Wang Li*

Membro do G.E.R.C., res-  
ponsável pela propaganda  
Redactor do *Bandeira Ver-  
melha*

*Kuang Feng*

Membro do G.E.R.C.  
Redactor do *Bandeira Ver-  
melha*

*Lin Kié*

Membro do G.E.R.C.

*Tsi Pen-yu*

Membro do G.E.R.C.  
Redactor do *Bandeira Ver-  
melha*

A DIRECÇÃO MAOÍSTA

*Mao Tsé-Tung*

Presidente do Partido Co-  
munista Chinês

*Lin Piao*

Vice-presidente do Partido  
Comunista  
Vice-primeiro Ministro  
Ministro da Defesa Nacional

*Chu En-lai*

Primeiro Ministro  
Vice-presidente do Partido  
Membro do Gabinete pol-  
tico

*Tchen Po-ta*

Membro suplente do Gabi-  
nete Político  
Chefe do G.E.R.C.  
Chefe de redacção do *Ban-  
deira Vermelha*

*Kaing Tsing*

Chefe-adjunto do G.E.R.C.  
(Mulher de Mao Tsé-Tung)

*Yao Wen-yuan*

Membro do G.E.R.C.  
Jornalista  
Responsável do Comité Mu-  
nicipal de Xangai

*Kang Cheng*

Conselheiro do G.E.R.C.  
Membro suplente do Gabi-  
nete Político

*Tchang Tchuen-giao*

Responsável do Comité Mu-  
nicipal de Xangai  
Chefe-adjunto do G.E.R.C.

## INDICE

### CAPITULO III

#### DE ABRIL A SETEMBRO DE 1967: O GRANDE TUMULTO

##### 1. DE ABRIL A JUNHO DE 1967

I. A Grande Crítica Revolucionária de Massa	11
II. As contradições persistem ... ..	23
III. O problema do Exército ... ..	35

##### 2. JULHO E AGOSTO DE 1967. O INCIDENTE DE WUHAN E A OFENSIVA DOS ULTRA-ESQUER- DISTAS

I. Os acontecimentos de Wuhan ... ..	43
II. A ofensiva dos ultra-esquerdistas ... ..	55

##### 3. SAO VENCIDOS OS ÚLTIMOS OBSTACULOS

I. A nova intervenção de Mao Tsé-Tung ... ..	71
II. O restabelecimento da ordem ... ..	75

### CAPITULO IV

#### DE 1 DE OUTUBRO DE 1967 A 24 DE ABRIL DE 1969 DE UMA VITÓRIA DECISIVA A VITÓRIA FINAL

## 1. DE OUTUBRO DE 1967 A FEVEREIRO DE 1968

- I. A luta contra o fraccionismo ... .. 97

## 2. DE FEVEREIRO A JULHO DE 1968:

### REAPARECE UMA CORRENTE DE DIREITA

- I. A Revolução prossegue num clima pacífico ... 113  
II. A segunda contra-corrente de Fevereiro ... 117  
III. A vitória da esquerda ... .. 127

## EPILOGO

- O 9.º Congresso do Partido Comunista Chinês ... 139

- CONCLUSÃO ... .. 147

## ANEXOS

- I. As «Palestras da noite em Yenchan», de Teng Tuo, selecção de subentendidos anti-Partido e anti-socialistas ... .. 159  
II. Circular do Comité Central do P.C.Ch. ... .. 171  
III. Decisão do C.C. do P.C.Ch. sobre a Grande Revolução Cultural Proletária . ... .. 183  
IV. Mao Tsé-Tung analisa a Revolução Cultural ... 199  
V. Comunicado de imprensa do Secretariado do Presidium do IX Congresso do Partido Comunista Chinês ... .. 211  
Quadro da organização do Partido Comunista Chinês durante a Revolução Cultural ... .. 221  
Quadro cronológico do desenrolar da Revolução Cultural 223  
Glossário dos termos da política chinesa ... .. 229  
Quadro dos principais responsáveis da política chinesa e da sua posição durante a Revolução Cultural ... 235

Este livro acabou de se imprimir  
em Julho de 1974 para a  
EDITORIAL PRESENÇA, LDA.  
na *Empresa Gráfica Feirense, L.da*  
VILA DA FEIRA

A Revolução Cultural proletária chinesa apresenta diversas linhas de força. Uma é a transformação do ensino de maneira a que se extinga a separação entre trabalho intelectual e manual. A finalidade do ensino não deve ser a de formar a curto prazo os gestores de que a sociedade precisa, mas a de criar um homem novo, física e moralmente apto e que seja simultaneamente um trabalhador e um intelectual. Esta transformação dos métodos pedagógicos está hoje em curso na China.

Mas o que esteve no centro da Revolução Cultural foi o problema das relações entre dirigentes e dirigidos, entre o poder e o povo. Mao Tsé-Tung sublinhou que a resolução deste problema constituía uma revolução política e, ao longo da Revolução Cultural, a imprensa não se cansou de lembrar que era esta a questão fundamental.